

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Área de Concentração: Política, Movimentos Populacionais e Sociais

TIAGO JOÃO JOSÉ ALVES

A PÁTRIA SOCIALISTA: A URSS
SOB O IMAGINÁRIO DO PCB (1946-1953)

Maringá

2011

Universidade Estadual de Maringá
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação em História

TIAGO JOÃO JOSÉ ALVES

**A PÁTRIA SOCIALISTA: A URSS
SOB O IMAGINÁRIO DO PCB (1946-1953)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.
Orientador: Professor Doutor Reginaldo Benedito Dias.

Maringá, 2011.

AGRADECIMENTOS

A realização do presente trabalho só foi possível graças ao auxílio, direto e indireto, de várias pessoas e instituições. Gostaria de agradecer-las.

Ao meu orientador Reginaldo Benedito Dias que soube me auxiliar de uma maneira profícua e construtiva. Apresentou sem impor, pistas, sugestões e críticas, algumas reveladoras, outras imprescindíveis.

À minha adorável família: Ide, Tatiana, Vanessa, Luana e Lucas, que me apoia em todos os objetivos, dando carinho e suporte. Sempre preocupados e próximos, me conectam a fortes laços de amizade, amor e altruísmo.

Aos membros da banca de qualificação: Sidnei J. Munhoz e Dainis Karepovs, pelos valiosos comentários, críticas e sugestões que anseio ter incorporado ao trabalho.

Aos membros da banca de defesa: Angelo Priori e Dainis Karepovs, pelas precisas e importantes contribuições.

Aos colegas do LABTEMPO/UEM e da turma de Mestrado, pelos importantes debates e aprendizados que pude vivenciar.

À minha namorada Patrícia, que de forma companheira e leal, partilhou dos momentos amargos e agradáveis. Agradeço-a pela paciência e apoio, e por ter me proporcionado momentos de alegria.

Aos amigos Marcelo, Alan, Bia, David, Crau, Dom Luís, Angel, João, Hector, Odilon sempre solidários, ajudando com polêmicas intelectuais e injeções de ânimo. Com eles, em incansáveis situações, pude viver momentos de diversão, crescimento e descontração. Em especial, quero agradecer aos meus grandes amigos, Thalisson e Rodrigo. Com eles, passei por excelentes momentos durante a graduação, tivemos ricos debates e passamos por situações, pessoais e profissionais, inesquecíveis. Considero-os como verdadeiros irmãos. Espero que nossa amizade siga adiante.

Aos amigos que estão distantes fisicamente, mas sempre guardarei admiração e respeito: Gui, Aníbal, Capixaba, Paulão, Tozo, Tico, Durval, Rafael, Thiago, Fabinho, Claudemir, Carlos, Alex, Diogo.

À CAPES, pela concessão da bolsa que custeou as atividades desta pesquisa. À boa vontade e ao extremo profissionalismo dos funcionários da CDO e do PPH: Edson e Gisele.

Ao acervo do ASMOB/AMORJ/CEDEM pelo fornecimento do jornal A Classe Operária. À Biblioteca Nacional e ao LAPPOM/UEM pelo fornecimento do jornal Voz

Operária.

As falhas da pesquisa recaem sobre a minha responsabilidade, os méritos, estendo-os às contribuições dessas pessoas e instituições que elenquei acima, vitais no meu itinerário.

Por fim, sem nenhuma dúvida, agradeço às duas pessoas que mais me apoiaram em toda a minha vida: Valdir e Eni, meus pais.

Dedico este trabalho a Eni e Valdir, meus queridos pais.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o imaginário do PCB sobre a URSS. O contexto escolhido é o alvorecer da Guerra Fria, de 1946 a 1953, quando se acirraram as tensões entre as duas maiores potências do globo, os EUA e a URSS. A justificativa da escolha está em que, nesse momento, a imagem da URSS se agigantou, como resultado de algumas transformações: vitória sobre o nazismo, expansão do comunismo, avanços realizados pelos Planos Quinquenais. Stálin se tornou um personagem mundial, os comunistas cresceram pelo globo, inclusive no Brasil. Dialogando com Bronislaw Baczko, entende-se que o imaginário é um conjunto de crenças e conceitos que ajudam a controlar e a dar coesão a um agrupamento coletivo. Analisado sob essa formulação, constata-se que o PCB constituiu um imaginário acerca da URSS. Esse conjunto de símbolos servia como “escudo” e “espada”. Tanto servia para fortalecer a defesa das ideias do PCB quanto para promover o avanço de suas posições. A URSS havia se tornado uma vitrine e um paradigma. A imprensa partidária aparece como um lugar especial de reverberação desse imaginário. Servia para galvanizar os próprios comunistas, conquistar adeptos e combater o anticomunismo. Tendo como suporte os jornais *A Classe Operária* e *Voz Operária*, investiga-se como o PCB erigiu seus mitos, símbolos, ritos e imagens em torno da URSS. O PCB buscava afirmar que o projeto comunista era o melhor futuro para a humanidade, diferentemente do proposto pelos EUA. Assim, a pesquisa não pretende estabelecer um estudo sobre as diretrizes da URSS para o PCB, mas sim, analisar a imagem que o Partido fez do mundo soviético. A análise está subdividida em três capítulos. O primeiro faz um exame do alvorecer da Guerra Fria e seu impacto no Brasil; o segundo discute a trajetória do PCB e sua conexão com os soviéticos; e o terceiro analisa o imaginário que o PCB formulou sobre a URSS.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Fria. Partido Comunista Brasileiro. União Soviética.

ABSTRACT

This research aims to analyze the imagery of the PCB on the USSR. The context chosen is the beginning of the Cold War, from 1946 to 1953, when tensions escalated between the two major powers of the globe, the USA and the USSR. The choice is justified because at this moment, the image of the USSR becomes large as a result of some transformations: the victory over Nazism, communism expansion, progress made by the Five-Year Plans. Stalin became a global character, the Communists have grown across the globe, including Brazil. Dialoguing with Bronislaw Baczko means that the imagination is a set of beliefs and concepts that help to control and to give cohesion to a collective grouping. Analyzed under this formulation, it appears that the PCB was an imaginary about the USSR. This set of symbols serving as a "shield" and "sword." Both served to strengthen the defense of the ideas of the PCB as to advance their positions. The USSR had become a showcase and a paradigm. The partisan press appears as a special place in this imaginary reverberation. Served to galvanize the Communists themselves, winning followers and combat anti-communism. Backed by the newspaper *A Classe Operária* and *Voz Operária*, we will investigate how the PCB has built its myths, symbols, rituals and images around the USSR. The PCB sought to assert that the communist project was the best future for mankind, unlike the proposed USA. Therefore, the research does not intend to establish a study on the guidelines of the USSR to the PCB, but rather analyze the image that the party did the Soviet world. The analysis is divided into three chapters. The first one, is an examination of the dawn of the Cold War and its impact in Brazil, the second discusses the trajectory of the PCB and its connection with the Soviets, and the third examines the imagery that the PCB has formulated over the USSR.

KEY-WORDS: Cold War. Communist Party of Brazil. Soviet Union.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – A Ditadura levará o país ao Desastre Econômico	54
Figura 2 – Ordens de Dutra	56
Figura 3 – Dutra defende a Pátria.....	59
Figura 4 – A política “trabalhista” de Getúlio	63
Figura 5 – Indicador Profissional	95
Figura 6 – Campanha Anticomunista	96
Figura 7 – Imprensa Sadia	96
Figura 8 – Burguesia tenta derrubar monumento da Revolução Soviética	101
Figura 9 – As semelhanças de Hitler e Truman	108
Figura 10 – Sob o capitalismo, Sob o socialismo!	113
Figura 11 – Truman oferece o mundo ao Imperialismo	122
Figura 12 – Salvemos a Civilização Ocidental.....	123
Figura 13 – Tio Sam saboreia a América do Sul em forma de presunto	123
Figura 14 – O imperialismo dá de comer ao anticomunismo e à Imprensa Sadia	124
Figura 15 – Stálin Guia do Proletariado Mundial.....	135
Figura 16 – Stálin em seu gabinete se preocupa com cada um de nós	141
Figura 17 – $2 + 2 = 5$. A aritmética de um plano industrial/financeiro somado ao entusiasmo dos trabalhadores.	155

TABELAS

Tabela 1 – Índice comparativo das despesas militares e sociais dos países capitalistas e socialistas:.....	110
Tabela 2 – Índice estimativo do número de comunistas no mundo:.....	153

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1º – A GUERRA FRIA E O SEU IMPACTO NO BRASIL	19
1.1. A GUERRA FRIA.....	19
1.2. O IMPÉRIO ESTADUNIDENSE	27
1.3. A FORTALEZA SOVIÉTICA.....	37
1.4. O ALVORECER DA GUERRA FRIA NO BRASIL	48
CAPÍTULO 2º – O PCB.....	65
2.1 O SURGIMENTO DO PCB	65
2.2 A CONEXÃO DO PCB COM O UNIVERSO SOVIÉTICO	70
2.3 O PCB NO CONTEXTO INICIAL DA GUERRA FRIA	78
2.4 A RELAÇÃO DO PCB COM OS ARTISTAS E INTELLECTUAIS COMUNISTAS 84	
CAPÍTULO 3º – A UNIÃO SOVIÉTICA SOB O OLHAR DO PCB.....	92
3.1. IMPRENSA COMUNISTA: O PÃO E A LUZ	92
3.2. URSS, A PÁTRIA DO SOCIALISMO	97
3.3. URSS: A PAZ; EUA: A GUERRA.....	104
3.4. DOIS CAMPOS, DOIS MUNDOS.....	110
3.5. QUANDO OUVI FALAR DE STÁLIN PELA PRIMEIRA VEZ, PENSEI QUE FOSSSE UM CONTO DE FADAS.....	125
3.6. A DEMOCRACIA DA URSS	150
3.7. ABUNDÂNCIA E BEM-ESTAR NA PÁTRIA DOS PLANOS QUINQUENAIS	154

3.8. O FLORESCER DA CULTURA E DA ARTE: A CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CIVILIZAÇÃO.....	161
3.9. A DÍVIDA DOS BRASILEIROS COM A URSS.....	165
CONCLUSÃO.....	170
REFERÊNCIAS	172
FONTES	179
ANEXOS	180

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar o imaginário que o Partido Comunista do Brasil construiu sobre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O contexto escolhido é o alvorecer da Guerra Fria, de 1946 a 1953.

O Partido, por meio de identificação, recepção e assimilação do universo soviético, constituiu a sua visão da Pátria Socialista. A intenção da pesquisa está justamente na análise dessa imagem que o PCB fez da URSS.

O imaginário do PCB se desaguava em duas vertentes: 1) reconhecimento das virtudes da URSS; 2) contestação das atitudes dos EUA, principal oponente dos soviéticos.

Não é dispendioso esclarecer que a vida partidária dessa organização hegemônizou durante várias décadas o cenário da esquerda no Brasil. O PCB conseguiu garantir o seu papel e a sua importância na história, expressando a sua visão de sociedade.

Desde a sua formação, em 1922, a ligação com as ideias disseminadas pelos comunistas da Europa já ganhava corpo. O exemplo da Revolução de Outubro cativou os trabalhadores que haviam fundado o PCB.

Após a admissão dos 21 pontos da Internacional Comunista (IC), a relação do PCB com o comunismo soviético se tornaria direta e duradoura.

Mesmo com a dissolução da IC, em 1943, e a criação do Comitê de Informação dos Partidos Comunistas (Cominform), em 1947, as afinidades entre os comunistas brasileiros e os soviéticos foram mantidas.

Após um período de fragilidade política que viveu a partir da segunda metade da década de 1930, decorrente da repressão a ele imposta pelo Estado Novo, na década de 1940, o PCB deu uma reviravolta.

Com a democratização do país, durante o governo Dutra, o Brasil passaria por uma ampla e rica organização do movimento dos trabalhadores. Os trabalhadores brasileiros se organizariam por meio da prática política e sindical e aperfeiçoariam suas formas de se relacionar com os patrões, com o Estado e com os partidos políticos (SANTANA, p. 39, 2001).

O PCB se envolveu ativamente nesse processo e, colocando-se como uma organização política moderna, incentivava os trabalhadores rurais e urbanos na luta pelos seus direitos.

Presume-se que essa realidade propiciou ao PCB crescimento qualitativo e

quantitativo, transformando-o em uma importante organização política proletária brasileira.

Conforme escreveu Gildo Marçal Brandão (1997, p. 89), o PCB, a partir de 1945, começou a pesar de fato na política brasileira. O autor sugere que o pós-guerra contribuiu decisivamente para que os partidos comunistas deslanchassem. As atividades do PCB transformaram-no em um dos maiores Partidos de esquerda do Brasil e da América Latina.

O Partido foi ainda favorecido com a consagração da URSS, que se baseou na vitória sobre o nazismo, no crescimento que o país alcançou com os planos Quinquenais e na expansão do comunismo pelo Leste Europeu.

O Stálinismo, que após 1928 havia chegado ao centro do poder na URSS, na década de 1940 alcançara o seu máximo esplendor.

Sob o contexto da Guerra Fria, o PCB se reconhecia como o “intérprete e herdeiro das tradições revolucionárias do povo brasileiro”, o principal organismo de luta.

A organização outorgava para a sua legenda a missão de levar o Brasil à conquista da independência, da democracia e do bem-estar social. O PCB acreditava ser o agrupamento político capaz de substituir o poder dos capitalistas e estabelecer um governo popular.

Desde a sua fundação, pretendeu participar das decisões políticas nacionais. Seguindo essa ambição, utilizou sua imprensa, fez reuniões, conferências, congressos. Com o mesmo afincamento, participou de sindicatos, criou mediações. Esses esforços visavam ao fortalecimento do Partido na sociedade brasileira.

Constituir um imaginário positivo da URSS tornou-se, ao lado dessas tarefas, uma das principais missões que o PCB estabeleceu para si em seu trajeto. O PCB reconhecia a URSS como o baluarte do socialismo no mundo, a utopia realizável e um ponto de apoio para combater o anticomunismo.

O imaginário do PCB em torno da URSS servia como “escudo” e “espada”, ou seja, tanto servia para fortalecer a defesa das ideias comunistas quanto para promover o avanço de suas posições.

Por meio de seus instrumentos de formação, propaganda e agitação, o PCB construía um processo de galvanização dos próprios comunistas em torno dos símbolos do comunismo. Um exemplo, uma estatística, um motivo, um argumento, todos os fatores que ajudassem a demonstrar o valor da URSS e sua superioridade em relação aos EUA, serviam de meios para aumentar a confiança dos comunistas na Nação dos soviets.

De qualquer forma, o militante comunista tinha um modelo legitimado pela

experiência histórica: a URSS havia se tornado uma vitrine para os comunistas. O modelo soviético foi capaz de tirar um país continental de uma situação de atraso e transformá-lo, em pouco tempo, em uma potência mundial. Esse fato ficou visível a olho nu na conjuntura da segunda metade da década de 1940.

Paradoxalmente, a propaganda anticomunista da Guerra Fria, ao construir uma imagem de perigo em torno da URSS, ampliava e reforçava a sua condição de potência. Convictos e abnegados, os comunistas doavam sua vida, suas finanças, seus esforços e desejos em prol da causa. Em sua consciência, eles se empenhavam em uma causa nobre. Esses homens e mulheres compartilhavam de um projeto que lhes dava sentido à existência e acabava refletindo a sua identidade.

Lançaram-se na tarefa de salvar o Brasil da fome, das injustiças e das desigualdades e de livrar o mundo das guerras e desigualdades.

Em seu seio o PCB abrigou intelectuais e pessoas pouco letradas, que passaram por exílios, prisões, torturas e privações em nome do comunismo, da URSS e de Stálin.

Além de defender a URSS, o PCB estabelecia vínculos de solidariedade com o país dos soviets, apoiando e buscando mais simpatizantes e adeptos do projeto.

Em relação aos estudos sobre a história do PCB, não é excessivo ressaltar a existência de diversos trabalhos, afinal, a sua importância estimulou muitas análises; mas uma fragilidade é encontrada: poucos estudiosos se inclinaram para investigar o imaginário que o PCB constituiu da URSS. Nessa perspectiva, a pesquisa não pretende estabelecer um estudo sobre as diretrizes da URSS para o PCB, mas sim, analisar a imagem que o Partido fez da União Soviética.

Ao conformar uma imagem da URSS, considerada a Pátria do proletariado, o PCB expôs a sua visão a respeito dos EUA, país que representava o imperialismo para os comunistas. Nesse sentido, o interesse está em resgatar o conjunto de valores, conceitos e imagens de que comungavam os comunistas e que foram registrados em sua imprensa a respeito da URSS.

O contraponto dos comunistas aos EUA foi inevitável, pois esse país simbolizou a principal oposição ao socialismo, representando o capitalismo. Dessa forma, não será prolixo intercalar o imaginário positivo do PCB em relação à URSS e o imaginário negativo feito sobre os EUA. Esse conjunto de visões pode ser chamado, como entendia Bronislaw Baczko, de Imaginário Social do PCB. Esse sistema de imagens e símbolos visava garantir a

homogeneidade ideológica e política do partido.

Para Bronislaw Baczko, importante filósofo polonês, o Imaginário Social construído pelos indivíduos na sociedade é capaz de regular a vida coletiva, seja de um grupo seja de uma família. O imaginário se torna “uma peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva e, em especial, do exercício da autoridade e do poder”.

Quando o grupo social consegue afirmar esse imaginário, ele “torna-se inteligível e comunicável através da produção dos ‘discursos’ nos quais e pelos quais se efetua a reunião dos representantes coletivos numa linguagem” (BACZKO, 1985a).

Baczko acredita que o imaginário de um agrupamento forma vários meios para estabelecer uma visão simbólica: instrumentos de pressão, persuasão, influência de valores e crenças. A transferência dessas formas pode acontecer na forma oral ou escrita.

O PCB, instrumentalizando seu imaginário, estabelecia as aspirações, as inseguranças e as esperanças dos comunistas. O Partido se utilizava de símbolos, mitos, histórias e rituais para fortalecer seus integrantes. É por isso que a eleição da URSS como o polo da paz, da igualdade e da liberdade não foi nada fantasioso para o PCB. Para Baczko, os grupos coletivos acreditam realmente em suas imagens e símbolos. O autor defende que é típico de um agrupamento coletivo “inventar uma representação da sociedade, especialmente uma representação da melhor sociedade possível, isto é, a comunidade da felicidade realizada” (BACZKO, 1985b).

Dessa forma, o PCB, ao se identificar com a URSS, tratou de consolidar um modelo de sociedade. A URSS se tornou uma vitrine e um paradigma para o Partido.

Sobre Stálin, o PCB transformou o líder em um “grande guia, protetor, e salvador, dotado de qualidades e poderes sobre-humanos, encarnando ao mesmo tempo a ortodoxia e o mito e, a partir daí, o sentido da história” (BACZKO, 1985a). Stálin foi eleito o chefe da vitrine e do modelo que o PCB construiu a respeito da URSS, assim estava completo o sentido da história para os comunistas.

A escolha do período de 1946 a 1953 deveu-se a que nesse contexto se inicia¹ a

¹ Não existe acordo entre os pesquisadores a respeito do exato início da Guerra Fria. Alguns autores apontam que o conflito começou em 1945, com os ataques dos EUA a Hiroshima e Nagasaki; outros enxergam seu alvorecer nos tensões entre os EUA e a URSS, em torno das questões sobre o Leste Europeu, e no discurso de Winston Churchill, onde apareceu pela primeira vez o termo “Cortina de Ferro”, fazendo alusão às contradições entre as duas potências, em 1946; para outros autores, enfim, a Guerra Fria começou com a elaboração da Doutrina Truman. A presente pesquisa optou por analisar o período a partir de 1946, baseando-se nas formulações de Fred Halliday, que define como a primeira fase da Guerra Fria o período de 1946 a 1953.

chamada Primeira Guerra Fria. Essa primeira fase da Guerra Fria esteve marcada pelo acirramento da bipolaridade que já existia entre os EUA e a URSS. O confronto apenas ganhou novas formas, vividas em um novo período: o auge da URSS em oposição à hegemonia mundial dos EUA.

Nesse período, a imagem da URSS se agigantou, como resultado das transformações após a sua ascensão, da boa situação pela qual a Nação passou durante a Crise de 1929, da vitória da Segunda Guerra Mundial e da relativa expansão do mundo comunista. Stálin estava no máximo da popularidade, transformara-se num personagem mundial. Os comunistas cresciam pelo globo, a própria propaganda anticomunista lhes dava matéria-prima para o culto dos comunistas ao suposto êxito da URSS.

Esse período, surgido por meio do terror, do progresso e da mobilidade social, significou o auge da influência da URSS e de Stálin. Soma-se a isso o próprio crescimento do Partido durante o começo da Guerra Fria. Durante essa época, o PCB alcançou a cifra de 200 mil militantes e o terceiro lugar nas eleições presidenciais; elegeu vários parlamentares e ganhou sindicatos. Esses são méritos que ratificam os êxitos do Partido e demonstram um momento ímpar da vida do PCB.

Confiando nos encaminhamentos tomados pelo Stálinismo, o PCB se alinhou ao projeto empreendido por Stálin.

Nesse marco, a morte do dirigente se torna um denominador comum para a pesquisa, pois representa: a) o término da Primeira Guerra Fria; b) o momento em que parte do brilho da URSS se desfaz, pois Stálin, um dos principais ícones dos comunistas, desapareceria fisicamente. Esse fato se ampliaria com as denúncias feitas a partir das entranhas do comunismo por Nikita Krushev contra Stálin, em 1956, no XX Congresso do PCUS.

A imprensa do PCB, após a apresentação desse panorama, é vista como um lugar exemplar de reverberação do imaginário do Partido a respeito da URSS.

Foram escolhidos como fontes os jornais *A Classe Operária* e *Voz Operária*². Esses jornais faziam parte do órgão de direção do Partido, tendo como público-alvo os próprios comunistas, mas se estendiam ao conjunto da população (*A CLASSE OPERÁRIA*, 15 de março de 1946 e 1 de maio de 1928).

O PCB definia o jornal *A Classe Operária*, por exemplo, como um jornal “de

² As citações extraídas dos órgãos do PCB foram ajustadas à ortografia vigente, conforme as normas atuais. Ressalta-se que, em relação às diferenças gramaticais do período em que os textos foram escritos, nada foi alterado.

trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores”.

Sobre a sua circulação, o Partido informou que *A Classe Operária* era vendida “nos ‘pontos’ e enviada para os filiados. Mas o centro de sua circulação estava nas fábricas, sobretudo nas grandes empresas” (A CLASSE OPERÁRIA, 16 de março de 1946). O mesmo papel era desempenhado pelo *Voz Operária*.

Os jornais também recebiam contribuições dos trabalhadores: “os operários escrevem sobre suas reivindicações de classe, sobre suas necessidades imediatas no local de trabalho” (A CLASSE OPERÁRIA, 16 de março de 1946).

Nos textos dos jornais surgiam debates teóricos e políticos, mas também eram indicadas as tarefas que os militantes da organização deveriam encaminhar. Nessas fontes se tornou possível investigar o imaginário que o PCB formou a respeito da URSS.

Além dos periódicos, ainda foram usados a Revista *Problemas*, do PCB, documentos presidenciais encaminhados ao Congresso e relatórios ministeriais.

A análise foi subdividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, são abordados, de forma abrangente, os motivos, os envolvidos e as ambições que motivaram a deflagração da Guerra Fria. Tal tarefa exigiu a descrição do contexto e da trajetória dos EUA e da URSS no pós-guerra. Por fim, serão abordados os desdobramentos da Guerra Fria no Brasil. O interesse é apontar o posicionamento do país nessa bipolaridade.

O segundo capítulo teve como meta apresentar o processo de formação do PCB e de sua conexão com o mundo soviético. Analisa-se ainda a intervenção do PCB no início da Guerra Fria e a importante relação do Partido com intelectuais e artistas comunistas.

O terceiro capítulo discute o imaginário que o PCB constituiu acerca da URSS. Analisando-se os jornais, vislumbra-se uma estrutura estável de temas. Com essa constatação, a análise está dividida nos seguintes tópicos: educação, ciência, esportes, saúde, economia, política e trabalho.

As principais figuras recorrentes do imaginário do PCB estão eleitas nas imagens de Stálin, do PCUS e do Estado soviético, sendo que Stálin recebe o maior número de incursões.

Aproveitando esse percurso, pretende-se localizar os tópicos abordados no contexto da Guerra Fria, apontando em um momento, artigos e notas que expõem as opiniões dos comunistas a respeito dos EUA e da URSS.

Pelo estudo das páginas dos periódicos percebe-se a ambição do PCB em instilar seu

imaginário a respeito do mundo soviético na sociedade e em seu próprio organismo.

CAPÍTULO 1º – A GUERRA FRIA E O SEU IMPACTO NO BRASIL

1.1. A Guerra Fria

O conflito denominado de Guerra Fria envolveu frontalmente dois países³: os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Apesar do período da Guerra Fria não ter sido declarado, a expressão teve paternidade. A origem do termo conta com prováveis criadores ou propagadores.

O provável responsável por ter tornado a expressão conhecida mundialmente, aludindo diretamente ao embate ocorrido entre a URSS e os EUA, foi o jornalista, escritor e comentarista político Walter Lippmann.

De acordo com o historiador Sidnei Munhoz:

A expressão Guerra Fria foi empregada, pela primeira vez, em 1947, para denominar a existência de uma guerra não declarada envolvendo Estados Unidos e União Soviética. [...] O emprego das bombas nucleares contra o Japão poderia ser considerado como o marco inicial da Guerra Fria (MUNHOZ, 2004, p. 263).

O historiador John Lewis Gaddis sustenta que é difícil afirmar o momento exato do ponto de partida da Guerra Fria. De qualquer forma, o autor tece algumas opiniões sobre indícios que teriam levado à sua ocorrência:

Não houve ataques de surpresa, não houve declarações de guerra, sequer ameaças de rompimento de relações diplomáticas. Todavia, surgiu uma crescente sensação de insegurança nos mais altos escalões de Washington, Londres e Moscou, diante do esforço dos aliados do tempo da guerra no sentido de cada um garantir a própria segurança no pós-guerra.

Com seus inimigos derrotados, pouco incentivo houve para que estes *ex-aliados*, como passaram a considerar a si mesmos, continuassem mantendo suas ansiedades sob controle (GADDIS, 2006, p. 26).

Nesse sentido, recorrer aos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial proporciona uma melhor compreensão dos motivos que desencadearam a Guerra Fria.

As motivações da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) estavam em torno das crises geopolíticas e econômicas remanescentes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), dos escombros da Crise de 1929 e da expansão da Alemanha Nazista (AGOSTINO, 2004, p. 815).

³ Na Guerra Fria, outras nações participaram desse enredo, porém, os dois principais protagonistas foram os EUA e a URSS. Esses países representaram de forma explícita e formal, os dois sistemas (Socialismo e Capitalismo) vigorantes e antagônicos do pós-guerra. No entanto, os países satélites dos EUA e da URSS também participaram do contexto em colisões regionais.

A vitória sobre os países do Eixo não garantiria segurança e o conforto da paz. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, dois dos principais Aliados, a URSS e os EUA, tornar-se-iam adversários diretos. Não é excessivo esclarecer que o Eixo era uma aliança entre a Alemanha, a Itália e o Japão, enquanto a outra frente, a que se convencionou chamar de Aliados, congregava os EUA, a Inglaterra e a URSS.

Alguns autores indicam que a origem da Guerra Fria está nas invasões estrangeiras que a Rússia⁴ sofreu durante a guerra civil (MUNHOZ, 2004, p. 417). Apesar de a duração da Guerra Civil ter ido de 1918 a 1921, as divergências e a rivalidade entre os países capitalistas e a Rússia teriam se arrastado.

Outros indicam que a Revolução Bolchevique originou a Guerra Fria, como é o caso do historiador Denna Frank Fleming (ARBEX, 1988, p. 111). Nessa perspectiva, Gaddis relembra os primeiros embates entre a Pátria de Vladimir Ilitch Ulianov, o Lênin, e a Nação de Woodrow Wilson. Sugere o autor que as diferenças entre os projetos dos dois países teriam dado a largada das divergências entre a Rússia e os EUA.

Gaddis mostra a preocupação do presidente dos EUA em participar ativamente de duas batalhas no início do século XX. Uma delas se travava na Primeira Guerra Mundial, contra o império germânico e seus aliados, e a outra, contra os bolcheviques⁵ e suas intenções internacionalistas.

Para o autor, nesse momento se iniciava uma “guerra de idéias - uma competição de visões – que se estenderia pelo restante da Primeira Guerra Mundial, pelos anos de entre guerras, ao longo da Segunda Guerra Mundial e durante a maior parte da Guerra Fria (GADDIS, 2006, p. 84). O discurso dos “quatorze pontos” do presidente Wilson, em 1918, teria sido uma resposta às intervenções de Lênin, que sustentava uma inevitável derrocada do capitalismo.

Lênin, seguidor das ideias de Karl Marx, entendia que o capitalismo causava guerra e desigualdade entre os povos. Para que a situação de exploração do proletariado tivesse fim, os camponeses e operários precisavam derrubar o capitalismo. Segundo o líder bolchevique, as contradições entre a burguesia e o proletariado não tinham solução, por isso se fazia necessário acabar com as classes sociais.

⁴ O nome da Rússia foi modificado em 1922, passando a se chamar União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), congregando outras repúblicas.

⁵ Em 1918, os bolcheviques passaram a se chamar de Partido Comunista Russo (PCR). Apenas em 1952, é que o nome muda para Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O termo PCUS será utilizado para se referir ao Partido Comunista da URSS no período stalinista.

O Presidente Wilson, adepto das ideias de Adam Smith, não almejava destruir o capitalismo, mas sim, reformá-lo. Para o liberal, as diferenças entre as classes não se tornavam um empecilho, pois a própria busca pelos direitos individuais favoreceria o desgaste entre as diferenças entre ricos e pobres.

O historiador Eric Hobsbawm também sugere que essa divisão entre dois “campos” tinha motivações políticas, surgidas com a Revolução Socialista na Rússia.

Hobsbawm sustenta que a URSS estava

cercada por um mundo capitalista, do qual a maioria de poderosos governos queria impedir o estabelecimento desse centro de subversão global e, mais tarde, eliminá-lo assim que possível. O simples fato de a URSS não conquistar reconhecimento diplomático oficial de sua existência pelos EUA até 1933 demonstra seu estado proscrito inicial. Além disso, mesmo quando o sempre realista Lênin estava disposto, e até mesmo ansioso, para fazer as concessões de mais longo alcance aos investidores estrangeiros, em troca de sua ajuda ao desenvolvimento econômico russo, na prática não encontrou quem quisesse (HOBSBAWM, 2002, p. 366).

O presente trabalho optou por reconhecer o termo em seu sentido que demarca um período histórico que vai de, aproximadamente, 1946 até a desagregação do Mundo Soviético (1989-1991); no entanto, a pesquisa não deixa de reconhecer que o surgimento da Revolução Russa de Outubro de 1917 deu razões nítidas para a existência de uma competição entre os dois regimes: o Capitalista e o Socialista.

O recorte cronológico da pesquisa está sintonizado com a primeira fase da Guerra Fria, sendo que Fred Halliday foi o pesquisador que dividiu o período do pós-guerra.

Para Halliday, a divisão se dá nas seguintes fases: Guerra Fria (1946-1953), período de antagonismo oscilatório (1953-1969), *détente* (1969-1979) e segunda Guerra Fria (após 1979) (MUNHOZ, p. 418, 2004). Os antecedentes da Guerra Fria podem ser encontrados nas rivalidades existentes entre as duas principais potências do pós-guerra, representantes de sistemas antagônicos.

Em relação às correntes que interpretaram a Guerra Fria, cinco delas merecem uma breve descrição. São elas: a *ortodoxia norte-americana*, a *história oficial* ou *ortodoxia soviética*, o *revisionismo*, o *pós-revisionismo* e o *corporativismo*.

Sidnei Munhoz (MUNHOZ, 2004, p. 417 e 418) fez uma breve menção a respeito dessas variações analíticas, é o que se verá a seguir.

A *ortodoxia* norte-americana teve suas bases nas opiniões de George Kennan⁶. Para

⁶ George Frost Kennan foi um diplomata dos EUA, especializado em assuntos soviéticos. Para Kennan, a URSS

essa corrente, a Guerra Fria foi causada pela URSS, em virtude de suas posturas agressivas e expansionistas. A corrente expressa à visão da diplomacia estadunidense.

Divergente dessa visão, na *História Oficial* ou *Ortodoxia Soviética*, o surgimento da Guerra Fria está diretamente ligado à postura dos EUA de não ter cumprido os acordos de Yalta e Potsdam. O reconhecimento do risco de uma Terceira Guerra Mundial esteve associado à idéia de que os EUA, com sua política imperialista, aumentavam as tensões no globo.

Para essa corrente, o desenvolvimento das tensões da Guerra Fria foi um reflexo natural da luta de classes globalmente.

Para o *revisionismo*, a URSS não pode ser culpada pelo início da Guerra Fria.

A corrente entende que no pós-guerra, a situação dos EUA se diferia da realidade da URSS. Enquanto os EUA estavam vigorados, a URSS se preocupava em reconstruir o país e compor alianças com governos do Leste Europeu, na expectativa de evitar novos ataques externos. Portanto, a URSS não poderia ultrapassar os limites de uma nação defensiva, nem representar risco à segurança do mundo ocidental. Dessa forma, a postura soviética, de criar um bloco de países alinhados, se tratava de uma reação à cultura expansionista e agressiva dos EUA.

Na visão *pós-revisionista*, John Lewis Gaddis aparece como o expoente.

Para esse historiador, a postura imperial dos EUA surgiu como uma reivindicação dos países que sentiam ameaçados pela URSS. A posição de protetores do mundo não foi uma necessidade de capitalismo, mas uma missão que fora outorgada ao país, sustenta Gaddis.

Assim, mesmo que a URSS não almejasse dominar o globo, o autoritarismo de Stalin poderia colocar em risco a Ásia e a Europa.

A última vertente é a *corporatista*. Seu principal representante é Michael Hogan.

Para Hogan, duas frentes teriam contribuído para a elaboração das táticas dos EUA, o risco da expansão soviética e as exigências da política interna. Os EUA, durante a Guerra Fria, se caracterizavam como um Estado corporativo, preocupado com a auto-regulação da economia, coordenado por leis de mercado e organismos institucionais.

Dessa forma, o estabelecimento de suas políticas internacionais respondia às exigências desse tipo de Estado, que ao mesmo tempo não deixava de lado as preocupações com o risco de uma expansão soviética.

representava um rival para os EUA. Nesse sentido, os EUA precisavam conter qualquer tipo de expansão da URSS.

Cabe ressaltar que, apesar de a Guerra Fria ter origem nas divergências de dois modelos de sociedade, o conflito envolveu várias nações, tendo níveis e formatos diferentes; mas é inegável que, mesmo com a participação de países “satélites” no conflito, os EUA e a URSS simbolizaram a Guerra Fria.

Com a derrota do fascismo e do nazismo na Segunda Guerra Mundial, a URSS e os EUA representaram a bipolaridade que dominou grande parte do cenário mundial do século XX: a disputa entre o Socialismo e o Capitalismo.

Políticas e ideologias de Estado incentivaram as diferenças que conformaram a Guerra Fria.

No panorama internacional, a Guerra Fria preocupou e envolveu pessoas, partidos e governos de todo o globo. Mesmo no tempo presente, os debates sobre o conflito suscitam opiniões acaloradas e destoantes, afinal, suas “ruínas” deixaram marcas e trouxeram mudanças no globo. A situação das duas nações refletiu diferenças tanto ideológicas e políticas quanto econômicas e militares. A própria Grande Aliança, formada para combater o nazismo e o fascismo, estabeleceu objetivos comuns a partir de sistemas incompatíveis (GADDIS, 2006, p. 6); ou seja, as diferenças, principalmente entre a URSS e os países capitalistas, não desapareceriam com uma breve unidade em torno de uma meta comum.

Com a vitória dos soviéticos na batalha de Stálingrado (1943)⁷, as grandes potências passaram a estabelecer acordos diplomáticos a respeito do futuro do planeta.

Em diversas rodadas de negociações nas cidades de Teerã, Yalta e Potsdam: os EUA, a Inglaterra e a URSS discutiram os rumos do planeta⁸. Isaac Deutscher definiu a atipicidade do teor dessas conferências:

Registraram-se raríssimos os casos em que homens de temperamento, formação e interesses tão contrastantes se tivessem reunido, como aliados ou sócios, para resolver problemas da maior importância e gravidade. Quantos mundos diferentes, quantas concepções e aspirações diferentes não estavam corporificados nesses três homens que se defrontavam em torno da mesa de conferência! (DEUTSCHER, 1967, p. 458).

John Lewis Gaddis (2006, p. 17) defende que a preservação da Grande Aliança já havia se tornado uma missão difícil durante a própria guerra. Para o autor, a Aliança foi feita para derrotar o Eixo e um espaço para as potências alcançarem influência mundial depois da

⁷ A cidade foi palco de uma forte resistência, saiu vitoriosa após 180 dias de enfrentamentos, se tornando o símbolo da reviravolta. Stálingrado se tornou a maior batalha da II Guerra Mundial, reunindo dois milhões de soldados no combate.

⁸ Nessas conferências diplomáticas se reuniram os chefes de Estado dos EUA, da URSS e da Inglaterra.

guerra. Não obstante, mesmo com a incompatibilidade de anseios, essas conferências foram realizadas.

Nesses fóruns, as divergências entre as potências do pós-guerra se intensificaram, mas alguns acordos foram estabelecidos.

As ambições das três potências, nessa partilha de interesse, na verdade se distinguiram e refletiam seus interesses particulares, diferentemente do que almejava o PCB. Apesar das tentativas de acordos, as ambições dos “três grandes” demonstravam que

O que realmente fizeram – em comunicados e conferências, quase sempre sem conhecimento público – foi tentar conciliar objetivos políticos divergentes, tal como se visassem a uma operação militar de interesse comum. Em grande parte fracassaram, e foi este fracasso que originou a Guerra Fria (GADDIS, 2006, p. 17).

O interesse da Inglaterra esteve na dominação da Europa e pela busca de influência internacional. A preocupação central dos EUA passou pela reconstrução da Europa, a difusão das instituições que fortalecessem o capitalismo e o impedimento da expansão comunista. A URSS, além de reconstruir seu país, preocupou-se em controlar a Europa Oriental na busca de sustentabilidade para o seu próprio Estado.

Gaddis (2006, p. 10) afirmou que “os objetivos de Stálin no pós-guerra eram segurança para si mesmo, para seu regime, para seu país e para sua ideologia, exatamente nesta ordem”.

Os EUA e a URSS ainda apresentavam outros interesses em comum, apesar de divergentes: a conquista de apoio de suas populações nacionais para a corrida em busca da hegemonia⁹ e do controle das áreas de influência. Na corrida pela disputa de poder, os EUA e a URSS buscaram fazer propaganda de suas virtudes. Essa propaganda buscava estabelecer parcerias regionais e internacionais, não se descartando também uma boa relação com a própria população.

José Arbex Júnior elencou alguns comentários sobre essa ampla corrida:

Do lado soviético, a ênfase está no Estado no desenvolvimento de máquinas, nas concepções coletivistas de vida. Do lado ocidental, a ênfase está no indivíduo, no mercado de consumo, na felicidade como uma realização de cada um (ARBEX, 1997, p. 23).

Uma indagação que preocupou os pesquisadores, políticos e as pessoas comuns foi o

⁹ O conceito de Hegemonia, no presente texto, faz referência à teoria de Antonio Gramsci. Ele é entendido como força material que toma corpo, interfere na organização e na transmissão de cultura. Para Gramsci, a hegemonia representa a dominação cultural ideológica de uma classe sobre as outras (MORAES, 2002).

risco real de um confronto global. Em virtude da bipolaridade existente entre os protagonistas do conflito, o culpado sempre se tornava o oposto. Para a imprensa comunista e para a própria URSS, os EUA tinham como objetivo promover uma nova guerra imperialista, colocando em risco o socialismo e a verdadeira democracia. Na ótica dos EUA e da grande imprensa, a URSS congregava os interesses de uma nova guerra, colocando em risco os princípios do capitalismo e da sociedade liberal (RIBEIRO, 2003).

Mesmo com todos os impasses, diferenças, embates ideológicos e propagandísticos, a posse de armas atômicas por parte dos dois países assustou enormemente seus governantes¹⁰. Os governos da União Soviética e dos Estados Unidos mantiveram uma paz armada, tendo noção do risco de destruição global das armas atômicas. Um confronto global, talvez até uma Terceira Guerra Mundial, conforme indica Hobsbawm, tornou-se improvável em virtude desse risco:

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas, sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global de forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual, mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência - a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra - e não tentava ampliá-la com o uso da força militar. Os EUA exerciam controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca, não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética (HOBBSAWM, 1994, p. 224).

Raymond Aron, importante pensador liberal, caminha na mesma linha de argumentação de Hobsbawm. Para o autor, a guerra se tornou “improvável”, mas a paz “impossível”. O autor raciocina que o antagonismo presente entre as duas nações se tornou irreconciliável, assim, as políticas tinham conteúdo mais de contenção do que de agressão (ARBEX, 1997, p. 7).

John Lewis Gaddis informa que houve apenas um embate direto entre os EUA e a URSS. O autor cita o uso de aviões de caça da URSS num impasse na península coreana. Sentindo-se ameaçados, os EUA responderam, enviando seus aviões caça. Ambas as nações preferiram guardar segredo e mantiveram silêncio sobre o episódio, pois o risco de um confronto direto pode ter parecido muito arriscado (GADDIS, 2006, p. 58).

¹⁰ As armas atômicas estiveram disponíveis para a URSS e para os EUA a partir de 1949, mas inicialmente os EUA detiveram o controle.

Apesar de ter sido categorizada como “fria”, não se pode negar a existência de guerras regionais, intervenções, golpes militares, lutas de independência nacional e revoluções. Esses processos estiveram intimamente ligados, diretamente ou não, ao contexto da Guerra Fria, entretanto não ganharam proporções mundiais.

É possível afirmar que a Guerra Fria não foi marcada por tranquilidade. O período indicou divergências entre as duas superpotências que se multiplicaram pelo espaço: sem solução, elas fecharam a possibilidade de resoluções dos conflitos pela negociação.

Do vazio se originava falta de paz, mas o temor compartilhado da confrontação armada afastava a via de uma guerra mundial como solução para os impasses. Por isso se discutia de maneira incessante a distribuição mundial das correntes de influência e poder. Entre os meios empregados estão confrontos armados indiretos em circunstâncias e lugares que excluem a possibilidade de um embate bélico direto.

Nos caminhos do conflito, os EUA desenvolveram suas investidas no Terceiro Mundo, buscaram o controle de seus aliados na Europa. Do lado oposto, a URSS tonificou a sua própria “fortaleza” e dominou seus satélites no Leste europeu. As envergaduras surgiam dessas diferenças de tática (CHOMSKY, 2005, p. 89).

Para sintetizar esse contexto mundial de inexistência de um Estado de paz e de um Estado de guerra, mas também da presença de bipolaridade, um *slogan* pode resumir a “equação” do impasse: “Nem guerra, nem paz: Guerra Fria” (ARBEX, 1997, p. 7).

As vocações internacionalistas das duas grandes potências do globo acirrariam ainda mais a disputa. As duas nações tinham suas origens em revoluções, defendiam ideologias de abrangência mundial e ambas haviam entrado na guerra em virtude de ataques de surpresa:

[...] a invasão Alemã da União Soviética começada em 22 de junho de 1941 e o ataque japonês a Pear Harbor de 7 de dezembro de 1941, que Hitler usou como escusa para declarar guerra aos Estados Unidos, quatro dias mais tarde (GADDIS, 2006, p. 7).

Mas as semelhanças paravam por aí.

O “império” Estadunidense estava recuperado financeiramente e, politicamente, com a guerra duplicou suas riquezas e seu aparato produtivo. A guerra lhes trouxe o prestígio de grande parte da opinião pública, por terem ingressado na batalha e terem contribuído para o seu fim. Militarmente, os êxitos corresponderam às expectativas: as forças armadas tiveram menos baixas que os países Europeus e os seus territórios não foram atacados. As guerras foram enfrentadas pelo país de forma separada – contra o Japão no Pacífico e contra a

Alemanha na Europa – tendo sido mortos menos de 300 mil americanos. Os EUA terminaram o conflito como os maiores beneficiários (VICENTINI, 2006, p. 65-66). As despesas da guerra duplicaram o produto interno bruto do país em menos de quatro anos (GADDIS, 2006, p. 8).

A URSS, ao contrário, foi aterrorizada com a guerra, obtendo um saldo de cerca de 20 milhões de mortos. Muitas famílias ficaram sem moradia e regiões ricas e povoadas foram perdidas. Apesar de a URSS ter travado apenas uma guerra, provavelmente essa foi a mais terrível da história. As cidades, grandes e pequenas, foram destruídas, as indústrias foram arruinadas ou levadas para regiões menos perigosas (GADDIS, 2006, p. 8).

Analisando a situação dos EUA e da URSS no pós-guerra, Isaac Deutscher apresentou a seguinte definição:

Sim, no começo da guerra fria os dois colossos se defrontaram, mas um estava robusto, vigoroso e ereto, e o outro prostrado e exangue (DEUTSCHER, 1991, p. 122).

Apesar da visível assimetria, Gaddis defende que pelo menos equilíbrio existia entre os EUA e a URSS. Esse meio-termo estava no poder de influência que as duas ideologias desses países tinham sobre o mundo; além disso, os principais inimigos do globo eram, ao mesmo tempo, as duas maiores potências.

Nesse clima de diferenças, mas de vivacidade ideológica, iniciava-se a Guerra Fria e se espriavam os imaginários dos dois gigantes do pós-guerra: os EUA e a URSS.

1.2. O Império Estadunidense

Desde o término da Primeira Guerra Mundial os EUA já haviam se tornado a economia mais poderosa do mundo e a maior fornecedora de créditos (LOURENÇO, 2004, p. 98), e com o fim do conflito, consagraram-se como a principal Nação do globo:

tornaram-se os maiores credores internacionais, com capitais excedentes e com quase dois terços da produção industrial do mundo (MUNHOZ, 2004, p. 193).

O país terminou a Segunda Guerra em uma situação confortável, obtendo poucas perdas materiais e humanas. A Nação se recuperou economicamente, absorveu boa parte dos

desempregados da crise de 1929¹¹ e reorganizou seu parque industrial. As preocupações do país foram coordenadas na busca da consolidação de sua hegemonia mundial, na garantia da sustentação do capitalismo e no bloqueio do socialismo.

Após a Segunda Guerra, conforme Cristina Soreanu Pecequilo (2003, p. 124-125), os EUA passaram por três transformações.

A primeira transformação significou a abertura de um vazio de poder na Europa, pois o continente havia retrocedido no campo da economia e da política, perdendo as chances de reconstrução imediata. O resultado desse descontrole foi uma paralisia vivida pelas três principais potências europeias (França, Inglaterra e Alemanha).

A segunda, da mesma forma, esteve relacionada aos países da Europa. As nações europeias envolvidas na guerra tiveram as maiores perdas, incluindo a própria URSS. Os EUA, por sua vez, foram menos afetados.

A terceira se registra na ascensão da URSS à posição de segunda potência global, demonstrando que o eixo de poder no mundo estava mudando. Com a mudança de eixo de poder, os EUA precisaram se adequar à nova ordem mundial (PECEQUILO, 2003, p. 124). Para autora, abriu-se uma síntese dessa reviravolta: “os EUA eram beneficiados pelo declínio de seus adversários e por sua própria ascensão”.

Paulo Fagundes Vizentini também escreveu sobre a situação dos EUA no pós-guerra. Vizentini defende que os EUA estavam com boas vantagens:

dominavam os mares, possuíam bases aéreas e navais, além de exércitos, em todos os continentes, bem como a bomba atômica e uma aviação estratégica capaz de atingir todas as áreas do planeta (VIZENTINI, 2004, p. 68)

Com as vantagens políticas e militares, na busca da liderança na política internacional, o país adotou duas táticas de política externa: a manutenção da *ordem* e a *contenção*. (PECEQUILO, 2003, p. 123). Para Cristina Pecequilo (2003, p. 123), esse momento significou a “passagem definitiva dos EUA para a idade ‘adulta’ de suas relações internacionais, caracterizada pela hegemonia e pelo internacionalismo”. Essas táticas foram opções e escolhas ocasionais, refletindo interesses específicos. Reconhecer a existência dessas táticas possibilita apresentar uma síntese da política externa estadunidense no período inicial da Guerra Fria.

¹¹ O começo da Crise de 1929 (Grande Depressão) foi marcado pela quebra na bolsa de Nova York em 1929. A crise foi marcada por um contexto de redução da produção, dos investimentos e do aumento do desemprego nos EUA (LIMONCIC, 2004, p. 382).

Cristina Pecequilo (2003, p. 131-132) escreveu que o país se utilizou de vários meios para constituir sua hegemonia: uso direto do seu poder, criação de meios para exercê-lo, fundação de instituições e organizações multilaterais, esforço de dirigir esses organismos, propaganda de seu modo de vida e ideologia, convencimento de outras nações a seguirem suas perspectivas, tornando-as clientes.

A política externa estadunidense se caracterizou por buscar a cooperação. Em vez de se impor ou dominar de forma irrestrita, o país atuava de forma mais colaboracionista. Essa tática gerou um ambiente mais estável e desembaraçado para o seu domínio, permitindo que o país atuasse para moldar o mundo sob os ideais do capitalismo.

Na verdade, o interesse real passava pela extensão de sua influência sobre outras nações. No lugar da conquista, o país se utilizou da tática de cooperação, restringindo a possibilidade de contestação de suas ações. A única exigência dos países receptivos à obtenção de ajuda estava no esclarecimento dos métodos e caminhos que seriam usados pelos EUA.

Junto com a política externa de manutenção da *ordem* esteve a política de *contenção*. O governo de Franklin Roosevelt foi acusado de não ter sido rígido o suficiente diante das relações dos EUA com a URSS. Mesmo diante dos êxitos de Roosevelt, com a realização de um conjunto de medidas que enfrentou a Crise de 1929, denominada de *New Deal*¹², esses críticos se tornaram hegemônicos nos meios governamentais dos EUA. No governo de Roosevelt, as relações com os aliados da Europa estavam mantidas e os EUA não intervinham diretamente nos assuntos externos.

O grande medo dos EUA, após a vitória dos aliados sobre o nazismo e o fascismo passou a ser o comunismo. A instabilidade europeia depois da guerra possibilitaria a ascensão de regimes socialistas.

De fato, a influência comunista não apresentava um risco apenas nas áreas de influência da URSS, mas em outras regiões do mundo. Um dos principais motivos que ajudaram nesse reordenamento das relações entre os aliados pode ter sido o fato de a URSS ter expandido seus interesses pela Europa Oriental, ocupando vários países com o Exército Vermelho. A atitude soviética ajudou a dinamizar a divisão da Europa entre dois blocos.

¹² O *New Deal* buscou aumentar a renda dos trabalhadores, diminuir o desemprego, fortalecer as instituições estatais e o movimento sindical. No entanto, foi com a Segunda Guerra Mundial que os EUA saíram definitivamente da *Grande Depressão*, por meio da indústria bélica e de uma regulação estatal da economia (LIMONCIC, 2004, p. 617-620).

Os EUA concluíram que o Estado soviético poderia ser agressivo e expansionista, colocando em risco os interesses privilegiados pelos estadunidenses.

Sidnei Munhoz sustenta que foi nesse contexto que o diplomata George Kennan “propôs uma estratégia, objetivando qualquer ação expansionista da URSS” (MUNHOZ, 2004, p. 193). Para Kennan, os EUA precisavam de uma política externa baseada na *contenção* das tendências expansionistas da URSS, para assim saírem vitoriosos. As nações e povos que empunhassem ou almejassem levantar a bandeira da liberdade e da democracia, poderiam ser prejudicadas pelos soviéticos, segundo a ótica estadunidense.

A *Doutrina da Contenção* de Kennan perdeu influência no governo dos EUA desde 1948, tendo pouco alcance no segundo governo de Truman (1949-1953). No marco da busca das necessidades e interesses dos EUA, na justificação de suas ações internas, o presidente Truman também estruturou, no início da Guerra Fria, o que seria denominado de *Doutrina Truman*. Essa doutrina se caracterizou por um conjunto de ideias e ações que forneceram as bases para organizarem a intervenção do país em boa parte da história da Guerra Fria.

Em um discurso, Truman elegeu quais eram os motivos e ambições que levavam o país a adotar medidas mais ativas e incisivas na política externa:

No presente momento da história mundial quase toda nação precisa escolher entre modos alternativos de vida. Frequentemente, a escolha não é livre. Um modo de vida é baseado na vontade da maioria, e se distingue pelas instituições livres, governo representativo, eleições livres, garantias de liberdade individual, liberdade de discurso e religião e a liberdade da opressão política. O segundo modo de vida é baseado na vontade forçosamente imposta de uma minoria sobre a maioria. Ele reside no terror e na opressão, na supressão das liberdades individuais. Acredito que deve ser a política dos Estados Unidos apoiar os povos livres que estão resistindo à tentativa de subjugação pelas minorias armadas ou pelas pressões externas. Acreditamos que devemos ajudar os povos livres a construir seus próprios destinos de sua própria maneira (Truman, 1947).

O modo de vida não foi o único motivo que levou o Presidente Truman a constituir a *Doutrina Truman*. Questões ligadas aos interesses dos EUA, como o risco de expansão do comunismo e a necessidade de fortalecer as relações com os outros países capitalistas, foram motivos que ajudaram a fornecer argumentos para essa empreitada.

Cristina Pecequilo (2003, p. 163) sustenta que, durante esse contexto inicial da Guerra Fria, de 1947 a 1953, os embates entre os EUA e a URSS viviam uma primeira fase, a da *Confrontação*. Essa fase foi dividida em dois períodos. No período inicial foram formados os parâmetros da “Doutrina Truman”. Nesse período, que correspondeu ao período do pós-guerra

até a década de 50, os EUA dominaram o cenário. O segundo foi pautado no acirramento da disputa, pois a URSS alcançou paridade na disputa com os EUA (PECEQUILO, 2003, p. 166).

Durante as fases que almejavam a manutenção da *Contenção* e da *Ordem*, o “império” passou a patrocinar a criação de organismos que buscavam garantir a segurança do “Mundo Livre”. Com isso, os EUA agruparam os países em torno de um bloco ocidental e consolidaram sua esfera de influência.

Como parte dessas ações, em 1947, seria assinado o Tratado Interamericano de Assistência Recíproca¹³ (TIAR); em 1949, criada a Organização do Tratado do Atlântico Norte¹⁴ (OTAN); e em 1947, a Agência Central de Inteligência¹⁵ (CIA).

Outra forma de fortalecer a influência dos EUA, e ainda tonificar a sua economia, foi a promoção de ajuda financeira a alguns países que estavam com dificuldades de crédito. A meta estabelecida foi ajudar na reconstrução do Japão e dos países da Europa, assim surgiria a oportunidade de expandir sua economia doméstica.

Outra forma utilizada para dinamizar a economia estadunidense, além das encomendas feitas à indústria bélica durante a Segunda Guerra, foi o fortalecimento do mercado interno produtor de bens de consumo. A guerra privava a população mundial de sua capacidade de consumo, pois existiam outras prioridades durante os anos de campanha militar. Então toda a vontade de consumir se acumulou e veio à tona, momento oportuno para os EUA mexerem suas táticas e comercializarem seus produtos.

Preocupados com uma gestão multilateral do capitalismo, para evitar saídas individuais, em 1944 os EUA organizaram a Conferência de Bretton Woods, com o objetivo de unificar os países na busca de soluções comuns e a manutenção da estabilidade do capitalismo, evitando assim, a tomada de decisões unilaterais.

A finalidade da Conferência foi o estabelecimento de um sistema cooperativo internacional institucionalizado (LOURENÇO, 2004, p. 98). Esse sistema contaria com espaços de ação política (Assembleia Geral e Conselho de Segurança da ONU) e de agências

¹³ O TIAR foi um acordo realizado entre os EUA e vários países latino-americanos. O Tratado privava pela defesa mútua entre os países do hemisfério.

¹⁴ A OTAN foi um pacto militar entre os EUA e vários outros países da Europa. A missão do pacto estava no estabelecimento de auxílio mútuo e cooperação entre os países que formavam a OTAN.

¹⁵ No contexto da Guerra Fria, a CIA foi um dos órgãos de inteligência dos EUA, e serviu para buscar informações e realizar ações que buscavam garantir a segurança do capitalismo. Nesse marco, a CIA tinha como função combater a expansão do comunismo.

especializadas (o Fundo Monetário Internacional (FMI) e o Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD)).

Os objetivos iniciais desses organismos financeiros estavam centrados na reconstrução material e na reativação do comércio internacional (AYERBE, 2002, p. 67-68). O mecanismo de obtenção de créditos para os países que necessitavam de ajuda era bem objetivo: o país deveria requerer ajuda do Banco Mundial, mas ao fazer isso, se associava diretamente ao FMI. Os EUA, mesmo pregando um planejamento multilateral, sabiam que os principais papéis executivos nas instituições criadas para a regulação da economia estavam em suas mãos.

A conferência de Bretton Woods rendeu bons avanços aos planos estadunidenses, mas as finanças emprestadas pelos organismos internacionais foram insuficientes. Para concluir sua meta, o país adotou mais uma medida: a realização do Plano Marshall.

O Plano Marshall, lançado em 1947, durante o governo de Truman, foi responsável por realizar empréstimos e concessões aos países europeus entre 1948 e 1951. A meta do Plano passava pela reconstrução da Europa.

As premissas do Plano foram várias. Uma delas resultava da insegurança dos EUA em relação à fome, à pobreza e ao desemprego, males vividos na Europa que poderiam desembocar em revoluções socialistas. O risco de uma invasão soviética nos países da Europa atormentava muito menos do que essa apreensão.

No marco dessas premissas, para os EUA, a ajuda à Europa lhes renderia conquistas psicológicas e materiais, garantindo-lhes a vanguarda de uma ação geopolítica e moral no início da Guerra Fria (GADDIS, 2006, p. 30). A URSS chegou a receber a oferta do Plano, mas o recusou, julgando que, ao aceitá-lo, ficaria presa à economia capitalista.

O uso dos capitais estadunidenses na Europa serviu para o continente comprar um terço das exportações estadunidenses, demonstrando que os objetivos do plano estavam sendo alcançados.

Os resultados do programa na Europa foram visíveis: no seu final, o produto interno bruto da Europa Ocidental cresceu 32%, a indústria aumentou 40% e a agricultura cresceu 11%. Somando-se a isso, o nível de vida da classe trabalhadora europeia aumentou, e isso fez diminuir o poder de alcance das ideias comunistas (MUNHOZ, 2004, p. 545-547).

Por outro lado, mesmo sem um sinal de igualdade de tratamento para com a América Latina, os EUA se preocuparam com o subcontinente. A América Latina, a partir de 1945,

vivia um crescimento do número de comunistas em vários países, e da mesma forma, experimentou um aumento do número de trabalhadores e sindicalizados.

No Brasil, entre 1940 e 1950, o número de trabalhadores nas indústrias cresceu de 995 mil para 1, 608 milhão. O número de sindicalizados teria saltado de 351 mil em 1940 para 798 mil em 1947. Desde a Primeira Guerra Mundial, esse avanço se tornava o maior surto de militância sindical da América Latina (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 32-33).

Não obstante, esses suspiros de expansão e desenvolvimento do movimento sindical sofreriam seus refluxos, principalmente entre 1947 e 1948. Nesse contexto, as lutas dos trabalhadores, da esquerda e da democracia, sofreriam um rígido controle institucional e ideológico dos Estados. Não é de estranhar que no final de 1954 a ditadura havia sido implantada em treze países da América Latina: Argentina, Colômbia, Cuba, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana e Venezuela. Essas ditaduras, apesar de nem todas serem militares, tinham traços anticomunistas (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 39-40).

Os EUA se preocupavam com a influência dos comunistas nos sindicatos de trabalhadores da América Latina. Essa preocupação se devia a dois motivos: 1) no caso de uma terceira guerra mundial, os sindicatos controlados pelos comunistas boicotariam os interesses dos EUA, como o fornecimento de petróleo, cobre, açúcar, ferrovias, frotas mercantes e docas; 2) havia o risco de esses sindicatos se tornarem polos críticos ao desenvolvimento capitalista, promovendo greves e protestos e assim permitindo a influência dos comunistas (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 49-50).

Na América Latina, a Segunda Guerra Mundial ajudou a impulsionar o desenvolvimento econômico. Os países latino-americanos envolvidos no conflito detinham matérias-primas, e ao fornecê-las, o subcontinente americano aumentava as suas exportações e desenvolvia reservas em ouro e criava divisas (AYERBE, 2002, p. 75).

Para agrupar e coordenar as medidas que deveriam influenciar esse desenvolvimento, muitos governos na América Latina migrariam para vias nacionalistas. As posturas nacionalistas de alguns governos e movimentos privilegiavam garantir a intervenção do Estado na economia. O Estado deveria cuidar dos recursos naturais, das empresas estratégicas.

Esses países defendiam a industrialização como meio para o desenvolvimento; buscavam fortalecer as prioridades nacionais de consumo e estabeleciam proteção do mercado interno contra a concorrência do mercado externo.

Truman acreditava que uma política de “portas abertas” era correta e sensata para o estabelecimento de relações internacionais. Ao perceber que o nacionalismo poderia pôr em risco sua concepção, chegou a afirmar que o nacionalismo havia se tornado um dos principais responsáveis pelas guerras, revoluções e crises econômicas da primeira metade do século XX (AYERBE, 2002).

Os países “em desenvolvimento”, localizados na América Latina, compreenderam que poderiam explorar as rivalidades entre estadunidenses e soviéticos, abocanhando ajudas semelhantes às da Europa e do Japão.

Esses países não hesitaram em ocupar, ainda que fossem os últimos “vagões” dos fundos e investimentos dos EUA; porém as atenções prioritárias dos EUA não estavam na América Latina. De qualquer forma, o país encontrou um jeito de proporcionar o desenvolvimento econômico dos países do subcontinente americano e, ao mesmo tempo, barrar a influência soviética. A forma encontrada foi influenciar esses países a buscarem fontes privadas, fossem elas internas ou externas.

Comparando-se o montante enviado à Europa com os recursos enviados à América Latina, nota-se que a verba enviada para a Europa foi extremamente superior. Os EUA afirmavam que a América Latina havia sofrido muito menos na guerra do que a Europa.

As ajudas solicitadas pelos governos da América Latina ao Congresso contabilizam 45 milhões de dólares, no entanto, foram autorizados apenas 34,5 milhões de dólares. Já no Plano Marshall, apenas nos primeiros quinze meses, Truman conquistou no Congresso Americano 6,8 bilhões de dólares (POLLARD, 1990, p. 201, Apud AYERBE, 2002, p. 78).

Apesar de a ajuda ser muito menor, os EUA buscaram o alinhamento do subcontinente americano aos seus interesses. Sua preocupação com o subcontinente estava no risco da expansão do nacionalismo e do socialismo.

Como parte das ações cautelosas dos EUA, ainda no governo de Truman, o senador McCarthy formataria a política caracterizada de “caça às bruxas”. Essa política ostentava a luta contra o comunismo, definindo-o como parâmetro para definir os aliados e os inimigos dos norte-americanos.

McCarthy foi um dos responsáveis por canalizar, representar e fomentar o ódio aos comunistas nos EUA a partir do final da Segunda Guerra Mundial. Sob o véu de uma sociedade ocidental ideal, os EUA constituíram um sólido sistema de crenças opostas ao comunismo. Tendo como objetivos salvaguardar o individualismo, gerar apego à propriedade

privada, valorizar a religião e o consumo e promover confiança nas autoridades e em suas instituições, os EUA irradiavam os elementos do *American Way of Life*¹⁶.

Esse sistema de crenças e de ideias foi irradiado para os países que os EUA tinham influência.

No auge da Guerra Fria, a ostentação do *American Way of Life* foi intensa e tornou-se forte a aversão ao comunismo por parte dos EUA e dos países que seguiam as mesmas orientações.

Uma grandiosa estrutura jurídica, administrativa e ideológica foi criada para auxiliar nas ações, medidas e cautelas contrárias ao comunismo no próprio país. Carla Simone Rodeghero escreveu como se deu a formação desse aparato:

Tal combate era regulamentado por uma série de tribunais e de leis, o que poderia lhe dar mais sistematicidade e eficiência. O exemplo mais expressivo é o *House Committee on Un-American Activities* (HUAC), que funcionou de 1938 a 1975. Em 1945 se tornou o primeiro comitê permanente encarregado de investigar propaganda e atividades consideradas subversivas e "não-americanas". De 1945 a 1957 realizou pelo menos 230 audiências nas quais mais de três mil pessoas testemunharam. Seus alvos variaram ao longo do período. Em 1948, por exemplo, investigou a alegada infiltração comunista em agências do governo federal, recolhendo informações que possibilitaram a condenação do ex-oficial do Departamento de Estado, Alger Hiss. Em 1951, investigou a infiltração comunista na indústria cinematográfica. No ano seguinte, prestou mais atenção aos sindicatos e também lançou um ataque a duas instituições norte-americanas — *Harvard University* e *Massachusetts Institute of Technology*— por elas não terem suspenso professores do seu quadro docente que foram considerados comunistas (RODEGHERO, 2002).

Outros meios também foram usados para se contraporem à representação comunista: livros que se tornavam *Best Sellers*, filmes produzidos em Hollywood, ações realizadas para conformar um ambiente de pavor e vigilância diante dos riscos do comunismo. Simone Rodeghero definiu o conceito de Anticomunismo irradiado pelos EUA da seguinte forma:

o “anticomunismo é entendido como uma postura de oposição sistemática ao comunismo que se adapta a diferentes realidades e se manifesta por meio de representações e práticas diversas (RODEGHERO, 2001, p. 21).

¹⁶ O *American Way of Life*, que dominou o cenário da sociedade americana após a Segunda Guerra Mundial, caracterizou-se por um forte interesse intervencionista dos EUA nos assuntos mundiais. O país se apresentou como uma nação que garantia liberdade e prosperidade aos povos do mundo. Internamente, a sociedade sofreu algumas mudanças. Passou a vivenciar um ideal de consumismo massivo, padronização cultural e fortalecimento da vida privada, em detrimento do espaço público. O *American Way of Life* foi oferecido ao mundo por meio do cinema, da propaganda, de investimentos privados, da TV e do rádio, como oposição ao autoritarismo soviético (LIMONCIC, 2004, p. 29 e 30).

A autora discute que os Estados Unidos avaliaram as ações brasileiras em relação ao anticomunismo, analisando, pontuando e sugerindo medidas de controle diante do perigo comunista. As medidas tomadas no Brasil estiveram baseadas principalmente em atividades de propaganda.

As principais correntes do anticomunismo no Brasil eram heterogêneas e estiveram reunidas nas correntes católica, nacionalista e liberal (MOTTA, 2002). Essas vertentes constituíram uma representação clara da URSS e do PCB e esse imaginário conformado foi utilizado para estigmatizar e colocar a população contra o “perigo vermelho”. Criou-se uma extensa gama de adjetivos pejorativos e negativos para definir os comunistas: “antipatrióticos”, “vendidos”, “piratas”, “desvairados”, “paranoicos”, “degenerados”, “tresloucados”, “dementes”, “bárbaros”, “selvagens”, “demônios”, “venenosos”, “traidores”, “imorais”, “marginais”, “teleguiados de Moscou”, etc.

Se o comunismo no Brasil constituiu perigo real, não é uma questão a ser respondida com precisão. O que de fato pode ser hipotético é que a retórica anticomunista deu segurança aos setores que marcharam contra essa ideologia, garantindo-lhes uma defesa antecipada diante da possibilidade de uma revolução socialista.

A sobrevalorização da presença do comunismo no Brasil também serviu, para os governantes brasileiros, como uma moeda de barganha para negociar com os EUA. Ao demonstrarem que o risco do comunismo operar uma revolução bem-sucedida no Brasil era real, os governos brasileiros almejavam conseguir créditos, investimentos e armas dos EUA.

Por outro lado, não se pode afirmar que setores do Brasil combateram o comunismo somente por fatores externos, pois as motivações domésticas também serviram de argumentos para acalantar a repulsa ao comunismo. O Brasil não esteve preocupado em separar as diferenças do PCB com a URSS, a associação foi direta e imediata.

Aproveitando-se da situação de bipolaridade, por meio de diversas táticas, os Estados Unidos alcançaram autoridade internacional e barraram as tendências políticas opostas. Pode-se afirmar que a engenharia institucional, política, econômica, militar e cultural dos EUA (*Doutrina Truman, OTAN, Plano Marshall, American Way of Life*) criada no pós-guerra serviu de meios para os EUA moldarem o mundo. Ostentando o capitalismo, a democracia e o liberalismo, a maior potência do globo se tornou a principal oponente da URSS.

No Brasil, esses esforços almejavam constituir um imaginário negativo da URSS, mas positivo dos EUA. Os comunistas desejavam o contrário.

1.3. A fortaleza soviética

Com o êxito da Revolução Russa de Outubro de 1917, os bolcheviques começaram a construir a odisseia comunista.

A Revolução Russa de 1917, de cunho socialista, ganhou influência e respeito internacional de muitos trabalhadores e intelectuais. A *Pátria Socialista* se tornaria uma das principais protagonistas do século XX, inspirando aliados e atemorizando inimigos em todo o planeta.

Com a morte de Lênin, em 1924, a luta entre as grupos que visavam sucedê-lo acaloraram a vida do Partido Bolchevique. Os debates acirrados em torno de sua sucessão demonstravam que “nenhum texto ou votação, nenhuma declaração ou resolução partidária, deixavam de se relacionar com disputas que tinham o poder como alvo” (FILHO, 1997, p. 103).

Na esteira das polêmicas, teses e antíteses, Josef Stálin¹⁷ saiu vitorioso e se tornou a o principal líder. Stálin conseguiu aprovar as suas opiniões no XIII Congresso do PCUS (1924), em que Lênin já não estava mais presente, e no XVII Congresso do PCUS (1934), chamado de “congresso dos vencedores” (MEDVDEV, 1986).

Nesses Congressos, todas as oposições apresentadas – “oposição unificada”, “oposição trotskista” e “oposição nova” – foram derrotadas por Stálin e seus camaradas. Alguns dos velhos bolcheviques – Trotsky, Zinoviev, Kamenev e Bukharin – viram suas opiniões rechaçadas.

Com a consagração de Stálin, passou-se a alegar que Zinoviev, Trotsky, Kamenev, Bukharin, entre outros, emperravam a construção do socialismo. Em um artigo de 1936, o PCB reafirma essa opinião:

Sem plataforma política, desmentidos pela realidade, abandonados por todos os que ainda conservam um resquício de honra, animados unicamente pelo ódio á vitória, do socialismo e seus maiores batalhadores, Trotski, Zinoviev, Kamenev e seus satélites empreenderam a estrada do terror fascista individual (A Classe Operária, nº 201).

Esses “traidores” são comparados com os nazistas; mas não recebem apenas o sinal de iguais, aparecem como homens ligados diretamente ao nazismo:

¹⁷ Georgiano, nascido na cidade de Gori, Stálin se tornou o líder máximo da URSS do período de 1928 a 1953.

E os objetivos trotskistas-zinovievistas e os dos monstros pardos nazistas coincidiam em grande parte: assassinato dos chefes da classe operária, destruição do poder socialista na União Soviética. Daí a colaboração organizatória dos asquerosos trotskistas-zinovievistas com os agentes fascistas, com a Gestapo hitlerista (A Classe Operária, nº 201).

As comprovações da ligação de Trotsky com os inimigos da URSS se deram, segundo os comunistas, nas declarações de Radek, Gosiakev, Sekonikov e outros que confessaram esse contato. As confissões ocorreram nos Processos de Moscou:

Dependo no processo de sabotagem a que respondem em Moscou, Radek, Gosiakev, Sekonikov e outros confessaram diante das provas irrefutáveis, que agiam sob a orientação de Trozky, da Alemanha e do Japão (A Classe Operária, 2 de Fevereiro de 1937).

Para os adeptos de Stálin, graças ao stalinismo, esses “inimigos” do Partido e da Revolução foram desmentidos.

Nesse marco, a ideia de que a ausência de Lênin, dirigente histórico da Revolução Russa, ajudou a debilitar os contrastes ideológicos e políticos dos círculos comunistas, tem sentido para alguns autores. Sua morte intensificou algumas tendências que já existiam no Partido mesmo durante sua atuação:

a burocratização, o progressivo abandono do debate teórico e o baixo nível de cultura política da base militante. Sem dúvida, a doença de Lênin afetou as atividades do Partido (VICENTINI, 2006, p. 29).

Em uma carta para o XIII Congresso do Partido, Lênin advertia sobre os riscos dos traços autoritários de Stálin e da dinâmica perigosa que tomava o Partido. A carta foi lida por Krupskaya, esposa de Lênin, no Congresso do Partido realizado em maio de 1924:

O camarada Stálin, tendo chegado ao Secretariado Geral, tem concentrado em suas mãos um poder enorme, e não estou seguro que sempre irá utilizá-lo com suficiente prudência (LÊNIN, 1922)

Desse período até 1953, Stálin governou o país com mãos de ferro e cunhou as bases do stalinismo:

é possível destacar algumas características do Stálinismo que permitem perceber a associação de um projeto de modernização com a institucionalização do terror, são elas: planejamento econômico centralizado mais voltado para a indústria pesada do que para o setor de bens de consumo leves [...] a transferência de recursos do setor rural para o industrial-militar por meio de tributação, requisições forçadas e

tabelamento de preços; a formação de um enorme aparato repressivo *extrajudicial* [...] o uso sistemático da censura e de uma propaganda oficial que colocava a figura de Stálin acima do Partido Comunista [...], ao mesmo tempo em que criava eficazmente ‘novos inimigos’ todas as vezes que surgiam críticas a sua administração tanto no interior do partido quanto em determinados setores da sociedade; o reconhecimento da estrutura de partido único [...] (VIANNA, 2004, p. 860).

Com essa configuração, o stalinismo impôs a sua lógica ao Movimento Comunista Internacional e à sociedade soviética.

Após a ascensão de Stálin, durante e após a Segunda Guerra Mundial, a URSS agregaria mais valores à sua imagem de *Pátria Socialista*. Os comunistas alardeavam o mérito de a URSS ter derrotado o nazismo e se tornado a segunda potência do mundo. Além disso, propagandeavam que na Crise de 1929 a URSS não fora afetada, do contrário, a Nação teria passado por grandes transformações ascendentes.

Nesse momento, o prestígio de Stálin e da URSS alcançaram uma dimensão incalculável.

No Brasil, o PCB ostentava esse abrilhantamento do mundo soviético:

Quando Hitler e Mussolini ameaçavam céus e terras com seus tanques e suas baionetas, quando as burguesias corruptas dos países imperialistas capitulavam, através de seus governos, diante de cada chantagem do nazifascismo, os olhos do mundo foram atraídos para a torre do Kremlin, onde continuava a brilhar a estrela vermelha da liberdade. Ali estava um homem, um governo, um povo que dizia NÃO aos escravagistas, que animava com o seu apoio e a sua firmeza a resistência dos povos, que carregou o fardo mais pesado da guerra, expulsando por fim de seu território os invasores nazistas (*Voz Operária*, 5 de Novembro de 1949).

Outra novidade do pós-guerra que contribuiu para o fortalecimento do mundo comunista foi a formação do bloco de países socialistas na Europa Oriental. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, a URSS passou a reconstruir a Nação e manter sob seu controle os países que compunham sua área de influência. Os comunistas soviéticos percebiam que uma revolução na Europa desenvolvida seria tarefa de grande dificuldade, e isso tonificou a perspectiva de proteger o Estado soviético com afinco.

Como plano para defender os avanços da revolução russa, garantir sua segurança, reconstruir o país e ganhar mais força, a URSS desenvolveu ações para o crescimento da força comunista. Novos países se somaram ao projeto socialista, dentre eles os países da Europa Oriental (Iugoslávia, Hungria, Checoslováquia, Polônia, Alemanha Oriental, Romênia, Albânia e Bulgária). Posteriormente outros países caminharam rumo ao socialismo: a China, a

Coreia do Norte e o Vietnã do Norte. A ideia de que 1/6 do mundo rumava para o socialismo fortalecia as bandeiras da URSS.

Para garantir a centralização dos países comunistas aliados à URSS, os soviéticos criaram o Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON), criado em 1949.

O COMECON foi um instrumento de auxílio na “planificação, especialização e divisão internacional do trabalho no âmbito do bloco burocrático, evidentemente sob a direção impositiva da URSS” (OHLVEILER, 1985, p. 277). O COMECON significou uma resposta soviética à criação do Plano Marshall.

O Pacto de Varsóvia, criado em 1955, caminhou no mesmo sentido. O pacto foi um acordo militar entre os países socialistas localizados no Leste Europeu. A unidade cumpria o papel de defender o bloco socialista de possíveis agressões dos países capitalistas.

Em relação à situação do país no pós-guerra, observa-se que ela foi bem diferente da realidade dos EUA.

A URSS fora a Nação que mais suportara o peso da guerra: enquanto as perdas francesas e inglesas são calculadas em torno de 1,3 milhão de pessoas, os soviéticos chegaram à cifra de 20 milhões, aí incluídos militares e civis¹⁸ (FILHO, 1997, p. 153). Cidades foram arrasadas, aldeias arruinadas, totalizando 1.710 cidades e 70 mil aldeias destruídas. Da mesma forma, a indústria, a agricultura e a infraestrutura soviética haviam sido devastadas. Em face do peso das perdas materiais e humanas, a União Soviética avocou-se a tarefa de liquidar definitivamente o nazismo.

Além das estatísticas, os sofrimentos traumatizaram a população soviética e são indescritíveis; mas mesmo com as perdas e angústias da guerra, a URSS se consagrava como a segunda potência do globo. O discurso oficial do Estado salientava esse mérito.

A ideia de uma guerra Pátria contra Hitler proporcionou a Stálin a glorificação da sociedade soviética diante do nazismo e do capitalismo. O stalinismo ganhava mais um impulso para se tornar a doutrina do comunismo internacional e a URSS se tornava a maior referência prática e teórica dos comunistas.

A repercussão dos feitos da URSS em todo o mundo foi impactante. Para muitos, a URSS se transformava no símbolo máximo das causas progressistas da humanidade, da paz entre os povos, das lutas pela independência nacional.

Internamente, os esforços da União Soviética priorizaram a continuidade dos “Planos

¹⁸ Hobsbawm demonstra uma diferença marcante entre o número de civis mortos na I Guerra Mundial e na II Guerra Mundial: 5% dos que morreram na Primeira eram civis, já na Segunda o número subiu para 66%.

Quinquenais”¹⁹, realizando o 4º plano, que durou de 1946 a 1950, e o 5º, que se iniciou em 1951.

O povo soviético, desde fins dos anos 20, havia passado por privações e agonia: fome, coletivização da terra²⁰, sacrifícios acatados e forçados²¹, aceleração da industrialização²², ritmo de trabalho estonteante, dura disciplina, terror. Posteriormente, sofreu com a invasão nazista – fugas, mortes, racionamento, escassez, dores, esforços.

Com a vitória sobre o nazismo, a esperança de uma vida melhor ressurgiu, entretanto, esse sonho se desfez. Em nome da reconstrução do país e da defesa nacional, no marco das disparidades da Guerra Fria, Stálin evocou novamente a realização dos planos Quinquenais (FILHO, 1997, p. 169-170).

Apesar dos avanços da sociedade soviética, Daniel Aarão Reis Filho (1997, p. 170-176) sustenta que algumas fissuras permaneceram. A indústria pesada realmente crescia, mas a indústria leve continuava atrasada. Dos investimentos realizados nessa área, 42% eram destinados à indústria pesada, sobrando apenas 5,4% para a leve. Na agricultura, o vácuo entre a previsão dos planos e as colheitas reais era enorme. Em 1948, somente 60% do previsto seriam alcançados, taxa um pouco maior do que a produção em 1913.

Em comparação com os investimentos na indústria pesada, a agricultura recebia menores investimentos, somando uma média de 12% dos investimentos do Estado, entre 1946 e 1953. O número de porcos, gado vacum e ovelhas também não cresceu em relação aos períodos anteriores. Os erros eram atribuídos às dificuldades climáticas e aos equívocos de organização.

Os trabalhadores urbanos e rurais ficavam insatisfeitos e sentiam-se desestimulados de produzir, além de carecerem de bens de consumo. Uma sensação de clausura, decorrente das normas e poderes estatais, ganhava vida entre a população (FILHO, 1983).

De qualquer forma, a URSS se tornava um gigante, uma grande potência, com privações, mas tendo avanços. O imaginário transposto para os PCs de todo o mundo refletia

¹⁹ Os Planos Quinquenais se baseavam no favorecimento da indústria pesada, na coletivização forçada da terra, no uso do terror político e na expropriação dos excedentes dos trabalhadores industriais e camponeses.

²⁰ Estabelecida de forma forçada por Stálin, a partir de 1928, a coletivização da terra aconteceu na forma de cooperativas (*kolkhozes*) e fazendas estatais (*sovkozoes*). O Estado liquidou os chamados *kulaks* (camponeses “ricos”). Vale ressaltar que a sociedade viveu uma “*kulakização*”, pois muitos se tornavam empecilhos da produção, abastecimento e distribuição de alimentos (AQUINO, 2004, p. 512).

²¹ Os trabalhos forçados foram utilizados para a construção de ferrovias, exploração de minerais, abertura de canais, construção de pontes.

²² A industrialização acelerada privilegiou a produção de armas, de energia, a extração mineral e a indústria pesada.

um ambiente sublime, usufruído por homens e mulheres que não pertenciam aos estratos elitizados. As debilidades que a população enfrentava eram deixadas de lado.

Os militantes comunistas de outros países absorviam conscientemente o receituário soviético. Para Fernando Claudín (CLAUDÍN, 1985, p. 313-314), os comunistas de outros países tinham “fé ilimitada, religiosa, nos dirigentes soviéticos”. Educados pela concepção stalinista, os comunistas não se tornavam sujeitos conscientes, críticos e exigentes, ao contrário, se tornavam acríticos e conformistas (CLAUDÍN, 1985, p. 81).

O historiador Pierre Broué detalhou a vida cotidiana de um militante comunista durante a stalinização e a burocratização dos partidos comunistas:

O ativismo enraivecido, a agenda sobrecarregada, a impossibilidade para um membro do partido de encontrar o tempo de refletir, de ler, de discutir, de ter finalmente uma vida e um pensamento pessoais não era o resultado de um encadeamento de uma série de acasos, mais uma política, voluntária e deliberadamente assumida, tendendo a fazer dos membros comuns verdadeiros robôs, bombas de finanças permanentes, esquilos girando em círculos em suas gaiolas e não tendo nenhum desejo de se informar alhures, até mesmo de confrontar realmente as teses do partido com as de outros ou simplesmente com a realidade (BROUÉ, 2007, p. 769).

Apoiado na teoria do *Socialismo em um só País*²³, Stálin criou uma forte mobilização interna e garantiu o reforço de defesa externa do país. A teoria servia como doutrina oficial da Internacional Comunista²⁴ e norteava os comunistas mundialmente.

Stálin congregou dois objetivos ao virar os holofotes dos trabalhadores e dos comunistas de todo o mundo para a sua “fortaleza”: 1) garantiu um “exército” de apoiadores; 2) transformou a URSS no foco principal e, ao mesmo tempo, mistificou a URSS para os seus espectadores.

Fernando Claudín escreveu sobre essa instrumentalização da teoria do *Socialismo em um só País* pela URSS:

Convertida em fundamento teórico da estratégia da Internacional Comunista significava, em resumo, subordinar a revolução mundial – em cada uma de suas

23 A teoria, elaborada por Nikolai Bukharin, foi aprovada no XIV Congresso do PCUS, realizado em 1925. O pressuposto básico da teoria partia da ideia de que de que a revolução no Ocidente havia fracassado, logo, a tarefa de construção do socialismo na URSS se redobrava.

24 A Internacional Comunista foi criada em 1919 no calor da Revolução Russa. A organização foi fundada por iniciativa do Partido Bolchevique, organização que participou da Revolução Socialista de 1917. A IC foi impulsionada principalmente por Vladimir Ilitch Lênin, dirigente do Partido bolchevique. Os princípios da IC passavam pela defesa do internacionalismo proletário, do centralismo democrático, da revolução socialista em plano mundial. A organização foi o polo de atração e difusão das ideias comunistas, seu prestígio foi imenso. Fazer parte desse organismo dava autoridade e prestígio aos comunistas de outros países.

fases e episódios – às exigências da construção do socialismo na URSS (CLAUDÍN, 1985, p. 75).

Para o autor, a teoria fundamentou a subordinação dos organismos do Movimento Comunista Internacional aos “interesses da URSS”.

Daniel Aarão discute que a sociedade soviética foi contaminada por uma espécie de *nacionalismo*. No contexto da Guerra Fria, esse surto veio à tona novamente:

O mito salvacionista da fortaleza sitiada, em círculos concêntricos. Moscou e os russos. Os soviéticos em torno dos russos. Os demais Estados socialistas, numa solidariedade *granítica*, em volta da URSS. Os comunistas de todo o mundo, como um cinturão, em defesa do sistema socialista (FILHO, 1997, p. 184).

Mesmo com a dissolução da Internacional Comunista (COMINTERN), em 1943, o stalinismo continuou sendo a principal vertente marxista internacional. Arvorando-se no verdadeiro e único herdeiro do pensamento marxista revolucionário, afirmava a possibilidade de equalizar o presente e o futuro.

Para Claudín, a dissolução da IC aconteceu num período em que “a revolução mundial parecia retomar a sua marcha com força irresistível” (CLAUDÍN, 1985, p. 333). O autor escreveu que existia uma incompatibilidade entre a dissolução da IC e o crescimento do comunismo. Afirma que partir de 1945 o crescimento de comunistas em países fora da URSS havia alcançado catorze milhões, contra apenas um milhão antes de a II Guerra se iniciar. Só na América Latina, o número chegou a meio milhão de comunistas, distribuídos principalmente no Brasil, no Chile e em Cuba. Por isso, para o autor, a dissolução da IC se tornava uma contradição.

Alguns autores defendem que o fim da IC foi uma exigência das potências capitalistas, preocupadas com a expansão do comunismo, e ao suprimi-la, a URSS ajudava a atenuar essas tensões.

A dissolução provavelmente tenha sido parte dos acordos entre os Aliados. Fernando Claudín denominou o fim da IC de um “holocausto no altar da grande aliança” (CLAUDIN, 1986).

Andrei Jdanov²⁵, em seu Informe à Conferência de Varsóvia, que resultou na fundação do COMINFORM, teria explicitado os motivos da dissolução da IC:

A dissolução do Comintern, correspondente às exigências do desenvolvimento do

²⁵ Um dos principais organizadores do COMINFORM.

movimento operário e às condições da nova situação histórica, exerceu uma função positiva. A dissolução do Comintern pôs fim para sempre à calúnia propalada pelos adversários do comunismo e do movimento operário, de que Moscou se intromete na vida interna dos outros Estados e que os Partidos Comunistas dos diversos países não agem no interesse de seus povos, mas segundo ordem do exterior (Revista Problemas, Outubro de 1948).

Para substituir a IC, os soviéticos criaram na Polônia, em setembro de 1947, um novo organismo para dirigir os partidos comunistas: o Comitê de Informação dos Partidos Comunistas (COMINFORM). O Cominform buscava coordenar as intervenções de seus partidos membros (PCs da URSS, Itália, França, Hungria, Tchecoslováquia, Romênia, Iugoslávia e Bulgária). Seu interesse estava na proteção das esferas de influência da URSS.

A fórmula de dissolução da Internacional Comunista indicava que as seções nacionais subsistiriam, mas seriam partidos e seções independentes.

Jdanov delimitou as tarefas dos PCs:

Devem tomar nas suas mãos a bandeira da defesa da independência nacional, da soberania dos respectivos países. Se os Partidos Comunistas permanecerem firmes em suas posições, se não se deixarem intimidar e enganar, se se puserem corajosamente em guarda por uma paz sólida e pela democracia popular, em guarda pela soberania nacional, pela liberdade e independência de seus países, se na sua luta contra as tentativas de submissão econômica e política de seus países, souberem colocar-se à frente de todas as forças, prontos a defender a causa da honra e da independência nacional, nenhum plano de dominação da Europa poderá ser realizado (Revista Problemas, Outubro de 1948).

Claudín aponta que, com a criação do Cominform, foram feitas várias mudanças na política internacional da URSS, destinadas aos partidos comunistas.

O Cominform buscou garantir “ao máximo o monolitismo ideológico e que as práticas dos partidos fossem semelhantes às soviéticas” (RIBEIRO, 2004, p. 510).

Em 1949, o Centro decidiu que a luta contra a ameaça de “agressão direta” dos países capitalistas à URSS passaria a ser a tarefa central. O alvo máximo dos partidos comunistas passava pela construção da “luta pela paz”.

O próprio título da revista do Cominform traduzia suas expectativas: *Por uma Paz Duradoura, por uma Democracia Popular*. As campanhas em torno da paz se materializaram em abaixo-assinados, manifestos, cartas, exigindo o desarmamento geral das nações e a proibição das armas atômicas.

Ao analisar os motivos da criação do Cominform, os estudos de Claudín ajudam a compreender o interesse dos soviéticos. O autor elencou dois motivos principais:

Em primeiro lugar, o núcleo axial da resposta Stáliniana à ofensiva americana era construir um bloco monolítico, sob a égide soviética, com os países à conferência secreta na Polônia. Em segundo lugar, o campo de batalha principal para Stálin, na situação dada, era a Europa, com dois objetivos estreitamente vinculados: assegurar a invulnerabilidade da sua área de projeção e impedir que prosperasse o plano de agrupar num bloco, sob a direção de Washington, os Estados europeus ocidentais (incluído a Alemanha do Oeste) – daí o convite aos dois principais Partidos desta zona ao conclave na Polônia (CLAUDÍN, 1985, p. 495).

Para sustentar as práticas do stalinismo, a expansão de uma nova camada privilegiada na sociedade soviética contribuiu de forma decisiva. Essa camada foi formada por funcionários do Estado e do aparelho partidário, chefes de empresas, planejadores, militares, administradores, pesquisadores. Esses setores recebiam salários mais elevados e gozavam de maiores benefícios, como bonificações, habitação e transporte de melhor qualidade, pensões, isenção de impostos, usufruto das colônias de férias, etc. (FILHO, 1983, p. 37-38).

Os homens e mulheres que se transformaram na elite do país, em alguns casos, ascendiam dos setores mais pobres da sociedade para depois sustentarem as ações do círculo soviético. A burocracia soviética detinha privilégios materiais, boa posição profissional, sendo que em muitas ocasiões ascendia socialmente, dependendo, é claro, dos seus aportes ao fortalecimento do Estado soviético.

Uma situação muito recorrente estava na delação, pois, ao apontar um inimigo, o acusador tinha grandes chances de conquistar mobilidade social. A delação possuía uma chance de ascensão social no período stalinista.

Ainda em 1921, essa burocracia reunia 2,4 milhões de oficiais do Estado, o dobro em relação aos trabalhadores industriais da Rússia. Stálin ampliou esse número e se utilizou desse segmento como base de apoio para o seu regime. O fortalecimento dessa camada privilegiada estava acompanhado de mobilidade social.

Orlando Figes escreveu que em 1930 esse processo acontecia intensamente: oportunidades e chances de mobilidade social surgiram para os soviéticos. Os filhos de trabalhadores almejavam se tornar profissionais; crianças camponesas esperanças morar nas cidades (FIGES, 2010, p. 174).

Segundo Daniel Aarão (1997, p. 128-129), a mobilização social acontecia de duas maneiras: *vertical* e *horizontal*. Na horizontal se refletiam as mudanças de emprego de uma pequena para uma grande indústria e a rotatividade de pessoal nas próprias indústrias; na vertical um aprendiz poderia se tornar chefe, um trabalhador da produção e dos serviços

poderia subir para a administração, depois para o partido, alcançando *status* e poder.

A educação ampliava ainda mais as possibilidades de mobilidade da população. Entre 1928 e 1941 os diplomas universitários aumentaram de 233 mil para 908 mil, e do nível secundário, de 228 mil para 1,49 milhão. O conhecimento, o saber, a informação se transformavam em veículos para a ascensão social e para o acesso ao poder. Em meio a esse processo, a filiação ao Partido se tornava um ato indispensável para a promoção.

A formação de uma elite soviética, após 1930, permitiu a muitas famílias desfrutarem de “vidas relativamente luxuosas à medida que eram recompensadas com novas casas, acesso privilegiado a lojas de alimentos, carros com motoristas, dachas, férias em estâncias especiais e em sanatórios do governo” (FIGES, 2010, p. 205-206).

Depois da Segunda Guerra Mundial formou-se uma classe média soviética educada e instruída. Orlando Figes (2010, p. 539-540) afirma que a elite da década de 1930 se diferenciava da elite do pós-guerra. Em relação a esta última, autor refere que “seus membros eram mais bem educados, menos ideológicos na aparência e mais estáveis”.

A conformação dessa elite dava ao Estado uma base social mais sólida, maior e mais confiável. A base de sua expansão também ocorreu por meio da educação superior, à qual tinham acesso filhos de intelectuais, jovens vindos da elite soviética e outros de origem pobre.

Não foi apenas na criação de uma camada privilegiada e da existência de mobilidade social que se apoiou o stalinismo. Intensa propaganda, o uso do terror político e a criação de mitos serviram, do mesmo modo, para legitimar o stalinismo. Internamente eliminava ou atenuava seus opositores categorizando-os de “contrarrevolucionários”: todos que buscassem criticar, de forma aberta ou discreta, as proposições vindas da direção, eram chamados de “inimigos” da Revolução.

Externamente, o stalinismo incorporava à imagem do Estado soviético e do PCUS o papel de verdadeiros representantes do socialismo, os reais donos da verdade marxista. A URSS figurava como a *Pátria Socialista*, igualitária e cheia de oportunidades.

Em relação às perseguições, foi feita uma extensa lista de intelectuais perseguidos e reprimidos, que não se enquadravam nos ditames do Partido. As obras polêmicas eram retiradas das bibliotecas, muitos pensadores padeciam em cárceres e campos soviéticos.

Antes da II Guerra, o Partido eliminou as opiniões divergentes e os próprios “inimigos” da URSS, por meio dos Processos de Moscou. Reuniões eram vigiadas, opiniões contrárias se tornavam divisionistas. Muitos revolucionários foram acusados de espões

nazistas ou imperialistas, outros de realizar atividades terroristas e organizar sabotagem econômica.

O terror se aplicava por meio da tortura, do fuzilamento, da deportação, do trabalho forçado, cumprindo um decisivo papel para eliminar os “inimigos” e os “traidores”. O terror na direção se espalhou para as camadas inferiores do Partido, para as instituições e para a sociedade soviética (FIGES, 2010, p. 288).

Os Processos de Moscou receberam o apoio e o reconhecimento do PCB. Para o Partido, quando Zinoviev, Trotsky, Kamenev e outros foram condenados, a URSS adotava a medida mais sensata e correta. Ainda em sua opinião, os Processos de Moscou desmascararam esses “inimigos” da Revolução:

O ‘complot’ terrorista fracassou. Os criminosos trotskistas-zinovievistas-fascistas, apanhados em flagrante delito, compareceram diante do Tribunal Soviético. A hora da expiação de seus ignóbeis crimes, contra a humanidade trabalhadora, soou. Suas garras sanguinárias foram cortadas (A Classe Operária, nº 201).

Os Processos de Moscou, mesmo recebendo críticas internacionais, para o PCB foram corretos, transparentes e abertos:

O desassombro, a segurança com que agiu o governo da U.R.S.S. contra os provocadores trotskistas; a liberdade e amplitude da discussão que organizou em torno do processo, não deixa dúvida nenhuma quanto às intenções da Ditadura do Proletariado de defender palmo a palmo seu território e esmagar implacavelmente quem ousar atacá-lo, defendendo sua posição de baluarte das massas oprimidas de todo mundo (A Classe Operária, Março de 1938).

O PCB chegou a informar que o próprio povo soviético apoiou os expurgos de Stálin:

Os operários das fábricas – por ocasião do processo de Moscou – adotaram resoluções pedindo a morte de Trotsky e demais serviçais do fascismo [...] Realizou-se na Praça Vermelha uma grandiosa manifestação, comparável ao 1º de Maio e 7 de Novembro, como aprovação do veredicto do processo (A Classe Operária, Junho de 1937).

Com uma imagem positiva, a URSS aparecia como a verdadeira encarnação do socialismo, sendo o verdadeiro centro do pensamento marxista. A abolição da propriedade privada, a derrocada do czarismo e do capitalismo, os avanços nas áreas da industrialização, da agricultura, cultura, tecnologia e educação, foram elementos utilizados para a constituição de um imaginário positivo.

Indagar se realmente era essa a verdadeira realidade da URSS pode levar a profundas

reflexões, indicando que o paraíso soviético era algo mais dito e aparente do que real; mas o que realmente interessa na presente pesquisa é o encantamento do PCB diante do mundo soviético, ou seja, o imaginário produzido pelo partido em torno da URSS.

1.4. O alvorecer da Guerra Fria no Brasil

Os reflexos da Guerra Fria no Brasil foram decisivos para alternar o jogo de poderes entre as elites dirigentes e os comunistas. Entender a transição do final do pós-guerra para o início da Guerra Fria ajuda a compreender o remodelamento das escolhas feitas pelo Brasil durante o conflito.

Após o término da Segunda Guerra Mundial, os EUA ocupavam a posição de Nação mais poderosa do mundo. Essa posição influenciou as decisões dos governos brasileiros. A política iniciada pelo governo de Getúlio Vargas, durante o Estado Novo, reflete essa tendência. Durante o Estado Novo, que durou de 1937 a 1945, Vargas defendeu a ideia do surgimento de uma nova configuração do globo após a II Guerra.

A intenção não é demonstrar que Vargas já vislumbrava a Guerra Fria, mas que o político tinha noção de um reordenamento mundial. Vargas acreditava que o país que hegemonizaria essa nova ordem seriam os EUA, e o Brasil, por sua vez, não poderia passar despercebido.

Algumas evidências demonstram a preferência do Brasil em estabelecer melhores relações com os EUA. Na II Guerra Mundial, o governo de Vargas enviou soldados da FEB (Força Expedicionária Brasileira), ativou o acordo com os EUA dos seringais amazônicos e facilitou a entrada estadunidense no país. Para Leslie Bethell, durante a II Guerra, o Brasil foi o principal e mais fiel aliado dos EUA na América Latina:

Além de ceder bases no Nordeste (de importância decrescente após a vitória na África do Norte) o país constituiu-se num grande fornecedor de materiais estratégicos – sobretudo borracha e minério de ferro, mas também cromo, diamantes industriais, manganês, níquel, bauxita, tungstênio e, não menos importante, areia monazítica (da qual se extraíam o urânio e o tório, essenciais para o projeto atômico norte-americano). Além disso, em julho de 1944 o Brasil enviou uma força expedicionária de 25 mil homens ao teatro de guerra europeu – as únicas tropas latino-americanas que entraram em ação durante o conflito (principalmente em Monte Castelo, na Itália, em fevereiro-março de 1945) (BETHELL, 1996, p. 66).

O autor continua, informando sobre a resposta dos EUA à ajuda do Brasil:

De Seu lado os Estados Unidos forneceram ao Brasil equipamento militar – inclusive tanques e aviões – dentro do programa *Lend-Lease* (Empréstimo e Arrendamento). O Brasil foi, de fato, o beneficiário de mais de 70% de todo o programa para a América Latina. Oficiais superiores receberam treinamento em Fort Leavenworth e outros locais. Os Estados Unidos continuaram sendo o grande mercado do café, principal produto de exportação do Brasil, e de outros alimentos. [...] Os Estados Unidos fizeram empréstimos (notadamente o do Export-Import Bank para a construção da siderúrgica de Volta Redonda, no Estado do Rio de Janeiro) e deram assistência técnica (por intermédio da missão Cooke em 1942, por exemplo), o que acelerou consideravelmente o desenvolvimento econômico – e especialmente o industrial – do país (BETHELL, 1996, p. 66).

Getúlio Vargas acreditava que ações dessa magnitude estavam garantindo uma relação privilegiada com os estadunidenses.

A aproximação de Vargas com os EUA, do mesmo modo, pode ser exemplificada em sua mensagem anual ao Congresso Nacional. Discursando sobre a vinda de Roosevelt ao Brasil, no ano de 1936, Vargas disse:

Registrou-se, em 1936, o acontecimento de mais ampla significação dos últimos anos, constituído pela visita do Senhor Franklin Roosevelt, presidente reeleito da União Americana, e personalidade de projeção mundial, não só pelo mandato de que estava investido, como ainda pela sua obra estadista, renovadora e sadia, inspirada em altos ideais de solidariedade humana. O povo humano acolheu essa visita com manifestações de excepcional regozijo, evidenciadoras de mutua e inalterável estima existente entre as duas nações (BRASIL, 1937, p. 64).

Qual a aspiração de Vargas nisso tudo?

As ações políticas indicam para o interesse de seu governo conquistar um papel coadjuvante na nova ordem, buscando um tratamento prioritário dos EUA.

O PCB por sua vez, recebeu do Estado Novo o ódio guardado por setores das elites brasileiras, em especial dos Constitucionalistas Liberais, do General Góes Monteiro e do Ministro de Guerra Eurico Gaspar Dutra. Essa aversão foi proveniente da tentativa de revolução²⁶ organizada pelo PCB na década de 1930, experiência comunista que reforçou o “anticomunismo” das elites conservadoras do Brasil.

Note-se que o PCB foi o único partido comunista da América Latina que havia tentado uma revolução armada. O Partido ficou isolado, sua participação na vida política foi limitada, chegando quase ao completo desaparecimento como organização política (SEGATTO, 1981, p. 44).

²⁶ A Rebelião Comunista de 1935 foi uma ação que teve o envolvimento do PCB. Foram organizados levantes nas cidades de Natal, Recife e Rio de Janeiro. O governo reagiu contra a rebelião e saiu vitorioso. O resultado foi uma forte repressão contra o PCB.

A partir de setembro de 1944, Vargas aprovou medidas de caráter democrático. Suas medidas democráticas atenuaram as contradições do seu governo, pois ao mesmo tempo em que Vargas apoiou os aliados na II Guerra, manteve posturas autoritárias no Brasil. Uma das primeiras ações esteve no estabelecimento de relações diplomáticas com a URSS. Além dessa medida, o PCB adquiriu seu registro legal (Resolução n.º 324/1945, do TSE). Como parte dessas medidas, Vargas acabou com a censura à imprensa e anunciou novas eleições.

Tais medidas, na ótica do governo, buscavam melhorar as relações com os EUA, posicionando-se como um governo preocupado com as transformações globais. Apesar do estabelecimento de relações diplomáticas com a URSS, os EUA se tornaram prioritários para o Brasil.

Não obstante, “aos poucos, foram sendo erodidas as esperanças, até então existentes entre as lideranças governamentais brasileiras, de que o país receberia um tratamento de parceiro preferencial por parte dos EUA” (MUNHOZ, 2009, p. 53)

Mesmo assim, depois de 1945, o país demonstraria que sua opção no contexto do conflito estava clara: se alinhar aos EUA. A própria breve reabertura de relações diplomáticas com a URSS seria desfeita.

Apoiando os EUA, o Brasil ainda recebia uma justificativa externa para combater o PCB, dessa forma, o país não tinha apenas motivos endógenos de repulência ao comunismo. Na América Latina, esse movimento foi uma tendência: os EUA se tornaram os principais aliados dos governos do subcontinente.

Com o surgimento dessa nova ordem internacional, a postura dos EUA reforçava as atitudes e interesses domésticos dos países latino-americanos. Esses países recebiam

uma justificativa ideológica para a guinada à direita e para a ofensiva contra a esquerda e contra os setores do trabalhismo organizado sob influência esquerdista que já em muitos casos já começara. A mobilização política popular e a atividade grevista, lideradas ou não pelos comunistas, de repente passaram a inspirar-se nestes, a receber orientação de Moscou e a ser portanto ‘subversivas’ [...] (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 42)

No PCB os conservadores enxergavam a representação no Brasil do principal inimigo dos estadunidenses, a URSS.

O governo que se seguiu, de Dutra, manteve relações internacionais privilegiadas com os EUA. O sucessor de Vargas foi eleito na disputa presidencial realizada no dia 2 de dezembro de 1945.

Participaram do pleito três candidatos: 1) Eduardo Gomes, brigadeiro, ex-tenente e um dos principais comandantes da Força Aérea, candidato dos constitucionalistas liberais, representados pela União Democrática Nacional (UDN); 2) Yedo Fiúza, engenheiro civil, ex-prefeito de Petrópolis, não comunista, candidato do Partido Comunista do Brasil (PCB); e 3) Eurico Gaspar Dutra, general, ex Ministro de Guerra no governo de Getúlio Vargas, candidato do Partido Social Democrático (PSD).

Prestes esclareceu em um discurso realizado no Recife que o Brasil ainda não estava pronto para ter um presidente comunista, por isso, o PCB teria indicado o engenheiro civil (SKIDMORE, 1975, p. 88).

Dutra recebeu 55% dos votos, Gomes 35% e Fiúza, 10% (569.818 votos).

O PCB elegeu 14 deputados e um senador. As eleições traduziam um suspiro democrático na realidade brasileira. Dutra, após sua vitória, disse que “foi a manifestação mais democrática de que há notícia na história das nossas instituições políticas” (BRASIL, 1947).

Essa esperança não durou muito: Dutra desferiu fortes golpes na democracia, na esquerda e nos movimentos sociais. Isso aconteceu porque o interesse das elites e das classes médias latino-americanas em torno da democracia,

quando não existia apenas retoricamente, de forma alguma implicava a aceitação da participação popular maciça no processo democrático, o acolhimento dos partidos de esquerda na disputa pelo poder, ao lado da direita e do centro, nem o reconhecimento da força de trabalho organizada como ator político de peso (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 41).

Apesar de derrotada, a UDN recebeu em 1946 dois ministérios, compondo oficialmente o governo do PSD, unidade que ajudou a selar a reconciliação entre as elites políticas do país.

A expressiva votação do PCB contemplou um crescimento do Partido e o fato de ter alcançado o terceiro nas eleições presidenciais não foi um dado insignificante. No período, o PCB estava com uma grande quantidade de jornais, revistas e várias editoras²⁷ que publicavam romances e clássicos do marxismo.

Outro aspecto interessante foi o crescimento de simpatizantes e militantes. Em 1943 o PCB contava com cerca de três mil membros, nos fins de 1945, suas fileiras aumentaram para

²⁷ A principal editora do PCB foi a *Vitória*. Fundada na esteira da redemocratização, coordenada por Leôncio Basbaum, a editora atuou em quatro assuntos específicos: “literatura, materiais relativos à URSS, textos de divulgação da política partidária e marxismo” (RUBIM, 2007, p. 402 e 403).

50 mil, para em 1946 chegar ao expressivo número de 200.000 membros (MARANHÃO, 1979, Apud REZENDE, 2006, p. 62).

Com essa cifra, o PCB se tornava o maior partido comunista da América Latina.²⁸

Nesse período, o movimento sindical e social começou a renascer e as greves ressurgiram com força em diversos lugares do país.

O PCB esteve concentrado no processo e se destacou na organização das comissões de fábricas, na direção das greves, no trabalho de sindicalização e na direção dos sindicatos.

Não obstante, com o advento da Guerra Fria, o principal inimigo dos países capitalistas, dos EUA e das classes dominantes era representado pelo comunismo. O crescimento do PCB logo seria tragado pelas forças da repressão do Estado Brasileiro. Para fortalecer ainda mais a oposição ao PCB, o próprio presidente Truman via na figura de Dutra a possibilidade de ser um governo de “forte oposição à União Soviética e ao Comunismo” (HAINES, 1989, Apud REZENDE, 2006, p. 34).

Em mensagem ao Congresso Nacional, em 1947, Dutra ressaltou sua missão em relação à estabilidade política do Brasil. O presidente garantiu que se esforçaria por manter a ordem, combatendo todo o tipo de influência “maléfica” ao bom andamento do regime. Percebe-se que um sentimento de aversão era mantido em relação à rebelião comunista de 1935; além disso, é possível perceber o estranhamento diante da existência de uma organização estrangeira:

O problema da ordem interna é o primeiro na vida do Estado. Todos os países se encontram a braços com a delinquência contra a ordem política e social. É preciso não fugir ao dever de reconhecer que a nossa pátria não tem Estado indene a essa virulência dos fermentos sociais, ultimamente reativados nos períodos anteriores e posteriores à guerra. Ideologias alienígenas se infiltram no organismo, sem resistências, da nossa sociedade, e delas tivemos surto de gravidade inesquecível, quando cidades e regiões do nosso território estiveram nas mãos de inimigos da democracia e mesmo a Capital Federal foi teatro, mais de uma vez, de ocorrências lamentáveis (BRASIL, 1947, p. V).

Esses receios e rancores desaguaram em atos de incompreensão e intolerância contra a existência do PCB. O cerco federal contra o Partido se endureceu de 1946 até 1947. Dutra buscou reprimir e coibir o desenvolvimento das lutas sociais.

²⁸ Os números do Partido sempre sofreram alternâncias significativas. Em alguns momentos, o Partido crescia de forma impressionante, em outros, enxugava completamente seu aparato humano. Reproduzimos aqui, alguns números estimados do Partido, cronologicamente aleatórios: 1922 (73); 1935 (5.000 a 10.000); 1943, II Congresso Nacional (800 a 900), abril de 1945 (3.100), agosto de 1945 (25.000), dezembro de 1945 (82.000), agosto de 1946 (130.000), dezembro de 1946 (180.000), maio de 1947 (200.000); 1953-1954, IV Congresso (80.000 a 100.000); 1956 (100.000 a 130.000). Dados do livro de Ronald Chilcote, 1982, p. 182.

Em 1946 os movimentos sociais se fortaleciam e desempenhavam intensos choques sociais, e essas lutas se estendiam para diversas categorias.

Sidnei Munhoz sintetizou o referido contexto:

Somente no primeiro semestre, ocorreram mais de 70 greves de médio ou grande porte, com a mobilização das categorias mais organizadas do país, como, por exemplo, as dos portuários, metalúrgicos têxteis, bancários e eletricitários, provocando a paralisação de mais de 100 mil trabalhadores (MUNHOZ, 2009, p. 54).

O governo Dutra vivia uma atmosfera de inflação e aumento do custo de vida da população. Na contramão, os trabalhadores ganhavam as ruas em busca de melhores condições de vida. Os trabalhadores se opunham ao aumento dos preços, lutavam por soluções para as suas necessidades básicas insatisfeitas e exigiam melhores salários.

Essas ações preocuparam as elites e os setores conservadores, e por sua vez, os movimentos sociais, os sindicatos e o PCB tornavam alvos da investida *manu militari* do governo Dutra.

Com a intensidade das mobilizações, o Partido foi duramente reprimido, embora acreditasse que o regime não obstruiria sua atuação política.

Demonstrações da relativa confiança do PCB são claras. Durante o Estado Novo o PCB havia elaborado a política de “União Nacional”, a qual promovia a defesa da unidade com o governo de Vargas contra o nazismo e o fascismo.

Já no governo de Dutra, o Partido passou a defender a consigna de “ordem e tranquilidade”, opondo-se às greves e movimentos de choques contra o governo e o empresariado. O objetivo dessa política mais conservadora, de cooperação entre os trabalhadores, os patrões e o governo, tinha igualmente como objetivo “estimular o aumento da produtividade e propiciar as condições para a concorrência das empresas nacionais com as estrangeiras” (MUNHOZ, 2009, p. 54).

Ainda no Estado Novo, Prestes lançou a ideia de que era preciso “apertar os cintos e passar fome” para que o mal, representado pelos movimentos de extrema direita, fosse derrotado. Ele acreditava que após a derrota do nazismo o mundo entraria numa ordem de paz e a democratização das nações seria inevitável.

Tal postura foi continuada durante o governo de Dutra, inclusive endossada, pois o Partido havia se tornado uma organização legal e gozava de autoridade no cenário político brasileiro; porém Dutra conseguiu conter o avanço da esquerda e das lutas sociais,

demonstrando que o PCB não era bem-vindo no jogo político das elites.

Para Pacheco, a situação do PCB se desenhava da seguinte forma:

Por um lado, tinha de criticar a situação cada vez mais difícil da classe operária e por outro procurava apresentar-se como o Partido da ordem e da tranquilidade, defensor do “apertar o cinto”, chegando a colocar-se contra as greves, a pretexto de evitar provocações (PACHECO, 1984: 187-188).

Como resposta, o PCB culpou o governo de Dutra pelos altos índices de desemprego, pela crescente inflação e pela fraqueza da indústria nacional. Em uma charge (figura 1), ainda no ano de 1947, o Partido responsabilizou o governo de Dutra pelo “desastre econômico” que supostamente passava o país. Para o PCB, Vargas também era responsável, Dutra só agravou a situação crítica da Nação, criada durante o Estado Novo. No entanto, o principal culpado por manobrar as intenções dos governantes brasileiros era o “imperialismo” dos Estados Unidos. Ele havia sido o vilão que massacrava a economia nacional do Brasil, afirmava o PCB.

Na charge, os comunistas denunciavam o descumprimento dos compromissos de Dutra assumidos na Constituição de 1946. O PCB realmente tinha esperança de que o governo Dutra aprovaria as medidas mais democráticas da Constituição, mas a realidade foi desfazendo as ilusões:



Figura 1 – A Ditadura levará o país ao Desastre Econômico

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

Uma das primeiras medidas de Dutra foi garantir, na Constituinte, a manutenção da constituição autoritária elaborada em 1937 por Vargas, até que uma nova constituição fosse

promulgada. A manutenção da carta de 1937 fortaleceu o poder de Dutra.

Em maio de 1946 a vigilância estatal recaiu sobre os funcionários públicos suspeitos de serem comunistas. A desconfiança gerava a demissão. Já em 1946, Dutra reprimiria uma manifestação realizada no Largo da Carioca, que comemorava um ano da libertação de Prestes. O resultado foi um saldo de 50 prisões, dezenas de feridos e a morte de Zélia Magalhães (MUNHOZ, 2009, p. 56).

No próprio processo de elaboração da Nova Constituição, a Constituinte de 1946, os ânimos dos comunistas e de seus adversários se esquentavam. Os quinze membros do PCB incomodavam fortemente os membros da UDN e do PSD.

O PCB apresentava diversas críticas contra o projeto do governo, acirrando as divergências e as desconfianças de seus adversários. Os choques entre a polícia e os comunistas passaram a ser corriqueiros (SANTANA, 2001, p. 55).

Outra característica autoritária se apresentava na própria Constituição de 1946. Apesar de avançar em aspectos relacionados aos sufrágios, privilegiava a concentração de poder no executivo, tendo herdado medidas autoritárias da Constituição de 1937:

algumas das leis repressivas do Estado Novo, como a Lei de Segurança Nacional, a Lei de Greve e a Lei de Imprensa (BANDEIRA, 2003, p. 227).

Dentro desse contexto, os ataques penetraram na vida orgânica do Partido: em abril de 1947 as atividades da União da Juventude Comunista foram proibidas; o MUT²⁹ (Movimento de Unificação dos Trabalhadores) foi vetado, suas sedes foram fechadas, os arquivos e documentos foram apreendidos.

Em 23 de março o deputado Edmundo Barreto Pinto e o ex-procurador do Tribunal de Segurança Nacional Himalaia Virgulino enviaram ao TSE um pedido de cassação do registro legal do PCB. A linha de argumentação do pedido se baseava na ideia de que o PCB era uma organização estrangeira, influenciada e subordinada à URSS. O nome de PCB – Partido Comunista do Brasil, em vez de ser denominado como Brasileiro, alimentava ainda mais esse receio. A própria ausência de um presidente, tendo apenas um secretário-geral, e o uso de símbolos estrangeiros, como a foice e o martelo, serviam de argumentos contra o PCB.

Outra crítica que recaía sobre o Partido estava na “contradição” do uso de dois estatutos, um oficial, legalizado no STF, e um ilegal, usado para coordenar o regimento do Partido (SANTANA, 2001, p. 56).

²⁹ O MUT foi uma intersindical que o PCB ajudou a organizar.

A cassação do registro do Partido se deu no dia 7 de maio de 1947. A justificativa usada foi o decreto constitucional que limitava a ação de Partidos “antidemocráticos”. Sobre essa brecha, o governo abriu um processo no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) e conseguiu tornar o PCB ilegal.

Em 27 de outubro de 1947 o Senado aprovou a cassação dos parlamentares comunistas e em 1948, na Câmara dos Deputados foram cassados³⁰ todos os mandatos dos deputados e suplentes do PCB.

A opinião pública nem sequer foi consultada sobre essas atitudes contrárias à vida política do PCB; e não só a opinião pública foi deixada de lado, o governo também não considerou os eleitores que depositaram seus votos na legenda comunista, nem seus simpatizantes. Com o registro cassado, nem o término dos mandatos o governo permitiu.

Para o PCB, o TSE foi instrumentalizado a serviço de Dutra e se curvou aos poderes do governo, perdendo sua autonomia e seu livre poder de decisão. A ação da justiça foi vista como uma medida feita por meio de “votos que não se fundamentaram em nenhuma base jurídica, de juízes que atenderam às imposições do imperialismo yanque através de ordens emanadas do Catete” (A Classe Operária, 7 de janeiro de 1948).

Uma charge (figura 2) no jornal *A Classe Operária* sintetiza essa visão do Partido sobre o TSE:



Figura 2 – Ordens de Dutra

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

³⁰ Apenas três deputados federais e um suplente de senador mantiveram seus mandatos. Eles foram eleitos nas eleições suplementares de 1947: Abel Chermont foi eleito suplente de Prestes no Senado; Pedro Pomar e Diógenes Arruda Câmara foram eleitos deputados federais por São Paulo na legenda do Partido Social Progressista; e Roberto Morena foi eleito deputado federal pelo Distrito Federal (Rio de Janeiro) na legenda do Partido Rural Trabalhista (Dionário Histórico-Biográfico Brasileiro pós-1930 do CPDOC-FGV, Verbetes do Partido Comunista Brasileiro).

Prestes afirmou que toda essa polêmica teria se iniciado em um debate na Associação de Funcionários Públicos do RJ, em março de 1946. No calor do momento, Prestes esbravejou que, caso estourasse uma guerra contra a URSS, ele se posicionaria ao lado dos soviéticos. A declaração foi distorcida para afirmar que Prestes e os comunistas eram inimigos do Brasil.

Documentos confidenciais demonstram que o governo tinha interesse no fechamento do PCB. Em março de 1946 um telegrama do encarregado de negócios da Embaixada dos EUA no Rio de Janeiro informava que os meios policiais garantiriam a preparação de um decreto para tornar o PCB ilegal:

a polícia política já elaborou uma lista dos mais proeminentes comunistas e seus endereços, e já recebeu instruções para fazer preparativos para prendê-los imediatamente após a promulgação do decreto – se ele vier a ser assinado (documento 832.00B33-746, National Archives, Washington, 1946, Apud SEGATTO, 1981, p. 57).

Outro indício foi a conversa entre o general Alcino Souto (membro do gabinete militar de Dutra), o chefe de polícia e o embaixador estadunidense William D. Pawley, em janeiro de 1947 (documento 832.00 B/1-347, National Archives, Washington, 1947, Apud SEGATTO, 1981, p. 58). Na conversa, eles demonstram entusiasmo por terem conseguido as provas para o fechamento do Partido e argumentaram que a opinião pública seria favorável a tal decisão. Finalmente, no dia 7 de maio de 1947 seria cassado o registro do PCB.

As conclusões de tais argumentações levam a crer que os boatos, fatos e insinuações só serviram para justificar a ação repressiva sobre o Partido. Talvez o verdadeiro motivo dessa empreitada tenha surgido do risco que o PCB representava para a ordem do país, pois, segundo as elites e o governo, a organização instigava o ódio entre as classes e a desordem.

É possível questionar se o PCB realmente tinha um potencial transformador proporcional ao imaginário formado a seu respeito pela direita; mas, independentemente do risco, os setores conservadores não tiveram dúvidas quando o assunto era a segurança e a proteção da ordem.

Para Ricardo Maranhão, o fortalecimento do PCB não colocava diretamente em risco a hegemonia dos partidos da ordem:

por mais que ainda não ameaçasse no momento a hegemonia eleitoral dos três grandes Partidos, PSD, UDN e PTB, ele incomodava, e esse seu crescimento se confundia bastante, bem ou mal, com o avanço dos movimentos reivindicatórios dos trabalhadores (MARANHÃO, 1979, Apud REZENDE, 2006,

p. 64).

O drama na vida do PCB passou pela ligação que as forças oficiais faziam entre o Partido e as manifestações dos trabalhadores. Mesmo que não fossem preparadas ou incentivadas pelo PCB, elas eram identificadas muitas vezes como conspirações comunistas.

Além das retaliações, muitos militantes e dirigentes foram presos ou exilados, ou penetraram em uma sombria clandestinidade. Os comunistas também passaram por vários casos de arbitrariedade, maus-tratos, incluindo situações de tortura, fatos que foram informados pela imprensa da época, escreveu Sidnei Munhoz.

Na opinião de Eliezer Pacheco, o PCB atuou de forma passiva diante dos riscos de ações repressivas, pois não criou uma infraestrutura, principalmente financeira e de segurança, que lhe permitisse colocar-se na clandestinidade.

Em 1949 Dutra expressou sua opinião a respeito do fechamento do PCB, do risco comunista e dos seus males trazidos para o país. Para o presidente, o Brasil ficara livre de algo maléfico:

O crescimento da órbita militar soviética, a queda da democracia tcheca, o avanço da “cortina de ferro”, os episódios de Berlim e a guerra fria, tudo veio revelar o ânimo de destruição que propela o totalitarismo comunista contra o mundo democrático. Fanatismo por demais intolerante, desenvolver bem urdida teia de intrigas, mobilizou centenas de espiões, comprou consciências, estimulou greves, infiltrou-se nos parlamentos, na imprensa, nos meios culturais, estudantis e obreiros, em todo o planeta, em escancarada ação antidemocrática e antinacional (BRASIL, 1949, p. 30).

Com a cassação do PCB, a Guerra Fria se manifestava internamente. A manifestação externa encontrou reverberação na ruptura das relações do Brasil com a URSS. Gerson Moura ilustrou essa situação: “a disposição das altas autoridades e da grande imprensa deixava pouca margem para dúvida que o próximo passo seria o rompimento das relações com a União Soviética” (MOURA, 1983, p. 97, Apud REZENDE, 2006, p. 90).

Desde o restabelecimento das relações diplomáticas, sempre existia tensão e desentendimentos no relacionamento entre os dois países. As relações diplomáticas estavam marcadas por brigas, críticas e desconfianças.

Depois de uma série de incidentes entre o Brasil e a URSS (REZENDE, 2006), em 1947 o Brasil tomou a decisão de romper relações diplomáticas com os soviéticos.

Essa foi uma demonstração de que as elites do país se preocupavam com a circulação das ideias soviéticas no Brasil e que existia um risco doméstico dessa penetração para a

estabilidade do regime. Certa vez Dutra se justificou sobre a ruptura das relações diplomáticas, atribuindo à URSS a responsabilidade pela ruptura:

As divergências políticas que progressivamente se vêm acentuando entre o Governo de Moscou e os princípios democráticos que norteiam as Nações ocidentais, levaram a imprensa soviética a uma violenta campanha contra os Governos dessas nações, inclusive o Brasil, cujos dirigentes passaram a ser alvo dos mais injustificados ataques [...] Posso afirmar, sem receio, que o Brasil se manteve à altura de suas tradições, empenhando-se no desenvolvimento de suas relações com os outros povos, tendo sido, além do mais, um dos esteios mais valiosos com que a ONU pôde contar nos tormentosos dias que vivemos (BRASIL, 1948, p. 40-41).

O PCB, defendendo-se, lançou duras críticas a Dutra:

O rompimento de relações diplomáticas com a URSS assinala uma nova fase na política do grupo fascista de Dutra no caminho de uma ditadura terrorista, a serviço dos interesses colonizadores e belicosos do imperialismo ianque. Os fatos que se vêm sucedendo após este ato do governo são bastante claros e vão desde os atentados pessoais à vida de cidadãos e às depredações de jornais, até a prisão de parlamentares e às ameaças ostensivas a desembargadores e membros do poder judiciário (A Classe Operária, 18 de novembro de 1947).

Quando o PCB passou a ser oposição ao governo Dutra, o Partido buscou associá-lo aos EUA. A intenção buscava demonstrar que os verdadeiros representantes dos interesses nacionais eram os comunistas. O PCB argumentava que do lado oposto ao dos EUA estava a União Soviética. A URSS surgia como a Nação que não fazia ingerência nos assuntos brasileiros, garantindo a autonomia do país, diferentemente dos EUA, que constantemente vigiavam o Brasil e lhe impunham regras.

Na charge seguinte (figura 3) é possível ver o conteúdo da crítica do PCB à submissão de Dutra aos EUA:



Figura 3 – Dutra defende a Pátria

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

O resultado do alvorecer da Guerra Fria no Brasil amargou uma profunda marginalização, perda de influência e diminuição do contingente do PCB; mas mesmo desarmado política e legalmente, o Partido lançou uma ofensiva contra Dutra.

Posteriormente, Getúlio Vargas voltaria novamente ao poder.

Em dezembro de 1946, Vargas havia rompido com o governo de Dutra. O presidente estava organizando o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), mesmo tendo sido eleito pelo PSD³¹. Por meio da legenda do PTB, Vargas conclamava os trabalhadores brasileiros a engrossarem as fileiras do seu novo partido (SKIDMORE, 1975).

Vargas sabia da importância de seus aliados, vide seu esforço para conciliar as mais variadas forças políticas e classes sociais em seu governo anterior. A opção aqui, sabendo da importância da classe trabalhadora urbana, foi criar um canal de diálogo com esse setor da sociedade brasileira.

Outra tática notável de Vargas foi apoiar, nas eleições de janeiro de 1947, candidatos do PSD para os governos estaduais e candidatos do PTB para o congresso. Assim se fortalecia com dois importantes agrupamentos políticos e preparava sua recondução à presidência.

Ao cultivar boas relações com o PSD, Getúlio Vargas mantinha conexão com os políticos tradicionais do Interior, aliados no Estado Novo. Com o incentivo do crescimento e do fortalecimento do PTB, conseguia os votos do eleitorado das cidades.

Para facilitar ainda mais a sua intervenção, Vargas contou com a ilegalidade do PCB, tornando-se mais livre o espaço da esquerda. O PTB, por meio da política trabalhista, ocupou esse vazio deixado pela legenda comunista.

Mesclando populismo com trabalhismo, Vargas concentrava características de liderança, carisma e apelo emocional, feições que ganhavam eco no eleitorado urbano.

Eleito pelo voto direto, Getúlio Vargas chegou à presidência da República no dia 3 de outubro de 1951 com 3.849.040 votos (48,7%). Na sequência estiveram Eduardo Gomes (UDN, PRP, PL), com 29,7%, Cristiano Machado (PSD, PR, PST), com 21,5%, e João Mangabeira (PSB), com 0,1%. Pela primeira, única e última vez o chefe do Estado Novo chegava ao governo pelo voto popular direto.

O complexo formal de alianças do novo presidente foi extenso. Vargas foi eleito formalmente pelas legendas do PTB e do Partido Social Progressista (PSP)³², tendo na

³¹ Vargas foi eleito senador nas eleições de 1945, representando dois Estados: Rio Grande do Sul e São Paulo.

³² Forte Partido político, tendo como principal característica o populismo. O principal líder da organização foi Ademar de Barros.

composição no governo ainda o PSD e alguns membros da UDN.

A eleição de 1951 foi a grande prova de fogo do sistema democrático brasileiro. A vitória de Getúlio gerou dúvidas e incertezas sobre a viabilidade do bom funcionamento da estrutura institucional no Brasil. As recordações de que o presidente eleito havia interferido no sistema político brasileiro durante o Estado Novo não davam segurança.

Eleito, o presidente buscou unificar os empresários industriais, a burocracia pública e os trabalhadores urbanos. O intuito dessas medidas visava consolidar um pacto político para estabelecer uma estratégia nacional desenvolvimentista para o país.

Em um momento de atrelamento financeiro e econômico do Brasil aos EUA, o presidente se aproveitou da situação para fazer propaganda de que seu governo defendia os interesses nacionais. A própria conjuntura do país empurrava o governo a tomar decisões de cunho nacionalista. Prova disso foram as campanhas pelo controle estatal do Petróleo e contra a Guerra na Coreia.

A grande imprensa disparou fortes críticas a essas oscilações de Vargas, e se tornou uma importante força antigetulista e antigovernista do país (SOARES, 1992). Getúlio Vargas criticava Dutra, afirmando que seu governo não dera continuidade ao trabalho iniciado por ele. Para Vargas, Dutra não cuidara da riqueza pública do país e transformara o Brasil em uma Nação dependente dos países estrangeiros, principalmente dos EUA. Para corrigir essas distorções, o presidente defendeu que a intervenção do Estado poderia atenuar essas falhas.

Maria Celina Soares afirma que, apesar da retórica nacionalista, muitas das metas lançadas durante a campanha fracassaram:

(...) apesar da manutenção de um discurso nacionalista, constata-se que o Brasil teve que ceder efetivamente aos interesses norte-americanos, particularmente em relação ao capital estrangeiro e aos recursos naturais do país (SOARES, 1992, p. 109).

No início de seu governo, o Brasil começou a estabelecer rodadas de negociações com os EUA por meio da Comissão Mista Brasil/Estados Unidos e da IV Reunião de Consulta dos Chanceleres Americanos.

Na IV Reunião de Consulta, realizada em Washington, em 1951, João Neves da Fontoura (Ministro do Exterior) apresentou um exemplo do método que o Brasil utilizou para expressar suas aspirações. Segundo Soares, o pronunciamento de Fontoura na reunião partiu de dois pontos fundamentais:

(...) inicialmente, alerta para o perigo comunista que se revigorou no pós-guerra. Os comunistas estariam explorando a miséria que se seguiu ao conflito mundial para fazer penetrar entre os povos os ideários do "paraíso marxista". [...] Os partidários do comunismo, em sua fidelidade à URSS, estariam, inclusive, negando a ideia de pátria. Impunha-se, portanto, o combate às "ideologias subversivas" e aos Partidos que, dizendo-se nacionais, operavam sob o comando de "potências estrangeiras", "organizações sectárias" e "grupos extracontinentais". A ameaça à democracia deveria constituir-se em fator de agregação dos interesses continentais (SOARES, 1992, p. 159).

Continuando, a autora diz:

(...) aborda a situação econômica da América Latina, que se encontra combalida, endividada, inflacionada e sem aparelhamento de produção. Ressalta o fato de que a miséria e o pauperismo das massas tornam-se um perigo à democracia, e que se os Estados Unidos, por força das circunstâncias, não puderam dar a devida assistência a esses países [...] A saída não se traduz apenas numa ajuda de emergência, mas na criação de um plano de colaboração econômica recíproca" para a reabilitação desses países periféricos através de auxílios técnicos e financeiros que garantam a industrialização e o aumento do nível de vida da população (SOARES, 1992, p. 159).

O conteúdo do discurso permite demonstrar o alinhamento do Brasil ao programa político externo do Presidente Truman de preocupação com o comunismo. Segundo alguns autores, o fato de Vargas impor limitações à participação do capital estrangeiro na economia não significava que excluía outras possibilidades. Em outras ocasiões, os interesses estrangeiros foram impostos e realizados.

O suposto nacionalismo de Vargas percorria caminhos de participação do Estado na criação e manutenção de empresas estatais, como, por exemplo, a criação da empresa petrolífera Petrobrás, em 1950. Apesar de a maioria das ações estar nas mãos do governo, a empresa contava com a participação de capital privado. A própria Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) foi fundada com o apoio financeiro do governo dos EUA, pelo Export-Import Bank (SKIDMORE, 1975).

As opiniões do PCB sobre o governo de Vargas foram muito discutidas. No jornal *A Classe Operária*, de janeiro de 1951, o PCB disparou duras críticas ao governo:

Vargas adota o método da mais cínica demagogia, para alimentar ilusões reformistas, proteger as classes dominantes e os colonizadores ianques contra a cólera dos trabalhadores, para ganhar tempo para cumprir as ordens recebidas na conferência de Washington (A Classe Operária, 5 de janeiro de 1951).

O Partido queria denunciar o “falso” nacionalismo do governo e a submissão ao “imperialismo” dos EUA. Aproveitava para discutir que o trabalhismo servia de manobra para

o governo ludibriar os trabalhadores, pois tinha um caráter “burguês”.

Diante das medidas nacionalistas de Vargas, o Partido tentava aproveitá-las para empurrar o presidente para ações ainda mais radicais. Em uma charge (figura 4) de 1951, combate a propaganda do governo de aumento dos salários dos trabalhadores. Para o PCB, os verdadeiros beneficiários da economia empreendida pelo governo eram os empresários:

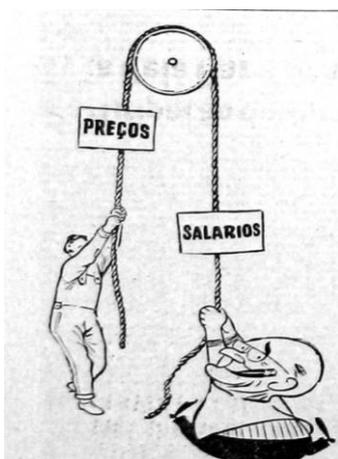


Figura 4 – A política “trabalhista” de Getúlio

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

Na visão do PCB, o trabalhismo não incorporava em seu programa as necessidades dos trabalhadores e era apenas uma forma de beneficiar os ricos e conter as insatisfações dos pobres.

Atacado pela esquerda, por causa da situação instável da economia nacional, e pela direita, que se preocupava com a nomeação de João Goulart como Ministro do Trabalho, Vargas se viu numa crise. O principal polo de oposição ao seu governo estava concentrado na grande imprensa, na UDN e nos militares conservadores, tendo na figura de Carlos Lacerda o porta-voz das insatisfações desses setores.

Em 1954, o Presidente demonstrava ser um gigante de “pés de barro”, pois, ao tentar beneficiar os mais diversos segmentos e com eles se aliar, não evitou o ódio da imprensa. Vargas terminou seu ciclo político no dia 24 de agosto de 1954, quando se suicidou.

Observando-se os posicionamentos dos governos brasileiros e das elites conservadoras no pós-guerra, torna-se palpável a intenção geral do Brasil de se alinhar com os EUA. O PCB, representando o projeto soviético, sofreu diretamente o ônus dessa conexão, opositora dos ares soprados da URSS e do comunismo brasileiro. Era a Guerra Fria se manifestando no

Brasil, esquentando o jogo de disputas dos imaginários de comunistas e anticomunistas.

CAPÍTULO 2º – O PCB

2.1 O surgimento do PCB

No início do século XX, a fisionomia das principais cidades brasileiras se transformou: de um universo rural, o país se transformava em um ambiente cada vez mais urbano. A tarefa anterior do Brasil era fornecer produtos agrícolas e riquezas naturais, como café, algodão, borracha e minérios para os países estrangeiros. A partir de 1900, o país viveu uma realidade de ampliação e fortalecimento da industrialização, concentrando um grande contingente de trabalhadores vindos do campo para a cidade.

Mesmo no século XIX, em 1850, já se instalavam as primeiras fábricas no país. Elas produziam tecidos de algodão, bebidas e cigarros; além disso existia uma fábrica de construção naval e algumas de fundição.

Na transição para a industrialização, gradualmente houve a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. Percebe-se um reordenamento dos capitais utilizados no tráfico negreiro para outros ramos, um dos quais foi o industrial.

Agregada a essa mudança, a I Guerra Mundial contribuiu para incentivar o Brasil a organizar seu próprio sistema industrial, afinal, a Europa, principal fornecedora de produtos industrializados, estava impossibilitada de continuar com essa tarefa (PACHECO, 1984, p. 15).

Entre 1907 e 1920 a industrialização do Brasil conseguiu pular de 3.410 para 13.336 indústrias e o número de operários saltou de 150.841 para 275.512 trabalhadores (MAZZEO, 1999, p. 16).

Somado ao processo de industrialização, se observou um considerável crescimento populacional. Em 1910 o país contava com 23.414.177 habitantes, quase o dobro do que tinha em 1890, quando a população não ia além de 14.33.915 habitantes³³. Os polos industriais pioneiros estavam localizados nas cidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Juiz de Fora.

O processo de modernização, urbanização e industrialização do país trouxe algumas consequências para esses trabalhadores concentrados nos grandes centros. A insuficiência industrial para produzir em grande escala gerava um encarecimento dos bens de consumo, os trabalhadores recebiam salários baixos e ficavam à mercê dos “progressos” da sociedade

³³ Fonte – IBGE – Directoria geral de estatística.

republicana. A falta de moradia, a instabilidade no emprego, as longas jornadas e as péssimas condições de trabalho, sintetizavam o drama e o pavor da classe social que estava se gestando.

O reflexo seria imediato: desencadearam-se lutas por melhores salários, condições de trabalho mais justas, aquisição de direitos trabalhistas. As insatisfações aconteciam em meio à inexistência de uma legislação específica que assegurasse as mínimas condições para os trabalhadores (PACHECO, 1982).

Nos canteiros de obras, nos portos, nas fábricas, nas ferrovias, nos armazéns, no comércio, os trabalhadores se organizavam e constituíam sua identidade. Como resposta, o governo reprimia duramente as lutas operárias com prisões, agressões e deportações.

Com a vinda de imigrantes europeus para os centros industriais, novas ideias foram disseminadas e o movimento operário brasileiro construía seus paradigmas de intervenção. Nesse contexto se formaram as primeiras organizações políticas e sindicais. No final do século XIX e início do XX surgiram os embriões e as primeiras expressões orgânicas dos trabalhadores.

As primeiras entidades foram as *Associações de Socorro Mútuo*, que tinham como objetivo dar auxílio aos trabalhadores em casos de velhice, acidentes de trabalho, necessidades básicas. Inicialmente, o caráter dessas instituições era de assistência, de ajuda mútua, de beneficência. No decorrer da experiência dos trabalhadores, elas começaram a dar origem às uniões e ligas operárias, que depois ajudariam na formação dos primeiros sindicatos (SEGATTO, 1981, p. 17).

A primeira greve, segundo Vito Giannotti, aconteceu em 1858, no Rio de Janeiro, e foi conduzida por trabalhadores gráficos que paralisaram suas atividades durante uma semana (GIANNOTTI, 2007, p. 57). Desde então as greves passaram a acontecer constantemente, tornando-se um dos instrumentos utilizados pela classe trabalhadora.

Além das greves localizadas, os trabalhadores começaram a criar um sentimento de solidariedade, realizando greves gerais, como a do Rio de Janeiro, de 1918.

Acompanhando as greves, surgiram os primeiros jornais dos trabalhadores.

A imprensa operária tinha como objetivo realizar a divulgação das ideias e reivindicações da classe trabalhadora. Maria Nazaré Ferreira (Apud GIANNOTTI, 2007, p. 58) fez um estudo sobre a produção de jornais de trabalhadores, e segundo a autora, entre 1875 e 1920, existiam 343 jornais.

Por meio de greves, da criação de entidades de classe, de jornais, panfletagens,

comícios, rebeliões, enfrentamentos com a polícia e paralisações, parte da classe operária brasileira traduzia seus anseios e criava seus organismos.

Nesse percurso, o processo de fundação do PCB esteve diretamente associado aos êxitos dos bolcheviques na condução da Revolução Russa de Outubro de 1917. Essa revolução irradiou para o mundo a possibilidade de os trabalhadores serem donos do seu próprio destino. No Brasil, alguns trabalhadores entenderam que era necessário garantir a expansão do comunismo no mundo, criando organismos semelhantes aos da União Soviética.

Como escreveu Antonio Carlos Mazzeo (1999, p. 14), o PCB surge “como resultado não somente de contradições produzidas por uma sociedade que se tornava cada vez mais complexa, determinada pelo *boom* industrializante do Brasil, mas também como produto da primeira revolução social de caráter proletário”.

Marcos Del Roio assinalou a formação dos primeiros grupos comunistas no país que buscavam trilhar esse caminho:

(...) um primeiro agrupamento comunista havia se formado no Rio de Janeiro em janeiro de 1919. Ainda no Rio, no Primeiro de Maio, pela primeira vez desfila uma faixa com o nome do Partido Comunista. Ao mesmo tempo, em São Paulo, sai a público o programa da Aliança Comunista. O agrupamento comunista de Alagoas fora formado já no mês de abril [...] Entre 21 e 23 de junho – momento de uma greve de massa internacional - foi finalmente dado por fundado o Partido Comunista do Brasil, em reunião de delegados de Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, São Paulo e Alagoas (ROIO, 2007, p. 228-229).

Os ventos soprados pela revolução socialista ajudaram a disseminar um novo paradigma: todo o processo revolucionário socialista deveria ser organizado pelo único e verdadeiro representante da classe operária, o Partido Comunista (PANDOLFI, 1995).

Isso aconteceu, pois, como escreveu Gildo Marçal Brandão (1997, p. 74), “a forma política bolchevique se impôs – como em outras partes do mundo – pelo absoluto fracasso de outros projetos e formas de organização”.

Mesmo com o atraso da publicação no país do *Manifesto Comunista* de Karl Marx e Friedrich Engels, que só foi lançado e traduzido no país em 1924, o marxismo foi ganhando corpo e espaço em certos setores dos trabalhadores. O exemplo construído pelos Bolcheviques ajudava a endossar os propósitos da ideologia comunista.

A partir de 1919, observando o sucesso das experiências dos militantes comunistas do Uruguai e da Argentina,³⁴ os brasileiros tomaram iniciativas para consolidar as suas metas.

³⁴ O Partido Comunista da Argentina foi fundado em 1918 e o Partido Comunista do Uruguai em 1921.

Exemplos surgem com a fusão do grupo União Maximalista de Porto Alegre com outros comunistas do Rio Grande do Sul. Em Pernambuco, o Centro de Estudos Sociais se juntou ao grupo de Antônio Bernardo Canellas, criando o Grupo Comunista do Recife.

Combinado com esses desdobramentos, Astrojildo Pereira aglutinou militantes comunistas que criaram o Grupo Comunista do Rio de Janeiro em 1921 e, em 1922, o grupo criaria a Revista *Movimento Comunista*³⁵. A revista servia como um veículo para fazer propaganda e discutir a Revolução Russa, além de disseminar a ideia de criar um partido comunista no Brasil (ROIO, 2007, p. 231-232). A iniciativa de Pereira se alinhava aos processos semelhantes de núcleos comunistas nas cidades de São Paulo, Niterói, Santos, Juiz de Fora, Recife, Porto Alegre e Cruzeiro, núcleos que iriam compor o futuro PCB.

Para contentamento dos comunistas brasileiros, em julho de 1922 aconteceria o IV Congresso da Internacional Comunista (IC), oportunidade única para os brasileiros solicitarem a filiação da organização brasileira à entidade.

Por sugestão dos comunistas argentinos e gaúchos (ROIO, 2007, p. 232), os brasileiros decidiram acelerar a realização do 1º congresso do Partido para solicitar o pedido de filiação.

Nos dias 23 e 25 de março de 1922, com início na cidade do Rio de Janeiro e término na cidade de Niterói, realizou-se o 1º Congresso do Partido Comunista do Brasil³⁶ (PCB). O congresso reuniu nove delegados: Abílio de Nequete, barbeiro; Astrojildo Pereira, jornalista; Cristiano Cordeiro, funcionário; Hermogênio Silva, electricista; João da Costa Pimenta, gráfico; Joaquim Barbosa, alfaiate; José Elias da Silva, funcionário; Luís Peres, vassoureiro; Manuel Cendón, alfaiate. Os delegados representavam 73 militantes que estavam distribuídos em algumas cidades brasileiras.

Para ser registrado, o Partido precisou ser legalizado como sociedade civil, pois no período não existia legislação para o regimento de partidos políticos.

Da união de vários grupos comunistas, surgia o Partido Comunista do Brasil. O PCB se tornou uma das expressões organizativas da classe trabalhadora brasileira, uma declaração de simpatia em relação aos êxitos da revolução bolchevique, uma expressiva exteriorização política dos anseios de um setor dos trabalhadores brasileiros.

Para Antonio Mazzeo (1999, p. 15), o PCB se constituiu “num instrumento de

³⁵ A revista circulou de janeiro de 1922 a junho de 1923, com a fundação do PCB, ela se tornou o órgão oficial do Partido.

³⁶ O PCB se chamou Partido Comunista do Brasil até 1961, quando passou a se chamar Partido Comunista Brasileiro.

inovação política, na medida em que trará para a cena social aqueles que até então tinham estado à ‘margem da história’ – as classes subalternas”.

Após a fundação, os comunistas leram as 21 condições exigidas pela IC e decidiram filiar o PCB à Internacional. Por meio de debates e análises, todos os pontos exigidos foram acatados.

Reginaldo Dias apontou as exigências das 21 condições da IC, aprovadas no II Congresso:

Estabeleceu-se, imperativamente e sem discussão, que as organizações interessadas deveriam romper com o reformismo e afastar os dirigentes afinados com tal linha política. Afirmou-se também, o princípio do centralismo democrático para a IC e seus partidos-membros. Assim, as decisões da IC e de seu comitê executivo eram obrigatórias aos filiados. O modelo de partido bolchevique de partido impõe-se como ponto de referência. A IC se estrutura como organização semimilitar, centralizada e hierarquizada em âmbito mundial (DIAS, 2010, p. 34).

Foi somente no 5º Congresso da IC que o PCB conseguiu obter sua definitiva filiação. O bureau da Internacional Comunista, por meio de seu secretário, R. Veterland, remeteu a seguinte mensagem de congratulações à seção brasileira:

A constituição do Partido Comunista, a concentração da vanguarda, a agrupação, num único e disciplinado organismo revolucionário, das forças conscientes da classe trabalhadora constitui, nas circunstâncias presentes, um dos atos mais transcendentais já realizados pelo proletariado do Brasil em seu movimento de libertação (In BANDEIRA, 2004, p. 399-400).

Assim, o PCB foi incorporado à IC precisamente no congresso da bolchevização. Sobre esse fato, o historiador Dainis Karepovs comentou:

Obviamente, em razão do parco interesse pelos países coloniais, especialmente os da América Latina, tais alterações não foram pensadas para o novo PCB e nem tampouco lhe causaram influências imediatas. Apenas é relevante assinalar que como novo partido aderiu naquele momento ao “exército da revolução mundial” aquele era e seria seu horizonte (KAREPOVS, 2003, p. 49).

Dulce Chaves Pandolfi escreveu como se dava a relação entre o Partido e os organismos de representação internacional do comunismo, durante esse processo:

O Brasil não possuía uma tradição marxista, e o Partido funcionava mais como um divulgador de notícias e documentos sobre o movimento comunista internacional. Visando o aprimoramento teórico, militantes considerados mais qualificados eram enviados para a União Soviética para fazer cursos e participar de reuniões da Internacional (PANDOLFI, 1995).

Além da conexão internacional, o PCB buscou participar ativamente da política nacional, realizando intervenções políticas, ideológicas e sindicais. Teve boas experiências, participando da *grande* política brasileira a partir da organização do Bloco Operário e Camponês (BOC), em 1928, e da Aliança Nacional Libertadora (ANL), em 1935; mas para Gildo Marçal Brandão (1997, p. 89), foi a partir de 1945 que o PCB deslanchou e passou a ter peso na vida política nacional.

Desde a sua fundação até o início da Guerra Fria, a existência do Partido foi marcada por momentos de legalidade e ilegalidade³⁷. Na maioria dos momentos de sua história, a organização passou por situações de repressão e perseguição. Sofreu críticas da esquerda, foi incompreendido pela direita; mas, independentemente de sua condição jurídica e apesar da coerção sofrida, o Partido sempre almejou participar da vida política nacional.

Na expectativa de contribuir na tomada de decisões da sociedade brasileira, o PCB participou ativamente dos mais variados processos, e assim conseguiu garantir sua inserção na memória política brasileira. Investigar a história do PCB permite falar diretamente da história do Brasil, mesmo que seja de um ponto de vista específico, destacando-lhe um aspecto característico.

2.2 A conexão do PCB com o universo soviético

O PCB, durante a sua história, selou um forte elo com as perspectivas e planejamentos da URSS, mas afirmar que carecia de reservas intelectuais é um erro. O PCB formulou análises, caracterizações e políticas a respeito da situação nacional e internacional.

Antonio Carlos Mazzeo (2003, p. 283) escreveu que depois do III Congresso do PCB, realizado em 1929, Astrojildo Pereira e Octávio Brandão chegaram a delinear uma teoria da revolução brasileira. Não obstante, a confiança resoluta nos soviéticos pode ter contribuído para sufocar a produção intelectual, gerando forte dependência do Partido para com as elaborações soviéticas. O reconhecimento do PCB na URSS culminou na aceitação e na

³⁷ Dario Canale fez uma Matização sobre os períodos de legalidade do PCB: “Entre 25/3/1922 e 25/1/1985, o PCB teve pouco menos de três anos e meio de plena legalidade, a saber: 3 meses e meio em 1922 (de 7/4/1922 até 5/7/1922 excluído), 6 meses em 1924 (de 1/1/1924 até 5/7/1924 excluído), 7 meses em 1927 (de 1/1/1927 até 12/8/1927 excluído) e 25 meses após a Segunda Guerra Mundial (de 18/4/1945 até 7/5/1947 excluído). O total da 41 meses (1.247 dias, quase 5% dos seus 22.952 dias de vida). No entanto, é preciso distinguir ilegalidade com perseguições ocasionais (1922-35, 1947-56, 1979-84), ilegalidade com clandestinidade escrita (1935-45, 1964-79) e períodos legalidade de fato (1956-64)” in BRANDÃO, 1997, p. 166).

adesão intensa às elaborações soviéticas, mas em vários momentos as opiniões se tornaram rígidas e inflexíveis.

Gildo Marçal Brandão descreveu o alcance do “marxismo soviético” na vida teórica do PCB:

A influência do “marxismo soviético” suplanta qualquer outra no horizonte intelectual das gerações dirigentes comunistas. Qualquer visita às bibliotecas particulares desses dirigentes pode comprovar que suas leituras – suas categorias mentais – são ‘russas’, subsidiariamente francesas, embora possa se detectar a influência italiana em momentos descontínuos desde 1945. Sua educação se dá sob o influxo do Kominform. No que têm de mais dinâmicas, entretanto, são filhas do Relatório Dimitrov ao VII Congresso da Internacional, que define uma linha frentista de combate ao fascismo – o que não impede, em momentos de crise e de rápidas decisões, o deslocamento da maioria da militância e da média dos dirigentes para a esquerda, sua adesão à ‘radicalização’ – e favorece certa tomada de consciência da necessidade de ‘autonomia’ diante de Moscou (BRANDÃO, 1997, p. 223).

Continuando, descreve o modo de fazer política do PCB:

Basicamente ativista, aprendem a fazer política pela experiência prática; e sua ‘teoria’, quando deixa de ser mera cópia dogmática das injunções e variações da política externa soviética, estabiliza-se como um esforço para organizar e sistematizar um conjunto de intuições táticas, guiado por senso de realidade e instinto de sobrevivência (BRANDÃO, 1997, p. 223).

No marco desse diálogo existiam alternativas ao marxismo produzido pelo stalinismo, portanto os comunistas brasileiros não eram *marionetes* de Moscou. De fato, existia uma relação de confiança, de crença, e o PCB realmente se identificava com o stalinismo, porém, desde o início da Revolução Bolchevique existiam polêmicas no leito do marxismo em torno dos contornos e da natureza do regime que se gestava.

Reginaldo B. Dias defende que:

No próprio seio das correntes marxistas e anticapitalistas, havia dissensões, choques de visões e disputa de interpretação, cujo pano de fundo era o projeto de emancipação dos trabalhadores (DIAS, 2010, p. 31).

As correntes debatiam os rumos e as transformações da URSS. As polêmicas foram inevitáveis. O sociólogo Maurice Duverger (1980, p. 89) afirma que “no âmbito do Partido Comunista Russo, após a tomada do poder, subsistiram tendências por muito tempo: a luta pela centralização ideológica foi muito longa, e se pode considerar que ela realmente não chegou ao fim senão em 1936”.

A partir de 1929 a ditadura stalinista se consolida na URSS utilizando-se da tese do *socialismo em um só país*; dessa forma se aceleram o monolitismo e o dogmatismo iniciados nos períodos anteriores; no entanto, como afirma Reginaldo Dias (2010, p. 37), “o monolitismo irradiado pela IC e pela URSS não apagava, contudo, a diversidade de pensamentos marxistas que existiam em escala internacional”. No início de 1936, Karl Kautsky³⁸, por exemplo, acreditava que Stálin fosse um herdeiro de Lênin. O bolchevismo em suas origens teria impedido o desenvolvimento democrático na Rússia ao ter instalado uma ditadura da minoria sobre a maioria; logo, a ditadura pessoal de Stálin foi inevitável, baseando-se no regime de partido único com uma aristocracia burocrática. Não que, para Kautsky, Lênin fosse igual a Stálin. O que ele sustenta é que o segundo foi um desprendimento e aprofundamento do primeiro (SALVADORI, 1986, p. 290-296).

Rudolf Hilferding³⁹, assim como Kautsky, negou o caráter socialista da URSS, comparando as tendências do regime soviético com o fascismo. Para Hilferding, o Estado soviético e a política só adquiriram importância suprema em relação à economia e à sociedade. No controle dessa operação, Stálin passou a controlar a sociedade e a burocracia (SALVADORI, 1986, p. 297-298).

Para Otto Bauer⁴⁰, os bolcheviques realmente eram revolucionários, incluindo o próprio Stálin. O autor referiu-se aos progressos da URSS reconhecendo-a como um polo positivo, um incentivo às lutas das massas; no entanto, via na burocracia um perigo para a URSS (SALVADORI, 1986, p.299-307).

León Trotsky⁴¹ definiu a URSS de Stálin como um Estado operário degenerado, que, apesar de ter uma burocracia detentora de poder, continuava a ser um Estado socialista. Para retomar os trilhos da construção do socialismo, as massas soviéticas precisavam realizar uma revolução política que derrubasse a burocracia (SALVADORI, 1986, p. 308).

A visão de Victor Serge⁴² se assemelha à concepção de Trotsky. Serge interpretava que a URSS era um Estado socialista, com os meios de produção estatais e com sua superestrutura dominada pela burocracia - e as semelhanças param por aí.

Para Serge, diferentemente do que pensava Trotsky, a burocracia não encaminharia a

³⁸ Nascido em Praga, Kautsky foi o principal teórico marxista do período da Segunda Internacional.

³⁹ Foi um marxista austríaco. Faleceu em 1941.

⁴⁰ Principal líder do austromarxismo. Faleceu em 1938.

⁴¹ Um dos líderes bolcheviques que participou da tomada do poder na Rússia. Foi o principal rival de Stálin. Morto em 1940, a mando de Stálin.

⁴² Inicialmente anarquista, mas depois se tornou bolchevique, em 1919. Chegou a ser aliado de Trotsky e foi um crítico do Stálinismo. Morreu em 1947.

uma contrarrevolução da propriedade. A burocracia provavelmente evoluiria se utilizando do Estado socialista para uma nova forma de exploração (SALVADORI, 1986, p. 322-323).

No marco das críticas, dois historiadores também criticaram a URSS. O alemão Arthur Rosenberg e o francês Boris Souvarine. Souvarine conceituou o stalinismo como um regime totalitário (SALVADORI, 1986, p. 330).

Outras críticas foram produzidas pelos pertencentes ao “comunismo de esquerda” antistalinista, representado por Otto Ruhle, Karl Korsch e Anton Pannekoek. Os três conselheiros defendiam que a alma do poder proletário na Rússia deveria partir dos conselhos (soviets). Opuseram-se à concepção estatal, centralizada e ditatorial do bolchevismo (SALVADORI, 1986, p. 334-335).

Dentro da própria URSS existia uma insatisfação de parte da população com o regime stalinista. Orlando Figes aponta alguns momentos de efervescência política no país. Para o autor, durante a II Guerra Mundial, “para muitos, a guerra foi um momento de libertação do medo do regime”, desaguando em um processo de “desestalinização” espontânea.

Antes da guerra, as pessoas se sentiam mais fechadas, sem o mínimo de força, amedrontadas, sem extravasar as suas opiniões e sofrimentos. A guerra provavelmente tocou a população, deixou-a mais sem medo, mais livre.

Figes (2010, p. 504-526) comenta que nas filas de comida apareciam discussões, lamentações e críticas contra o regime. Para o autor, em 1945 também ocorriam muitos protestos de trabalhadores, como as várias manifestações e greves que ocorreram nas fábricas de armamentos dos Urais e da Sibéria. Ele aponta que entre 1945 e 1946 o Estado soviético chegou a receber meio milhão de cartas de cidadãos soviéticos que reclamavam da situação nacional.

Junto a esse processo, círculos de discussão se formavam, incentivando o pensamento autônomo, indo além das leituras dos livros oficiais autorizados.

Da mesma forma que existiam essas críticas internas e externas, denúncias aconteciam contra o regime. Reginaldo Dias (2010, p. 46) escreve que o próprio Trotsky havia denunciado, por meio da imprensa internacional, as falsificações e injustiças dos Processos de Moscou.

Em Palmiro Togliatti, renomado líder do Partido Comunista Italiano, se encontram justificativas para a existência desse de confiança dos comunistas na URSS:

Os comunistas do mundo inteiro sempre tiveram uma confiança ilimitada no

Partido Comunista da União Soviética e nos seus dirigentes. A origem dessa confiança é mais que evidente. Os comunistas soviéticos tiveram uma posição justa em momentos decisivos da história sobre questões decisivas do movimento operário. Hoje, à exceção dos reacionários mais tacanhos, toda a gente está de acordo em reconhecer que a criação da União Soviética foi o acontecimento mais importante da história contemporânea. Porém, os comunistas foram os únicos ou quase, a seguir passo a passo essa criação, a fazê-la compreender e a defendê-la, a ela e aos seus autores.

Era natural e justo que nessas condições se tenha criado uma relação de confiança e de solidariedade profunda entre as vanguardas operárias de todo o mundo e o Partido Comunista soviético que estava verdadeiramente na vanguarda de todo o movimento político social. É preciso ter também em conta que em quase todos os casos aqueles que tinham começado a criticar este ou aquele aspecto da política comunista da União Soviética tinham acabado em breve prazo por se encontrar ao lado dos caluniadores oficiais de todo o movimento comunista e por se tornarem agentes confessos ou não das forças políticas mais reacionárias [...] Nenhum de nós tem de se arrepender desta relação de confiança e solidariedade (TOGLIATTI, Apud DIAS, 2010, p. 46-47).

O crucial, nesse sentido, não é exigir dos comunistas daquela época um arsenal de reflexões e conhecimentos do *Tempo Presente* - afinal, hoje os historiadores desfrutam do distanciamento histórico e de novas fontes. O decisivo está na compreensão do tipo de relação que se dava na época. A partir dessas reflexões, é possível indicar que eles tinham fé no regime e lhe emprestavam um apoio quase incondicional, apesar das diversas críticas encaminhadas ao stalinismo. As refutações contrárias ao regime de Stálin existiam, circulavam, chegavam até no interior dos PCs, mas a relação de confiança, de crença falava mais alto.

Talvez essa relação de confiança e de conexão com o mundo soviético proporcionasse ao PCB duas vantagens: a) fazer parte de uma organização internacional; b) fortalecer a luta interna. Dessa forma, concordando com Maurice Duverger, essa estrutura de poder que o stalinismo construiu só se manteve graças a duas forças: as crenças e as necessidades práticas. Stálin e o PCUS precisavam de pessoas que acreditassem e confiassem em suas práticas.

No processo desse reconhecimento, dessa relação de confiança, as alternativas ao stalinismo sofriam rechaço dos comunistas. Além disso, as críticas feitas pela oposição ao stalinismo não afetavam a vitalidade e o heroísmo apoteótico desenvolvidos pela Nação após a década de 1930:

A crítica de Trotski parecia infirmada. Era possível acreditar-se na degeneração burocrática do sistema soviético diante da vitalidade, do heroísmo e das qualidades combativas que o povo e os comunistas da URSS revelaram durante a guerra? A teoria do socialismo num só país e suas implicações estratégicas, o monolitismo como condição da ótima eficácia combativa de todo partido comunista – este e

outros postulados gestados nos tempos da IC não estavam brilhantemente confirmados pelo julgamento da história? A liquidação do trotskismo e do buckharinismo, os processos de Moscou, todas as repressões Stálinianas, o holocausto da internacional (...) não foram outras tantas exigências inexoráveis da necessidade histórica? (CLAUDIN, 1986, p. 334)

O trotskismo aparece como um viés desvirtuado do marxismo e do bolchevismo, a vanguarda da contrarrevolução mundial. Trotsky, para o PCB, “defende o fascismo, o imperialismo e a guerra” (A Classe Operária, 2 de fevereiro de 1937).

Internamente, algumas situações de depuração refletiam acusações relacionadas ao trotskismo no tocante aos expulsos. No caso da expulsão de Paulo (Leônidas), Luiz (Amaral) e Barreto (Julio) do PCB, o Partido justifica que eles eram nocivos e contrarrevolucionários:

Todos os três, aproveitando-se da situação difícil que atravessava o nosso Partido, com uma grande parte da direção e dos melhores quadros de suas fileiras presos, premeditaram um assalto aos postos de direção, abrindo uma luta interna de caráter fracionista-trotskista, visando quebrar a unidade do Partido, anular a sua disciplina e enfraquecer a vanguarda do proletariado.

Descobertos a tempo e desmascarados, foram expulsos como agentes inimigos no seio do proletariado.

Paulo, Luiz e Barreto quiseram arrastar o nosso Partido para as aventuras trotskistas e foram exemplarmente castigados com a sua expulsão pública das nossas fileiras (A Classe Operária, Abril de 1938).

Essa imagem negativa dos opositoristas do stalinismo se fabricou na URSS e foi consolidada nos Processos de Moscou. Os expurgos realizados contra o trotskismo, para o PCB, limpam a URSS. O mesmo deveria ser feito no Brasil:

O expurgo da imundice trotskista não pode fazer senão a limpeza e o fortalecimento da pátria socialista.

A imprensa reacionária diz que Stálin, é quem é o autor de perseguições e fuzilamentos dos anjos trotskistas.

Não resta dúvida que devemos ao grandioso guia do proletariado mundial – o camarada Stáline – o seu valôr, a sua sabia orientação contra os inimigos de classe, contra o fascismo, contra a guerra e pela democracia (A Classe Operária, junho de 1937).

Jorge Ferreira (2002, p. 162) comentou que seguindo uma orientação internacional, o PCB chegou a “proibir qualquer contato, inclusive de amizade, de seus militantes com os seguidores de Trotsky”.

Definitivamente, o stalinismo se tornou a corrente oficial do marxismo e o PCB aderiu a essa consagração. Em uma nota de comemoração do 20º Aniversário da Revolução Russa, percebe-se a preocupação em eleger a URSS como o polo internacional do comunismo:

Saudamos os trabalhadores russos, nesta passagem de seu aniversário, homenageamos seus sacrifícios heróicos e suas vitórias encarnados no seu principal artífice: o glorioso Partido Comunista Bolchevique e seu genial chefe – Stálin, o seguro timoneiro Lêninista do nosso grande Partido mundial, a Internacional Comunista! (A Classe Operária, Novembro de 1937).

Para Fernando Claudín, os partidos comunistas herdariam os traços stalinistas e se submeteriam à URSS:

- A subordinação ao Estado soviético, transformado em Estado conservador e burocrático [...] a subordinação ao Estado que deixara de encarnar o internacionalismo de Outubro para se converter no instrumento do nacionalismo grão-russo;
- o abandono do marxismo vivo, do seu método crítico, substituídos pelos dogmas Stálinianos; a adoção de um praticismo pragmático [...]
- a concepção monolítica de partido, que exclui a luta de ideias no seu seio, instaura a hierarquização autoritária e o centralismo burocrático, fomenta o culto do chefe levando, em suma, à clericalização do partido (CLAUDÍN, 1985, p. 316).

Trotsky, mesmo sem ter visto a dissolução da IC e a formação do Cominform, acreditava que a URSS estava invertendo a função dos comunistas e de suas seções.

Para Trotsky (1979, p. 8), “a Internacional Comunista, exatamente como as famosas ‘associações de amigos da URSS’, não tem outra função a não ser a de proteger a construção do socialismo contra a intervenção, em outras palavras, fica reduzida ao papel de guarda-fronteira”.

Referindo-se a essa caracterização de Trotsky, cada partido comunista do mundo se transformava em guarda-fronteira da URSS. Os militantes desses PCs não passariam de “soldados” pró-soviéticos.

Em uma tabela estatística, Ronald Chilcote elencou a repercussão das políticas soviéticas na vida do PCB. Entre 1943 e 1953, os eixos centrais do Partido foram completamente iguais aos da URSS: 1943 – Unidade Nacional e antifascismo; 1947 – Anti-imperialista; 1950-1953 – Campanha pela paz.

Todas essas campanhas eram importadas da União Soviética e adaptadas à realidade brasileira. A própria dissolução da IC não impediu esse contato, o PCB manteve sua lealdade à URSS.

Durante o período do governo de Stálin o número de intercâmbios e de viagens de comunistas brasileiros para a URSS aumentou significativamente (CHILCOTE, 1982, p. 281, 285). Tendo como ponto de apoio a Pátria do socialismo, o PCB viveu experiências enviando

comunistas brasileiros à URSS para participarem de escolas de quadros, cursos de formação e congressos.

O PCB recebia documentos e orientações, participava de atividades da IC e do Cominform; quadros estrangeiros eram enviados ao Brasil para auxiliarem os brasileiros.

Fernando Claudín escreveu sobre a experiência dos comunistas estrangeiros que viajavam para a URSS. Para o autor, “os dirigentes comunistas estrangeiros que viviam em Moscou estavam num mundo artificial, cuidadosamente isolados do mundo real soviético e, sobretudo, do mundo do terror” (CLAUDÍN, 1985).

O imaginário formado na consciência dos comunistas a partir dessas experiências se tornou um universo de encantamento diante da “fortaleza” soviética.

Compreender esse fascínio ajuda a entender as motivações que levaram homens e mulheres a defenderem um projeto de Pátria que, na maioria dos casos, nem chegaram a conhecer. A grande maioria dos comunistas brasileiros não conheceu a União Soviética, não participou de um curso de formação, de uma escola de quadros, nem visitou uma universidade, escola, habitação ou hospital do país. A imagem elaborada foi moldada a partir dos comentários, documentos, notícias, informações, estatísticas, livros e relatos descritos por comunistas que conheceram a URSS e da própria imprensa comunista internacional.

Nos periódicos do PCB, foi uma constante a transcrição de artigos, documentos, resoluções e notícias da URSS. Em alguns casos, os brasileiros faziam a leitura da documentação soviética para depois redigirem um formato adaptado ao Brasil.

No Brasil, além das possibilidades citadas acima, existiam outras duas oportunidades concretas de se aproximar da URSS: o Curso de Russo, feito por correspondência, e a assinatura da Revista Mensal de Novidades Técnico-Científicas da URSS (A Classe Operária, 13 de Julho de 1946 e 27 de julho de 1946).

A contrapartida da URSS para o PCB passou pelo reconhecimento do Partido, de 1945 a 1948, como o PC mais importante da América Latina. As ações estiveram no envio de finanças, o asilo de exilados políticos brasileiros e a transmissão, diretamente da URSS, de um programa de rádio em português (CHILCOTE, 1982, p. 294).

O PCB chegou a ter atenção privilegiada da URSS na América Latina, pois a representação de Luís Carlos Prestes evocava uma imagem de grande dirigente do povo brasileiro. A Coluna Prestes se associava à imagem do líder.

O Partido ainda alcançou em diversos momentos bons índices no processo eleitoral e

conquistou inserção nos movimentos dos trabalhadores.

O PCB buscava dar sentido a sua relação internacional, pois era visto como um inimigo da sociedade brasileira, considerado um “teleguiado” de Moscou. A campanha amplamente difundida no Ocidente, pelo cinema, imprensa e literatura, de classificar o comunismo como um risco aos valores estabelecidos, impulsionou outro forte motivo de contraponto a essa campanha. Com os ataques, o PCB precisou se defender.

O imaginário positivo em torno da URSS serviu como meio para ganhar novos correligionários, galvanizar os próprios militantes e, no mesmo sentido, se contrapor ao imaginário anticomunista.

2.3 O PCB no contexto inicial da Guerra Fria

É possível sistematizar a vida política do PCB, no início da Guerra Fria, em basicamente três estágios. Essa divisão foi apresentada por José Ribeiro de Lira, e mesmo sendo uma generalização, ela contribui para interpretar as mudanças ocorridas na organização. Lira aponta que o Partido passou pelos seguintes momentos: “o “desenvolvimento pacífico” e a “existência legal” de 1945 a 1947, ano em que o Partido entrou na ilegalidade; o “anti-imperialismo” de 1947 até a posição “ultraesquerda” de agosto de 1950; e a “nova orientação” que se iniciou em 1950” (LIRA, 1954, Apud CHILCOTE, 1982, p. 93).

Para Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida (2003, p. 89-94), a trajetória do PCB foi marcada por duas fases principais. A primeira foi de 1945 a 1947, caracterizada pela existência legal, privilegiando a aliança com a burguesia nacional. Na segunda, a partir de 1948, guinou para a esquerda, publicando os manifestos de janeiro e de agosto.

A partir da década de 1940, o PCB marcou a sua história com uma forte inserção política na vida organizativa em diversos setores da classe trabalhadora. Esse aumento da influência comunista aconteceu em vários países da América Latina. Depois de décadas de isolamento e, em alguns casos, de ilegalidade, os partidos comunistas retomaram, em um curto período, certa influência, popularidade e participação.

Segundo o serviço de informação dos EUA, em fevereiro de 1947 os PCs da América Latina tinham os seguintes números: Brasil, 180 mil; Chile, 50 mil; Argentina, 30 mil; Peru, 35 mil; Venezuela, 20 mil; Cuba, 55 mil; México, 11 mil; Uruguai, 15 mil (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 29).

Outra marca desse crescimento foram os bons resultados nas eleições desses países, em especial, na Costa Rica, Chile, Cuba e Brasil. Além disso, em diversos países os comunistas tiveram progressos na intervenção sindical.

Leslie Bethell e Ian Roxborough (BETHELL e ROXBOROUGH, 1996, p. 30) explicam que esse avanço do comunismo na América Latina teve sua origem na II Guerra Mundial e em seu desfecho. Para os autores, a formação da aliança entre Churchill, Roosevelt e Stálin incentivou o apoio dos comunistas aos governos latino-americanos, mesmo os autoritários e reacionários, que se posicionavam contra a Guerra. Essas intervenções dos comunistas lhes deram mais legitimidade, permitindo maior aproximação com setores da população.

Os comunistas se embasavam na tática de Frente Popular⁴³, que tinha como pressuposto a aliança dos trabalhadores com os setores progressistas da sociedade, constituindo uma frente de unidade nacional. No Brasil, nas eleições presidenciais, concorrendo com Yedo Fiúza, o PCB chegou a ganhar em cidades operárias. Na cidade de Santos, forte reduto de lutas operárias, o Partido alcançou 45% dos votos.

Nas eleições de 1945 o PCB elegeu catorze deputados federais: Gregório Bezerra, José Maria Crispim, Maurício Grabois, Claudino José da Silva, Joaquim Batista Neto, Osvaldo Pacheco, Abílio Fernandes, Alcides Sabença, Agostinho Dias de Oliveira, João Amazonas, Carlos Marighela, Milton Caires de Brito, Alcedo Coutinho e Jorge Amado.

Prestes foi eleito senador pelo Distrito Federal e deputado federal por quatro estados, sendo que o partido ainda ficou com 109 suplentes na Câmara Federal. O saldo foi positivo, o Partido obteve boas votações em importantes capitais de estado e em centros industriais (ALMEIDA, 2003, p. 89).

Nas eleições suplementares de 1947, o Partido se consagrou como a quarta força política eleitoral, elegendo quarenta e seis deputados estaduais, além de ter a maior bancada de vereadores no Distrito Federal (ALMEIDA, 2003, p. 89).

Quem se preocupou com esses resultados foram os segmentos das elites. A origem operária de muitos dos parlamentares do PCB gerava insatisfação na classe dominante, que não aceitava ver a participação de trabalhadores na tribuna republicana (SILVA e SANTANA, 2007).

Somando-se a isso, as greves, mobilizações e lutas que ocorriam, eram muitas vezes

⁴³ Essa política foi aprovada no último congresso da IC, o VII, realizado entre julho e agosto de 1935. Formulada inicialmente para o contexto europeu, de combate ao fascismo, se estendeu para os outros PCs.

confundidas com a própria existência do Partido. Essa associação ajudava a criar mais preocupação e temor por parte dos setores conservadores do país.

No parlamento, apesar do número reduzido, os comunistas propuseram soluções e medidas alternativas às tradicionais propostas dos parlamentares conservadores.

Um ano antes da Guerra Fria, a intervenção do Partido na câmara federal e na Constituinte gerou controvérsias: “projeto de constituição, soberania da Constituinte, autonomia e organização dos territórios, supressão do Senado, justiça gratuita e direito de propriedade (SILVA e SANTANA, 2007, p. 110).

Na Constituinte, o Partido chegou a propor 180 emendas parlamentares: exigiu a separação entre a Igreja e o Estado, a autonomia sindical, o direito de organização e reunião dos trabalhadores, o direito ao voto de soldados e analfabetos, reforma agrária, fim das perseguições policiais e outras reivindicações (A Classe Operária, 28 de setembro de 1946).

Para assegurar ao regime que o PCB não representava “perigo”, o Partido tentou acalmar os ânimos dos setores preocupados com a sua existência:

Não se trata para nós, comunistas, de elaborar no momento uma Constituinte socialista. Não somos idealistas. Sabemos que hoje seria ilusório pensar nisso. Não é possível. Vivemos num país capitalista com grandes remanescentes de regime pré-capitalista, feudais e até escravagistas (A Classe Operária, 28 de Setembro de 1946).

O discurso encampado no início da Guerra Fria foi o de “ordem e tranquilidade”. O Partido não queria colocar em risco sua intervenção institucional, almejava participar das decisões nacionais legalmente.

Constatou-se que o *slogan* “ordem e tranquilidade” se chocava com as greves e mobilizações da classe trabalhadora. A contradição estava na tentativa do Partido de se apresentar como uma organização que respeitava a democracia. Mesmo com esse esforço, os conflitos entre as classes eram tidos como preparados pelo PCB.

A elite forjou uma fantasia de medo, cautela e pavor em torno dos comunistas, do que resultou uma onda de conspiração e repressão que culminou no fechamento e na imobilização do PCB.

Em 1947, a resposta do Partido às amputações sofridas foi baseada em meras intervenções jurídicas, pois a direção sempre acreditou que “ninguém ousaria fechar o PCB”, afirmaria Luis Carlos Prestes.

Até então, sua linha política estava baseada na intervenção institucional de seus

parlamentares. As vias legais seduziam o Partido e sua direção, a organização não atentava para possíveis regressões políticas.

O Partido insistiu constantemente na luta contra as medidas truculentas e autoritárias de Dutra, e com essa perspectiva, o eixo do Partido esteve localizado na campanha por sua legalização, que foi o “centro” da luta partidária.

Carlos Marighella, dirigente do PCB, publicou uma nota falando sobre essa luta máxima do Partido

[...] **o centro de nossa luta é a legalidade do Partido Comunista.** Esta é que é a nossa luta de cada dia. Tal a perspectiva que temos pela frente. A luta pela legalidade do Partido Comunista é a luta pelas reivindicações mais elementares do proletariado e do povo, a luta pelas reivindicações mínimas, a luta contra o câmbio negro e a carestia, a luta pela eleição de vereadores e prefeitos democráticos, ligados ao povo e capazes de com o povo solucionar seus problemas, é a luta contra a lei de segurança, contra a cassação de mandatos, contra a Polícia Especial, é a luta contra tudo que sufoca a democracia. O recuo do sr. Dutra só será possível com a mobilização cada vez mais ampla das massas para a conquista da legalidade do PCB (A Classe Operária, 11 de outubro de 1947).

A partir de 1945, o programa do PCB estava configurado em torno da luta pela realização de uma assembleia constituinte, defendendo a “união nacional” entre os trabalhadores e os setores progressistas. O Estado brasileiro deveria se constituir numa república democrática com a participação popular.

O Partido assegurava que seu interesse se baseava na união dos setores democráticos e progressistas do país, ao mesmo tempo, tentavam acalmar as desconfianças em torno de sua imagem:

nós, comunistas, não vacilamos. Já escolhemos há muito o nosso caminho – união, democracia, desenvolvimento pacífico – é o melhor caminho, é o que indicamos ao nosso povo (Prestes, Luís Carlos. *União Nacional para a Democracia e o Progresso*, 23 de maio de 1945).

O PCB buscava mostrar uma imagem de organismo legalista, comprometido com as regras do regime democrático brasileiro; mas com a repressão sobre os seus ombros, perdeu grande parte de seu contingente humano, ficou isolado do sistema partidário e teve diminuída a sua influência nacional. Nesse momento a organização mudou radicalmente o seu discurso.

Não obstante, mesmo na clandestinidade, o PCB atuou: lançou novos jornais e publicações e fez acordos eleitorais com outros partidos.

Na ilegalidade, todo o Comitê Central, órgão de direção do Partido, entrou na extrema

clandestinidade, e o Secretário Geral do Partido, Luís Carlos Prestes, ficou isolado das massas e do próprio partido.

De um discurso “moderado”, o PCB migraria para um discurso “radical”. O ponto de partida da mudança foi o *Manifesto de Janeiro* de 1948. Com esse manifesto o PCB transformou o seu discurso em relação a Dutra, caracterizando-o como um governo antidemocrático e submisso ao imperialismo estadunidense (MAZZEO, 1999, p. 75).

O PCB só amenizaria seu discurso novamente a partir de 1954, quando deu contornos reformistas ao seu discurso.

No manifesto de 1948 afirmava ter vivido ilusões no regime democrático, tendo se contagiado por “tendências oportunistas, reformistas e espontaneístas”. Para o Partido, entre 1946 e 1947, durante o governo Dutra, “acumularam-se os golpes contra as conquistas democráticas de 1945”.

O PCB faz uma autocrítica e reconheceu que se equivocou:

Essa tendência direitista se caracteriza ainda pela sistemática contenção da luta das massas proletárias em nome da colaboração operário-patronal e da aliança com a 'burguesia progressista', assim como pela pouca atenção dada às lutas dos trabalhadores rurais contra o latifúndio [...] (Manifesto de Janeiro, 1948).

A saída para a solução dos problemas do povo passaria a ser a luta pela revolução agrária e anti-imperialista. O Partido almejava a derrubada do governo de “traição nacional” e a instauração de um “governo popular, democrático e progressista”. Propunha ao povo lutar contra a “agressividade imperialista” e as “arbitrariedades policiais” de Dutra.

No *Manifesto de Agosto* de 1950, a reviravolta se concretiza totalmente. Os manifestos refletiam o estreitamento das relações entre os partidos comunistas e o Cominform. O PCB substituíu o reformismo de Frente Popular, que pregava a aliança com outros setores além dos trabalhadores, pela retórica revolucionária.

Para concretizar suas intenções, defendeu a criação da Frente Democrática de Libertação Nacional (FDLN). Seu programa defendia um governo democrático e popular, a luta pela paz, a nacionalização e confiscação das empresas estrangeiras, reforma agrária, aumento geral dos salários e a criação de um exército popular de libertação nacional⁴⁴.

Em um artigo de 1952, é possível ver como o PCB sistematizou seu plano de trabalho:

Lutamos pela união de todo o povo em ampla Frente Democrática de Libertação

⁴⁴ Frente Democrática de Libertação Nacional, Voz Operária, 16 de agosto de 1952.

Nacional capaz de libertar o Brasil do jugo imperialista e de substituir o governo dos latifundiários e grandes capitalistas serviçais do imperialismo por um governo democrático popular. Lutamos por um governo do povo, que entregue a terra aos camponeses, que confisque as empresas norte-americanas, que assegure a paz, o bem-estar e a cultura para o povo (A Classe Operária, 5 de agosto de 1952).

No meio sindical, passou a combater as entidades oficiais, subordinadas ao Estado, lançando a proposta de criação de sindicatos paralelos e independentes do Estado. Outra marca foi a convocação de greves “na marra”.

No meio rural, obteve êxitos com seus aportes à formação das ligas camponesas, iniciados em 1946 e 1947. Sua intervenção nos setores rurais contribuiu para o fortalecimento da sua ligação com os assalariados rurais. Em 1950, 50 sindicatos de trabalhadores rurais eram contabilizados no país, muitos dos quais o PCB ajudou a organizar (SEGATTO, 1981).

Em relação ao governo de Getúlio Vargas de 1951, o PCB desferiu-lhe duras críticas. Segundo o PCB, Getúlio tinha as seguintes intenções: “arrastar o Brasil à guerra, vendê-lo aos imperialistas americanos a fim de conservar o latifúndio e as sobrevivências feudais e escravistas na agricultura – eis o objetivo de toda a política do governo”⁴⁵.

Suas bandeiras, durante esse período, estiveram marcadas por lutas de cunho nacionalista: “pregavam a criação de medidas protecionistas para o petróleo, minério de ferro, manganês e outros recursos naturais” (CHILCOTE, 1982, p. 109).

O PCB também foi vanguarda na luta contra o envio de brasileiros à Guerra da Coreia.

Internacionalmente, atendia às exigências dos soviéticos. Como tema central, ergueu a luta pela paz e contra a guerra, por meio das organizações como o Movimento Nacional pela Proibição de Armas Atômicas (1950) e o Congresso do Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz (1951).

Nessa campanha, Stálin e a URSS eram apontados como os bastiões da paz. Assim, o debate da Guerra Fria ganhava contornos. Os EUA representavam o mal, pois almejavam a guerra, e a URSS representava o bem, esforçando-se por manter a paz.

A direção política do Partido nesse contexto tinha como principais dirigentes João Amazonas, Maurício Grabois, Carlos Marighella, Pedro Pomar, Diógenes Arruda Câmara e Luís Carlos Prestes. O grupo foi eleito na Conferência da Mantiqueira, espaço que ajudou a reorganizar o Partido, em agosto de 1943.

Prestes “garantiu a fidelidade de um núcleo central de dirigentes de 1945 a 1956”.

⁴⁵ Projeto de Programa do PCB, Dezembro de 1953.

Agregados a essa fidelidade estavam métodos burocráticos de poder, reflexo direto do culto à personalidade, e a burocratização existente na União Soviética. A equação se resumia assim: Stálin no Poder, Prestes na Direção.

Quase nunca se esgotavam as polêmicas, os debates e as divergências, às vezes eram feitas pela metade, conciliadas e apagadas através de medidas administrativas. Muitos dirigentes, quadros, militantes, aspirantes e simpatizantes penetravam na mais profunda crise. Sem respostas ou sem espaço, ou eram expulsos ou saíam da organização. A história do Partido se marcava por inúmeras rupturas e defecções.

Estudando-se a história do PCB, é possível perceber, pelas crises, erros e acertos, que o Partido não foi uma organização inabalável. Era um partido de homens e mulheres comuns que desejavam construir uma sociedade que, em sua visão, era a mais correta.

No alvorecer da Guerra Fria, os comunistas passaram por momentos de riscos: sofreram prisões, torturas, tiveram risco de morte e viveram na clandestinidade; mas o Partido demonstrou que tinha a intenção clara de participar da sociedade brasileira e das polarizações em torno da Guerra Fria.

2.4 A relação do PCB com os artistas e intelectuais comunistas

Na década de 1940, o PCB abrigou em suas fileiras uma respeitável quantidade de intelectuais e artistas. Esses segmentos encontravam no Partido um espaço propício para encampar a luta pelo fim dos dilemas da humanidade.

Outro fator que atraía esses segmentos da sociedade estava relacionado ao ambiente cultural proporcionado pelo partido:

Não há dúvida de que, em uma sociedade carente culturalmente, o partido surge com um espaço de política e cultura não desprezível, especialmente para a jovem intelectualidade. Tal aspecto não pode ser desconsiderado, mesmo reconhecendo que a atmosfera desse ambiente pode ser contaminada pelos interesses político-partidários mais comezinhos e imediatos, ou ser submetida a rígidos controles ideológicos, inclusive via censura. A rede cultural do PC, complementada no intercâmbio com os aparelhos do movimento comunista internacional, funciona como um lugar cativante – no sentido mais ambíguo da palavra – e simultaneamente delineador de carreiras intelectuais (RUBIM, 2007, p. 433).

Depois de 1945, ao reluzir momentaneamente o astro da democracia no país, essa adesão foi considerável. Os comunistas se tornaram um polo de atração daqueles que rejeitavam o fascismo e o nazismo, que se interessavam pela libertação da ciência, da cultura,

da arte, que almejavam o uso da racionalidade e desprezavam a “decadência” da sociedade capitalista.

O PCB viveu dois momentos depois de 1945. Na primeira fase, de 1945 a 1947, recebeu a adesão de artistas e intelectuais, pois o Partido representou pioneirismo e originalidade no projeto cultural. Foi um momento de renovação estética. Na segunda fase, de 1947 a 1953, viveu o êxodo desses mesmos homens e mulheres que haviam aderido ao Partido, pois o Realismo Socialista dominou o cenário do PCB e afastou aqueles que buscavam liberdade e renovação (MORAES, 1994, p. 138).

Para se ter dimensão dessa importante adesão, é possível citar alguns nomes significativos dos que decidiram tomar partido: os escritores Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Dalcídio Jurandir, Graciliano Ramos, Caio Prado Júnior, Jacob Gorender, Paulo Cavalcanti, Ricardo Ramos e Aníbal Machado; os jornalistas Rui Facó, Mário Alves, Armênio Guedes, Milton Pedrosa, Rivadávia Mendonça e Ary de Andrade; os dramaturgos Dias Gomes, Bráulio Pedrozo e Joracy Camargo; os poetas Vinícius de Moraes, Rossine Guarnieri, Aluísio Medeiros e Lila Ripoll; os pintores Di Cavalcanti, Mário Gruber, Carlos Scliar, Cândido Portinari, José Pancetti e Clóvis Graciano; os atores Mário Lago e Modesto de Souza; os pesquisadores Victor Konder, Mário Schemberg e Nise da Silveira; os advogados Paulo Mercadante, Raul Lins, Humberto Telles e Luís Werneck de Castro; os médicos Alcedo Coutinho e Valério Konder; os arquitetos Oscar Niemeyer e Vilanova Artigas; Os cineastas Rui Santos e Nelson Pereira dos Santos; e os músicos Guerra Peixe, José Siqueira e Arnaldo Estrela.

Essa gama expressiva de personalidades ajudou a garantir ao Partido a criação de “oito jornais diários, semanários e revistas culturais e de variedades, uma agência de notícias, duas editoras, uma distribuidora de livros, um serviço de cinejornal” (MORAES, 1994, p. 137). Esses veículos cumpriam o propósito de intervir na batalha da Guerra Fria e proporcionar a formação comunista dos militantes e do povo.

Muitos desses intelectuais e artistas escreviam nos jornais do Partido. Carlos Scliar e Jorge Amado, por exemplo, pintavam e escreviam fábulas no jornal *A Classe Operária*, e Dalcídio Jurandir escrevia artigos e textos nas revistas e periódicos.

As capacidades artísticas e as reservas intelectuais desses segmentos do Partido seriam utilizadas, inclusive, nos debates da Guerra Fria. Dois dos principais intelectuais do PCB, Jorge Amado e Graciliano Ramos, que já gozavam de prestígio e visibilidade no Brasil,

chegariam a escrever recordações de suas viagens à URSS.

O PCB reconhecia o poder literário desses autores e estava convencido da necessidade de colocá-los a serviço da construção de uma imagem esplendorosa da URSS.

Jorge Amado, em *O Mundo da Paz*, publicado em 1951, e Graciliano Ramos, em *Viagem*, publicado em 1954, buscaram apresentar a URSS como alternativa ao capitalismo. No padrão desses trabalhos, os autores tentavam desmistificar as afirmações da grande imprensa brasileira e do senso comum sobre a URSS, que é apresentada pelos autores como a porta-estandarte da paz, da abundância, do progresso e da igualdade. Stálin aparece como o homem que garantiu a realização do socialismo⁴⁶.

Por meio de modelos ideológicos e estéticos propostos pelos comunistas, intelectuais e artistas eram atraídos ao projeto marxista como meio de expressão às formas modernas e criativas de intervenção artística e intelectual.

O regimento da intervenção desses setores nos PCs se guiava pela doutrina do Realismo Socialista. Aprovada no I Congresso dos Escritores Soviéticos, em 1934, essa doutrina cumpriu o papel de formular orientações para as atividades artísticas feitas por comunistas a partir da década de 30.

Andrei Jdanov e Máximo Gorki foram os dois responsáveis por sistematizar a proposta pela qual o Realismo Socialista se tornou a doutrina oficial do Estado soviético e explanou seu regulamento aos comunistas de outros países. A teoria buscou disciplinar artistas e intelectuais por meio do controle do Estado soviético, da intolerância à criatividade e de uma intensa censura e repressão aos desafiadores da doutrina (MORAES, 1994, p. 112-119). Os inconformados tinham vetadas as possibilidades de liberdade de expressão, de autonomia intelectual e imaginativa. No lugar desse caminho, precisavam encarnar a imagem de intelectuais alistados, artistas envolvidos e escritores disciplinados segundo as exigências comunistas.

Dênis de Moraes faz uma importante ponderação a respeito desse estigma que marcou os artistas intelectuais comunistas após a ascensão de Stálin. Para o autor, no início da Revolução Russa a liberdade de criação era permitida e inovações em diversos campos da literatura e das artes estavam sendo alcançadas; entretanto, a ambição de atrelar a cultura ao Estado e ao Partido impossibilitou esse desenvolvimento. O autor informa que o modelo de

⁴⁶ Para saber mais sobre as trajetórias literárias e políticas de Graciliano Ramos e de Jorge Amado, ver BARBOSA, Júlia Monnerat. Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB.

Partido único e a intervenção erosiva de Stálin também foram fatores que determinaram a inibição da fermentação artística soviética (MORAES, 1994).

No Realismo Socialista, o objetivo do cinema, do teatro, da música, das artes plásticas, da literatura, passou a ter a meta de proporcionar a exaltação do comunismo, dos líderes e da URSS. A meta buscava transpor uma imagem esplendorosa dos camponeses e operários, ou seja, contribuía para mitificar a URSS e seus símbolos.

Os escritores tiveram que dialogar com formas ficcionais para valorizarem as figuras de operários e camponeses. Os artistas precisaram transcrever uma representação perfeita das aspirações e sensibilidades dos seres humanos. A produção estética e intelectual burguesa sofria a condenação de ser imoral, corrupta, decadente, suja e individualista, e deveria ser rejeitada pelos comunistas. Pelo uso do terror, da propaganda, com o auxílio da literatura e das artes, o país tentava traduzir uma vida de harmonia e paz, seduzindo aderentes a esse discurso.

No campo da intelectualidade, os soviéticos também criariam um protótipo. George Politzer, ideólogo comunista fuzilado pelo nazismo, ajudou a sistematizar o paradigma do intelectual revolucionário. O modelo servia como guia aos homens e mulheres que decidiam se tornar pessoas “honestas e sensíveis”. Ele ratificou a máxima de que o lugar de gente inteligente, sensível, criativa e comprometida era o Partido Comunista.

Jorge Ferreira sintetizou as perspectivas desse modelo:

George Politzer [...] apresentava aos comunistas uma história exemplar, um modelo de comportamento humano, como deveria ser e como deveria portar-se um verdadeiro intelectual revolucionário: estudioso dos quatro clássicos do marxismo, paciente, humilde, modesto, severo consigo mesmo, incapaz de desdenhar o trabalho prático e que aderiu ao comunismo por uma questão de honestidade intelectual e probidade mental (FERREIRA, 2002, p. 177).

A valorização e os elogios eram atribuídos constantemente aos artistas e intelectuais que ingressavam nas fileiras do marxismo. Logo após a filiação, o fato passava a ser explorado para servir de exemplo ao comunista pouco letrado e desapegado do conhecimento intelectual:

(...) ao saber que importantes e renomados escritores e romancistas estavam ao lado dos bolcheviques, sentia aumentar sua confiança e certeza na causa que abraçou (FERREIRA, 2002, p. 178).

Segundo essa perspectiva, ingressando na organização, o artista ou o intelectual

poderiam dar um salto em sua capacidade de produção, pois o marxismo ampliava as suas visões e sensibilidades.

O escritor Jorge Amado escreveu sobre o aguçamento das potencialidades de um artista que se filiava ao marxismo:

O conhecimento do marxismo e a compreensão da linha do Partido [...] dão ao criador de cultura uma formidável independência de movimentos na análise dos fatos e na sua interpretação artística. Para um poeta, para um compositor, para um pintor, para um romancista, a vida partidária traz uma infinidade nova de temas, de sugestões, de matéria para ser transformada em beleza imortal. Nenhum escritor ou artista pode se limitar ao ter vida partidária. Essa lhe dará sempre maior amplitude, estenderá os limites [...] (A Classe Operária, 16 de março de 1946).

Quanto mais os artistas se aproximavam da política exigida pelo Partido, mais elogios e referências eram feitos. O pintor Cândido Portinari conquistou várias páginas nos periódicos por ter alcançado essa meta. Alguns trechos confirmam essa afirmação:

Cândido Portinari se torna cada vez mais um pintor popular. A sua grande arte se identifica com o povo à medida que Portinari se apercebe dos grandes problemas nacionais sem solução, das condições de miséria a que está relegado o nosso camponês, da exploração de que é vítima sob um regime semi-feudal do solo, da pobreza de vastas camadas da população em nosso país. Portinari vê na luta do nosso proletariado por melhores condições de vida algo de verdadeiramente empolgante, e reconhece que somente o Partido Comunista pode dirigir essa luta de maneira sistemática, fazendo com que dele participe o operariado e o povo (A Classe Operária, 23 de março, de 1951).

Monteiro Lobato foi outra personalidade. Após a sua morte, o PCB assim se referia à sua importância:

O que caracterizava Monteiro Lobato, apurando o seu talento e dando uma verdadeira popularidade à sua obra, era o patriotismo consequente, a preocupação honesta e constante pelos problemas de nosso povo, pelo progresso e bem estar de nossa gente. Esse patriotismo é que fez de LOBATO um revolucionário de nossa cultura e, depois, um revolucionário militante, aproximando-o cada vez mais de Prestes e dos comunistas [...] (A Classe Operária, 10 de Julho de 1948).

O PCB aproveitava a ocasião para lançar um modelo: para ser um verdadeiro patriota e lutador, era preciso estar próximo dos comunistas:

O seu exemplo é o de que, nos dias de hoje é impossível se ser patriota, lutar pelo progresso e pela felicidade de nosso povo, pela independência nacional, sem se marchar junto dos comunistas ao lado dos comunistas, quando não seja dentro de suas fileiras (A Classe Operária, 10 de julho de 1948).

Continuando, o mesmo artigo lançava sua opinião a respeito da “limpeza” que podia sofrer um filho da burguesia, da pequena-burguesia que ingressava na organização:

Este encontro com o proletariado e seu Partido deu a LOBATO novos horizontes, libertando-o do ceticismo, do desespero ou do cinismo apodrecido em que se afundam os intelectuais que se confiram no ambiente mesquinho das classes dominantes (A Classe Operária, 10 de julho de 1948).

Quando esses artistas e intelectuais cometiam algum deslize, suas imagens eram criticadas e reprovadas. Como exemplo, aparece o pedido de ingresso no PC Mexicano feito pelo pintor Diego Rivera. Diego Rivera tinha sido expulso do Partido e havia recebido León Trotsky em sua casa, após o exílio do dirigente bolchevique da URSS. Ao ter hospedado o revolucionário e principal inimigo de Stálin, o pintor acabou fraturando sua imagem diante dos comunistas mexicanos. O PCB publicou um artigo que narrava esse fato:

O Partido Comunista Mexicano recusou o pedido de reingresso no Partido apresentado por Diego Rivera, por causa dos serviços que prestou ao trotskismo, o 'pior dos delitos que pode cometer um militante político'. 'A conduta de Diego Rivera – opina o Partido – desde sua expulsão, não pode ser considerada como uma política simplesmente errônea, nem seus atos como simples equívocos. Desde o princípio de sua trajetória que provocou sua expulsão do Partido, Diego Rivera trilhou o caminho da corrupção e da degeneração políticas, até atingir o extremo, passando para o campo inimigo e aí atuando contra o movimento revolucionário e o movimento democrático' (A Classe Operária, 28 de Setembro, de 1946).

O artigo continua, informando o que precisava ser feito para Rivera retornar ao Partido:

Para que Diego Rivera comprove que seu desejo de servir ao movimento operário e ao povo constitui uma decisão verdadeira, séria, firme e sólida, deve começar por reconhecer plena e abertamente seus delitos, sem limites nem restrições, principalmente porque os mesmos foram cometidos conscientemente. [...] Diego Rivera deve combater diariamente o bando de delinquentes contrarrevolucionários trotskistas (A Classe Operária, 28 de Setembro, de 1946).

O PC mexicano demonstrava que para continuar na organização era preciso seguir com afinco suas resoluções e doutrinas, do contrário o indivíduo não merecia o título de comunista.

O PCB publicou essa nota em seu jornal de forma consciente, pois vivia um momento em que muitos artistas e intelectuais se abrigavam no Partido. Artigos dessa magnitude buscavam prevenir a repetição de casos semelhantes e serviam de alerta.

O Realismo Socialista e o paradigma de Politzer passaram a tomar conta das diretrizes

artísticas e intelectuais do PCB. Os tópicos formulados em periódicos e revistas seguiam um modelo único e formal: consignas anti-imperialistas, defesa da paz mundial, exaltação da URSS e de Stálin, luta pela libertação nacional. O desprezo aos formatos e linguagens criativos se tornou uma forma permanente.

A revista *Problemas*, lançada na década de 1940, foi um veículo usado para a publicação dos primeiros artigos de Jdanov. Com a revista, o Partido acreditava que poderia criar uma verdadeira cultura popular, livre das amarras capitalistas, baseada no Realismo Socialista e nos ensinamentos de Politzer.

Completado um ano de publicação, em outubro de 1948, Dalcídio Jurandir escreveu um artigo contemplando as vitórias da revista contra a decadência das publicações oficiais e burguesas:

Festejamos o primeiro aniversário de "Problemas". Doze números na rua. Cem mil exemplares distribuídos. Diante de uma enorme e sórdida publicidade de crimes sensacionais, novelas radiofônicas, gibis e "contos curtos" americanos, folhinhas pornográficas exportadas de Nova York, "memórias" de fascistas e "espíões" forjadas nas redações dos jornais da reação para aumentar a vendagem, cem mil exemplares de "Problemas" significam um triunfo. Esse fato se torna mais importante ainda se levamos em conta a nossa condição de país com milhões de analfabetos, dominado por uma ditadura semi-feudal e na hora em que a ofensiva imperialista para colonizar o Brasil chega a seu auge (Problemas - Revista Mensal de Cultura Política nº 14 - Outubro de 1948).

O artigo também culpou o imperialismo e as elites nacionais por amarrarem a cultura e o conhecimento:

Sabemos que os grupos dominantes no país e seus amos imperialistas fazem funcionar todos os seus aparelhos de publicidade para tentar impedir que o pensamento democrático atinja as grandes massas. Por outro lado, exercem a violência indiscriminada e brutal. Essa publicidade, apoiada nessa violência, abrange também as miúdas e complicadas correntes chamadas filosóficas, a poesia hermética e fora de qualquer sentido, os romances desenrolados numa atmosfera de mórbida irrealidade, de alheamento e desprezo das grandes ações humanas, o cinema americano, o abstracionismo na pintura, o sensacionalismo na deformação dos fatos. Tudo isso constitui o caldeirão ideológico das classes dominantes (Problemas - Revista Mensal de Cultura Política nº 14 - Outubro de 1948).

As criações e publicações burguesas eram classificadas como uma "falsificação em série da cultura e da inteligência". Por meio dos seus instrumentos de propaganda e agitação, o PCB repercutia as opiniões, as doutrinas e o receituário soviético.

O enrijecimento, o controle e a intervenção na produção de escritores e artistas afastaram a grande leva de ingressos que o Partido viveu:

As linhas políticas implementadas pela agremiação também influem no afastamento dos intelectuais. Certamente, a fase da proletarização – no final dos anos 1920 e início da década de 1930 – e a radicalização Stálinista dos anos 1948-1956, principalmente, são períodos de relações tensas com os intelectuais que frequentam o partido. O controle, a censura e o menosprezo pelos intelectuais e seu trabalho marcam esse período (RUBIM, 2007, p. 439).

O PCB passou por momentos de tensão e de conflito, pois a oposição a esses ditames endurecidos vindos de Moscou hostilizava e renegava os injustiçados. Após um dia de glória, exaltação e elogio, o intelectual ou artista que discordasse dos propósitos comunistas era abominado e odiado. Além do desprezo e da desconfiança, o sentimento anti-intelectual se tornava recorrente no Partido.

Para os seguidores das rígidas doutrinas intelectuais e artísticas da URSS, não era necessário formular novas linhas ideológicas, artísticas e políticas. Da mesma forma, não era preciso extravasar a inspiração, afinal, Stálin, Prestes e o Partido já tinham percorrido esses árduos caminhos.

CAPÍTULO 3º – A UNIÃO SOVIÉTICA SOB O OLHAR DO PCB

3.1. Imprensa comunista: o Pão e a Luz

A presente pesquisa utiliza como fonte historiográfica dois periódicos do PCB: os jornais *Voz Operária* e *A Classe Operária*⁴⁷.

Mergulhando-se nas argumentações desses jornais é possível se aproximar da memória histórica do Partido e conhecer de forma mais profunda suas reflexões, posições, bandeiras e imaginários. Os periódicos são bons referenciais para a compreensão de sua visão sobre o tema eleito na presente dissertação: o mundo soviético.

São inúmeras as publicações do PCB após 1945: *A Classe Operária*, *Estudos Sociais*, *Estudos Sociais*, *Fundamentos*, *Hoje*, *Horizonte*, *Imprensa Popular*, *Literatura*, *Novos Rumos*, *Notícias de Hoje*, *Para Todos*, *Problemas*, *Prisma*, *Seiva*, *Temário*, *Tribuna Popular*, *Voz da Unidade* e *Voz Operária* (MORAES, 1994, p. 17).

Cabe registrar que os dois jornais estudados (*A Classe Operária* e *Voz Operária*) foram veículos criados para a formação dos quadros, militantes e dirigentes do PCB, mas também se estendiam ao conjunto da população.

Os jornais foram órgãos centrais, daí sua importância para uma compreensão mais profunda do imaginário que o PCB compunha. Esse imaginário visava dar boa formação ideológica e política dos comunistas. Apesar de o itinerário jornalístico do Partido ter sido extremamente conturbado⁴⁸, suas páginas oferecem, de forma clara e objetiva, os esforços despendidos para criar uma imagem positiva dos ícones e personagens da URSS.

O jornal *A Classe Operária*, ressurgido⁴⁹ em 9 de Março de 1946, alcançou, em 1947, uma tiragem média mensal de 157.400 exemplares e uma tiragem semanal anual de 33.654 exemplares. Os locais de venda estavam “nas fábricas e locais de trabalho, bem como nas sedes dos sindicatos operários, por membros do Partido e simpatizantes, alargando-se de semana em semana, o círculo dos seus leitores” (*A Classe Operária*, 8 de Março de 1947).

Ao retornar à legalidade, o PCB afirmou os princípios do periódico: “continuar a obra

⁴⁷ Uma boa descrição a respeito dos dois periódicos pode ser encontrada no Dicionário-Biográfico-Brasileiro da Fundação Getúlio Vargas, disponível em http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx?id=busca_rapida

⁴⁸ Ao longo da vida do PCB, jornais foram fechados, apreendidos, colocados na clandestinidade, mudaram de nome.

⁴⁹ A primeira edição do jornal *A Classe Operária* foi publicada no dia 1º de Maio de 1925 (*A CLASSE OPERÁRIA*, 9 de Março de 1946).

iniciada em 1925 e interrompida num dia, brutalmente, pela mão de ferro da reação. Nosso passado responde pelo presente e ambos responderão pelo futuro, que é nosso” (A Classe Operária, 1 de maio de 1928).

O lema do jornal se baseava no seguinte *slogan* “jornal de trabalhadores, feito por trabalhadores, para trabalhadores, fiel e firme no seu posto” (A Classe Operária, 1 de maio de 1928).

O jornal *Voz Operária* foi fundado em 1949, para substituir o jornal *A Classe Operária*, que havia entrado na ilegalidade. Foi proibido em 1959, retornando apenas em 1964.

Dênis de Moraes (1994, p. 45) apresenta uma boa definição a respeito da imprensa operária. Para o autor, “é possível caracterizar os periódicos comunistas como aparatos empenhados em construir um pilar de sustentação para a obtenção do consenso em torno da ideologia partidária”.

Os fatos, ou seja, aquilo que era explicado e apresentado por meio de uma sentença, legitimavam-se e se transformavam em verdade na imprensa partidária:

A imprensa do PCB almeja seduzir o olhar do outro com as cintilações do seu próprio olhar. Os discursos desenvolvem processos singulares de significação para predispor os receptores à aplicação das diretrizes partidárias. O militante, acatando e reverberando o modelo, constitui-se, narcisicamente, à imagem da organização. Embora, como sujeito individual, possa manifestar pontos de vista, é um âmbito exterior à sua consciência (o Partido) que germinam as ideias que ele reconhece como indispensáveis ao 'estar no mundo' (MORAES, 1994, p. 49).

A imprensa comunista logrou seus objetivos, pois seu discurso buscou subtrair a voz do povo e se tornar sua locutora. Da mesma forma, impôs sua retórica para um fim superior, histórico, prometendo o infinito, somando os anseios recalcados com os mitos de realização (MORAES, 1994).

A imprensa do PCB seguia disciplinadamente as orientações do modelo jornalístico proposto pelo Movimento Comunista Internacional. As funções dos jornais, para os PCs, eram: a) educar a população, ajudando na qualificação de seu nível de consciência; b) organizar a vanguarda da classe trabalhadora, a partir das propostas do Partido Comunista; c) fazer propaganda da ideologia comunista.

O pesquisador Dênis de Moraes assim sintetizou a metodologia da imprensa comunista:

O sistema partidário trabalhava os signos como *guias* referenciais para o combate político. O código [sistema de signos] decifrava as concepções de mundo com uma intencionalidade lógica, utilizando o discurso como meio de provocar adesões, condutas pré-moldadas, contágios. Os aparelhos informativos destilavam em prestações (diárias, semanais ou mensais, conforme a periodicidade) as proveniências ideológicas centrais. Na concisão dos *slogans* impressos, o mundo vivido era reciclado por uma engrenagem reguladora das emoções (MORAES, 1994, p. 78).

A imprensa comunista criava uma representação do real acabada e com soluções mágicas, regulada por uma gama de convenções, modelos, conceitos e perspectivas formalizadas. Assim, o PCB também aproveitava o ensejo para combater e desqualificar os discursos inimigos, sob a égide das necessidades da classe trabalhadora.

Segundo Dênis de Moraes (1994), com um discurso eloquente, os jornais davam as perguntas e as respostas, tudo condensado em linhas que excluía o diálogo. O leitor lia atentamente um propósito político e ideológico estabelecido, parte de um circuito fechado com interesses já programados. Cabia ao leitor acatar ou não as linhas propostas.

O PCB enaltecia a sua imprensa, publicando e sempre reverenciando a imprensa partidária. Em um artigo de Jorge Amado, o escritor resumiu os caminhos que o jornal percorria para chegar até o povo; além disso, mostrou o resultado desse encontro magnífico: “chegava como um balsamo, como a luz de um farol para o naufrago no ultimo momento” (*A Classe era o Pão e a Luz*, Jorge Amado, 1946). Ainda acrescentava: “era como um pão para famintos, como um porto para um navio desarvorado, como o primeiro dia de convalescença para o desenganado”; ou seja, o jornal era o “pão” e a “luz” do povo e da classe trabalhadora.

Era pão porque alimentava às necessidades tangentes ao entendimento da sociedade, da luta de classes, da situação nacional e internacional; era luz porque dava o caminho, apontava as saídas para tirar os trabalhadores da exploração capitalista.

Os comunistas almejavam transformar seus jornais em íntimos “amigos” dos seus leitores. O jornal deveria dormir na cabeceira do leitor, ele daria respostas às suas inquietações, proporcionaria formação, apontaria soluções aos seus impasses e angústias mais candentes.

Em suas páginas, surgiam textos abordando os seguintes temas: URSS, EUA, greves, história do comunismo, arte, cultura, mulheres, esporte, operários, livros, camponeses, estudantes, sindicatos. Até sugestão de profissionais eram descritas na imprensa partidária. Como exemplo, surge uma lista de profissionais liberais indicada aos leitores. Na edição número 18, do periódico *A Classe Operária*, advogados e médicos (figura 5) são sugeridos:

Indicador Profissional
ADVOGADOS

SINVAL PALMEIRA
ADVOGADO
Av. Rio Branco 106 - 15º andar
sala 1512 — Tel. 42-1138

FRANCISCO CHERMONT
ADVOGADO
Rua 1º de Março 6, 4º andar,
sala 44 — Tel. 43-3505

HELIO WALCACER
ADVOGADO
Rua 1º de Março 6, 4º andar,
sala 44 — Tel. 43-3505

LETELBA RODRIGUES DE BRITO
ADVOGADO
Ordem dos Advogados Brasileiros
inscrição nº 1.302
Travessa do Ovidor 32, 2º and.
Telefone 23-4295

MEDICOS

DR. AUGUSTO ROSADAS
Vias urinárias, Anus e Reto
Diariamente, das 9 às 11 e das 18
às 19 horas
Rua da Assembleia 98, 4º andar,
sala 49 — Fone 22-4582

DR. CAMPOS DA PAZ M. V.
MEDICO — CLINICA GERAL
Edifício Odeon - 12º - sala 1.210

FRANCISCO DE SA PIRES
Docente de clínica psiquiátrica,
doenças nervosas e mentais
Edifício Porto Alegre — sala 815
Tel. 22-5954

Dra. Eline Mochel
MOLESTIAS DE SENHORAS
Rua Senador Dantas 118, 5º
e / 517 — Tel. 42-4886

Figura 5 – Indicador Profissional

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

O PCB queria que sua imprensa fizesse parte da vida cotidiana de seus leitores, assim buscava competir em pé de igualdade com a grande imprensa. Na prática, ansiava quebrar a hegemonia exercida pelos grandes jornais do país, por isso ampliava as suas temáticas. Almejava opinar sobre os mais diversos assuntos em pauta na sociedade da época.

A oposição à imprensa “sadia” e “burguesa”, a chamada grande imprensa, era visível. O Partido argumentava que essa imprensa caluniava suas atividades, mentia, praticava o anticomunismo, tinha teor fascista. O controle desse aparato estaria nas mãos do governo e do imperialismo estadunidense. Para o PCB, ela não representava os interesses dos trabalhadores, servia apenas para manipular a consciência do povo em prol dos ricos.

Em duas charges (figuras 6 e 7), o PCB demonstrou sua fúria contra a imprensa “burguesa”:



Figura 6 – Campanha Anticomunista

Fonte: A Classe Operária – AMORJ



Figura 7 – Imprensa Sadia

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

A grande imprensa de fato construiu uma imagem dos comunistas de forma desconectada e aparentemente distante, mas a repetição, os ataques nítidos, os disfarces críticos através de retóricas de explicação, foram dando conotação e espessura negativa acerca dos comunistas (MARIANI, 1998, p. 63).

Bethania Mariani afirma que o comunismo é apresentado como a diferença, garantindo, assim, a afirmação do tradicional. Os comunistas são apresentados como inimigos dos valores cristãos, da propriedade, da ordem, dos bons costumes, das construções judaico-cristãs ocidentais. Essas construções negavam o propósito comunista e criavam a disjunção Bem/Mal.

Como contraponto, a imprensa do PCB foi vital para o seu crescimento após a década de 1945. Sua imprensa serviu de instrumento para se contrapor ao discurso anticomunista da

Guerra Fria: levou suas opiniões ao povo brasileiro, ganhou novos adeptos, interagiu com diversos temas, manteve diversas seções.

Um dos motivos do prestígio de sua imprensa foi a participação de escritores de extrema importância nacional em suas redações. Os jornais rapidamente se esgotavam das bancas e das mãos dos militantes. Como exemplo, na redação de um dos jornais, o jornal *Tribuna Popular*, estava o renomado escritor Carlos Drummond de Andrade.

O resultado não poderia ser diferente. A imprensa partidária se fortaleceu e ganhou espaço na sociedade brasileira, apesar das cruéis garras da repressão, sempre em vigilância. Mesmo com os transtornos causados com a ilegalidade, a imprensa do PCB lançou suas opiniões a respeito do Brasil e do mundo.

Essa breve análise da imprensa do PCB serve para justificar a sua importância como fonte historiográfica, revelando o seu valor na vida partidária; é um verdadeiro espaço de ratificação das crenças que animavam o conjunto da militância partidária.

Os textos dos periódicos do PCB evidenciam o seu interesse em codificar os acontecimentos, os avanços e as prioridades da URSS durante o contexto da Guerra Fria.

Além de ser um canal informativo, o jornal também cumpria um papel formativo. Foi vital noticiar o que acontecia na URSS, mas também foi crucial garantir boa formação política e ideológica daqueles que estavam dentro e fora do PCB.

O reconhecimento do valor da imprensa partidária na divulgação das opiniões dos comunistas brasileiros torna possível alcançar o presente objetivo: identificar o imaginário que o PCB constituiu acerca do mundo soviético.

3.2. URSS, a Pátria do Socialismo

Os esforços do PCB relativos à propaganda e ao enaltecimento da URSS se dividiam em algumas frentes. Para fortalecer a URSS, além da demonstração de superioridade do país, o PCB percorria um itinerário de denúncia contra os EUA. Assim, sistematizava-se a diferença dos dois “mundos” que se digladiavam durante a Guerra Fria.

Essa linha de propaganda percorria a seguinte recorrência: 1) exaltar a Revolução Russa, associando-a ao período de Stálin; 2) valorizar o Estado soviético; 3) responsabilizar os EUA e o capitalismo pelas crises e guerras do globo.

O imaginário a respeito da Revolução Russa e do Estado soviético cuidadosamente se traduzia num conteúdo imponente. O valor da URSS precisava ser enaltificado não só pelos

comunistas, mas por toda a “humanidade progressista” (Voz Operária, 12 de novembro de 1949).

A lógica de enaltecimento da URSS induzia o leitor a pensar que a Revolução e o Estado dirigido por Stálin estavam interligados, sem ruptura ideológica, cronológica e política; ou seja, que Stálin dava continuidade àquilo que os bolcheviques haviam começado. Nota-se ainda um forte sentimento de orgulho pelo fato de um sexto do globo ter-se inclinado para o comunismo, “contrariando o que os reacionários alegavam não se passar de utopia” (Voz Operária, 12 de novembro de 1949). Satisfeitos, os soviéticos proclamavam que a URSS, ao invés de penetrar no caos, havia ingressado no reino da liberdade e da justiça. Em situação diametralmente oposta estariam os países capitalistas.

A expansão do socialismo reforçava o sucesso da URSS e ela era vista pelos comunistas como a Pátria de todos os explorados e oprimidos da terra, a Nação amiga e aliada. Como ela aparecia como uma Pátria acolhedora, preconizava-se o esforço por gerar apoio externo ao país e ainda construir uma imagem sublime dos brasileiros que apoiavam a revolução.

Antes de ratificar a adesão externa, os comunistas informavam que dentro da própria URSS os votos de confiança na Revolução eram positivos. Para o PCB, os soviéticos estavam satisfeitos com a URSS. Esse argumento servia para justificar que os povos do mundo deveriam seguir o mesmo caminho.

Nas manifestações por ocasião dos aniversários da Revolução, o Partido mostra as grandezas do Estado soviético. Nelas é enfatizada a participação de militares, comissários do povo e funcionários, por isso não se encontram dados que indiquem números da participação popular.

Em nota de comemoração do 32º Aniversário da Revolução, essa hipótese se abre:

Particularmente brilhantes e imponentes foram as comemorações realizadas na própria União Soviética, a pátria gloriosa de Lênin e Stálin que a frente do invicto Partido Bolchevique, derrubaram pela primeira vez o regime da exploração do homem pelo homem e construíram o socialismo em uma sexta parte da terra. Em Moscou, realizou-se uma parada monumental de todas as forças militares da URSS, tendo a frente a guarnição de Moscou e os Cadetes da Academia Militar Frunze (Voz Operária, 12 de Novembro de 1949).

Tem-se a impressão de que os comunistas engrandeciam como protagonistas da

história soviética os renomados líderes do país (Stálin, Lênin, Molotov, Vichinski⁵⁰), as estatísticas dos avanços da revolução, o PCUS, o Estado (as Forças Armadas, a indústria, a agricultura, o comércio).

Nesse grande “teatro” das festas cívicas comunistas, as massas ocupavam um lugar de coadjuvantes, pois as instituições partidárias, os líderes e os números apareciam à frente. A propaganda comunista buscava enfatizar que milhões de trabalhadores de todo o mundo simpatizavam com a revolução, inclusive muitos brasileiros.

O empenho para conquistar mais adesões ao projeto da *Grande Pátria do Socialismo* passava pela demonstração de bons números, crescimento e desenvolvimento do país. Igualmente, apontar que os próprios trabalhadores apoiavam as iniciativas de Stálin, inclusive externamente, ajudava ainda mais a tonificar o valor da URSS.

Por meio de títulos fortes: “Comemorando nas Ruas o aniversário da Revolução Soviética”, “Festejando no mundo inteiro o aniversário da Revolução Soviética”, “Gigante manifestação a favor da Revolução Soviética”.

Alguns trechos ajudam a demonstrar esse sentimento de fraternidade internacional em prol da URSS:

A 7 de novembro⁵¹ os povos do mundo inteiro festejarão o 32 aniversário da Revolução Soviética. E o festejarão com a certeza cada vez mais solida da vitória do socialismo, da vitória da paz e da liberdade em todos os países. A revolução Soviética, pela primeira vez na história demonstrava a possibilidade dessa vitória, apontando aos povos os caminhos para conquistá-la. O socialismo, que fora durante muitos anos, um grande sonho das massas exploradas e oprimidas pelo capital, pelo imperialismo, se tornava uma pujante realidade revolucionária. Hoje, não somente os povos soviéticos conhecem a Ventura do regime socialista. Milhões de trabalhadores em diversos países, nas republicas populares da Europa e na China já se libertaram dos grilhões da escravidão imperialista e marcham aceleradamente para a construção do socialismo (Voz Operária, 5 de Novembro de 1949).

Outro trecho:

Comemorando o aniversário da criação do primeiro Estado Socialista da terra, a classe operária e os povos do mundo inteiro reafirmaram sua poderosa decisão de

⁵⁰ Andrei Vichinski, um advogado, ex-menchevique, se transformou no Procurador Geral de Stálin. Ocupou lugar notório nos Processos de Moscou.

⁵¹ Não é demasiado lembrar que a Rússia seguia o calendário juliano, que apresentava, em relação ao calendário gregoriano, adotado em todo o Ocidente, uma defasagem de cerca de duas semanas. Assim, as revoluções de fevereiro e de outubro, no calendário ocidental, adotado depois pelo governo bolchevique, ocorreram em março e novembro. Prevalece, entretanto, o aspecto simbólico, motivo pelo qual se pode falar dos meses da forma como eram entendidos pelos protagonistas no momento revolucionário.

ampliar e fortalecer constantemente a gigantesca frente internacional dos povos, erguida em torno da União Soviética, para a luta em defesa da paz, das soberanias nacionais, pelo progresso e o socialismo (Voz Operária, 12 de Novembro de 1949).

Os artigos que falam do apoio dos brasileiros ajudam a ilustrar uma euforia em prol dos soviéticos. Mesmo com todas as dificuldades de ser comunista – o preconceito, a repressão, a perseguição – os trabalhadores do país demonstravam sua solidariedade com a URSS:

O proletariado e as massas populares brasileiras não ficaram estranhas a essas demonstrações de ardente solidariedade à URSS. Apesar das violências, da prontidão policial que se verificou nesta Capital (Rio de Janeiro – Nota do Autor) e em vários Estados, os patriotas, os sinceros amigos da Paz festejaram como era possível sob a atual tirania, o aniversário da Grande Revolução. Voz Operária, 12 de Novembro de 1949.

Deixando transparecer um clima de apego à Revolução, o Partido informava as atividades que eram desenvolvidas no país. Abaixo, o PCB fala sobre o saldo das ações na cidade do Rio de Janeiro:

Nas ruas patrulhadas por maltas de policiais que, como cães de fila vigiavam os passos e os gestos dos transeuntes, foram colocadas bandeirolas vermelhas nos fios de iluminação pública, foram pregados cartazes e faixas, foram feitas inscrições nos muros e nas calçadas (Voz Operária, 12 de novembro de 1949).

Essa dedicação tinha um fundamento: instaurar a opinião de que a Revolução Russa de 1917 havia sido um acontecimento sensibilizador da consciência dos trabalhadores.

Já em 1917, os brasileiros, entusiasmados e apaixonados, teriam recebido bem a iniciativa da tomada do poder pelos operários e camponeses. Nos artigos de comemoração do 32º aniversário da revolução, Astrojildo Pereira escreveu uma nota que defendia essa perspectiva. O intuito de Astrojildo é conectar os acontecimentos de 1917, com as mudanças da era Stálin; ou seja, o projeto iniciado por Lênin obteve continuidade com o stalinismo:

A notícia da revolução soviética de 1917 foi recebida com enorme entusiasmo pelos trabalhadores brasileiros. Não adiantava nada a onda de mentiras e calúnias propaladas pela imprensa reacionária: a igual do que acontece no mundo inteiro, também no Brasil se compreendia a imensa importância da conquista do poder pela classe operária russa com o apoio das massas camponesas do antigo império czarista. [...] Hoje, passados 32 anos, a União Soviética, nascida em condições extremamente penosas dos escombros do império czarista, se converteu na maior potência econômica, política e militar do mundo. É a pátria do socialismo, que as massas laboriosas do mundo inteiro admiram com justo entusiasmo [...] (Voz

Operária, 12 de novembro de 1949)

Os jornais, ao mesmo tempo, afirmavam que os países capitalistas e a burguesia tinham o desejo de derrubar o Estado soviético. Diante desse risco, se reforçava a vigilância dos comunistas diante de um suposto ataque contrarrevolucionário.

Em uma charge (figura 8) muito explícita, está uma estátua da Revolução tendo como personagens um homem e uma mulher. O “casal” segura a foice e o martelo (símbolos do comunismo), e logo abaixo da imensa estátua, a classe dominante tentando derrubar com chutes o monumento.

A charge busca dizer que as massas do mundo inteiro precisavam estar atentas, pois a burguesia não desistiria de seu projeto de derrubada da Revolução Soviética:



Figura 8 – Burguesia tenta derrubar monumento da Revolução Soviética

Fonte: Voz Operária - AMORJ

Somando-se a isso, o Partido alertava os povos simpáticos à Revolução sobre os seus riscos, preocupando-se em mostrar uma representação de superioridade do Estado Socialista. Essa confiança resultava na seguinte conclusão: mesmo que a burguesia tentasse derrubar a revolução, a obra soviética já estava concluída.

Além de explanar um sentimento de conexão mundial dos povos em torno da URSS, os artigos instilavam argumentos que demarcavam solidariedade recíproca entre o proletariado de outros países e a União Soviética.

Como uma espécie de reconhecimento, os trabalhadores precisavam ter devoção à URSS pelo papel que ela cumpriu ao ter lutado, única e exclusivamente, pelos interesses do proletariado.

Nesta nota, Osvaldo Peralva constrói essa linha de raciocínio:

Com o surgimento do Estado Soviético, verificou-se imediatamente e pela primeira vez na história da civilização este fenômeno admirável que tem sido a solidariedade ativa, calorosa inequívoca e recíproca entre a U.R.S.S. e o proletariado do mundo inteiro. [...] Efetivamente foi graças a essa solidariedade que a jovem república dos soviets, agredida pelas forças armadas de 14 países estrangeiros, no mesmo instante em que se empenhava numa rude e sangrenta guerra civil, pôde resistir e vencer seus inimigos internos e externos. [...] As massas revolucionárias dos demais países receberam, por sua vez, um grande impulso, porque a ‘revolução de outubro [...] criou ao mesmo tempo com a primeira ditadura proletária, uma BASE poderosa e aberta para o movimento revolucionário mundial’ (Stálin). Além disso, em numerosas ocasiões, a União Soviética contribuiu decisivamente para a libertação do proletariado de outros países [...] (Voz Operária, 5 de Novembro, de 1949).

O artigo continua, dizendo que existiam dois campos: um campo democrático, em defesa da paz e do socialismo, e um campo imperialista, representado pelos países capitalistas. Os soviéticos argumentavam que a URSS não servia apenas de base para os povos do mundo, mas ajudava a exportar a revolução, sempre auxiliando os interesses e as lutas dos trabalhadores do mundo.

O Partido insuflava os trabalhadores a manterem confiança na URSS, apresentada como o centro do comunismo, o polo consciente do movimento revolucionário.

Não obstante, os soviéticos sabiam que não bastava o apoio externo, seria preciso dispor de uma estrutura armada pronta para usar a força e defender a “fortaleza soviética”. O papel de salvaguarda e protetor das fronteiras do Estado seria outorgado ao Exército Vermelho.

Conforme a concepção do PCB, na década de 1920, no calor da Guerra Civil, a luta desse glorioso Exército ajudou a garantir a vitória para a URSS. O Partido construiu uma linha de argumentação, embasando os motivos que levaram a essa vitória:

A URSS enfrentou e venceu os seus poderosos inimigos externos, em primeiro lugar porque estava defendendo uma causa justa, que era a causa da soberania da pátria, da felicidade de seu povo. [...] A URSS venceu os seus inimigos externos porque o novo regime soube forjar seus quadros para todas as tarefas importantes e urgentes porque era apoiado nas amplas massas e nelas depositava toda a sua confiança. Venceu porque tinha em sua direção um Partido que formou quadros heróicos e abnegados [...] A URSS enfrentou e venceu os inimigos externos porque estava lutando por uma causa que não era apenas a do seu povo, mas a de toda a humanidade (A Classe Operária, 6 de Novembro de 1948).

Esse poderoso e importante exército tinha um diferencial: seus princípios diferiam dos

de um exército capitalista. Uma força armada capitalista servia para oprimir os trabalhadores, já uma socialista tinha o caráter de defender a liberdade e as conquistas da Revolução. Além disso, o Exército soviético havia surgido do próprio seio do povo, encarnava a vanguarda da Revolução, por isso seus homens lutavam com consciência e entusiasmo.

Um artigo deixa clara a importância do exército soviético para os comunistas e para o PCB:

Forjado no fogo de uma luta de libertação de classe oprimidas secularmente, o Exército Soviético foi o primeiro exército do mundo destinado a garantir a emancipação do proletariado, quando em toda a história os exércitos tem sido forças de opressão dos trabalhadores e instrumentos de conquistas. O Exército Soviético, ao contrário, criou-se para defender as fronteiras do primeiro Estado Socialista que conheceu a humanidade, e nesse mister tem se coberto de triunfos e glórias (Voz Operária, 26 de Fevereiro de 1949).

A nota ainda trata de demarcar que os trabalhadores de todo o mundo precisavam respeitar e valorizar as ações do Exército soviético. No intuito de fortalecer esse argumento, a nota aponta que o maior peso da guerra contra o nazismo foi suportado pelos soviéticos.

Ilustrando o rol decisivo do exército soviético, os comunistas citam as expulsões dos alemães da Finlândia, do Norte da Noruega, da Polônia, da Tchecoslováquia e da Iugoslávia.

Eis os méritos desse bravo e corajoso exército:

Mas não são apenas os povos soviéticos os que contraíram dívidas de honra para com o Exército fundado por Lênin e Stálin há 31 anos. Essa dívida é também dos demais povos da terra. Foi graças à resistência indômita, à bravura e o heroísmo dos soldados soviéticos que o mundo se libertou da opressão fascista que o ameaçava. Nada menos de 17 milhões de combatentes soviéticos sacrificaram suas vidas para que a humanidade ficasse livre da ameaça de dominação hitlerista e pudesse prosseguir sua luta contra as demais forças do atraso e do obscurantismo (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Assim, nas ocasiões em que o Exército Vermelho realizou intervenções em outros países, essas operações de forma alguma serviam para oprimir ou reprimir os povos vizinhos. As atividades do Exército Vermelho tinham cunho auxiliar e pacífico, afinal, se tratava de operações realizadas por um exército popular.

Apresentando-a como um país aliado, o PCB definia que a URSS constituía uma Nação defensora dos interesses dos trabalhadores brasileiros e dos povos progressistas.

Com as qualidades e virtudes da URSS, no início da Guerra Fria se tornou unânime para o Partido o juízo de superioridade dos soviéticos:

A União Soviética é hoje, a nação mais poderosa e mais adiantada potência mundial, englobando 200 milhões de habitantes sobre uma superfície de 23 milhões de quilômetros quadrados, estendendo-se das margens do Mar Negro ao Mar Branco, do Báltico ao Oceano Pacífico, em terras da Europa e da Ásia (A Classe Operária, 1 de janeiro de 1952).

Baseados em argumentos que mostravam uma URSS igualitária, pacífica e justa, os comunistas brasileiros constituíram o imaginário do PCB. Esse imaginário apresentava uma Nação equilibrada, racional, consciente, preocupada com a vida, totalmente diferente do desequilíbrio e da fúria dos EUA.

O imaginário servia para dar formação aos próprios comunistas e devia ser apresentado aos brasileiros como contraponto ao imaginário anticomunista e antissoviético. A URSS de Stálin aparecia como a edificação da sociedade imaginada por Lênin, inexistindo diferenças entre o projeto dos “velhos bolcheviques” e a obra de Stálin.

Em virtude desse pensamento conclusivo, os povos do mundo se viam em uma encruzilhada: se estivessem com URSS, a humanidade estava assegurada, se estivessem com os EUA, a civilização corria perigo.

O imaginário do PCB elevou a URSS ao topo de suas crenças, desejos e interesses. Como um produto fabricado, o imaginário se tornou tão forte e contagiante, que defender a URSS passou a ser o esforço mínimo e básico de todo comunista.

Esse mérito, em grande medida, se deu às ações de Stálin, que habilmente conseguiu edificar uma imagem gloriosa do Estado soviético.

Além de governar, o *marechal* provava que tinha habilidade para fazer com que os comunistas acreditassem que o seu governo realmente representava a classe trabalhadora.

Contagiando a consciência de muitos homens e mulheres, Stálin fez com que os comunistas adquirissem uma dívida impagável com a *Pátria do Socialismo*. De certo modo, Stálin confirmava que governar era fazer crer, e os comunistas acreditavam que na URSS de Stálin o socialismo acontecia de fato.

3.3. URSS: a Paz; EUA: a Guerra

Na visão do PCB, a URSS formava o principal polo da luta pela paz mundial, não permitindo nem aceitando a guerra entre os povos. Esse era o conteúdo da política externa soviética, para os comunistas brasileiros. Nesse sentido, toda uma campanha em prol da paz mundial, sempre reiterando que a URSS lutava pela paz, foi construída e difundida pelos

partidos comunistas, incluindo o PCB. Jornais, panfletos, abaixo-assinados, cartazes, broches, reuniões, conferências, todo o tipo de atividade e material foi encaminhado no intuito de fortalecer a noção de que os verdadeiros interessados na guerra eram os países capitalistas. A URSS, longe do interesse destruidor, almejava a paz e a amizade entre os povos.

Em um artigo, Carlos Marighella faz um apelo que ilustra essa ideia:

É preciso lutar pela paz e contra a guerra, saber dizer com firmeza “paz sim, guerra não”. É preciso multiplicar as iniciativas na propaganda pela paz e contra a guerra. Empregando todos os meios ao nosso alcance, devemos ir através da palavra escrita ou da palavra falada, dos volantes aos pequenos comícios, até a mais ampla mobilização de todo o povo (A Classe Operária, 12 de Março de 1949).

Os comunistas afirmavam que sem a redução do número e da produção dos armamentos, sem tornar ilegal a bomba atômica e diminuir as forças armadas, a segurança mundial do planeta estava em risco. Para eles, os EUA agregavam o interesse de levar o globo ao abismo, ao confronto, à agressão e à guerra.

Os estadunidenses desrespeitavam os povos e almejavam apenas o lucro; para piorar, posicionavam-se contra a redução bélica proposta pelos comunistas.

Os comunistas estavam convictos a respeito de um suposto ódio que o imperialismo cultivava contra o Partido. Em uma nota, o PCB afirmou os motivos desse ódio:

Bem, sem dúvida, o motivo principal do ódio imperialista ao nosso Partido, campeão da paz e da democracia no continente. Os provocadores de guerra, os agentes do capital financeiro mais reacionário, já compreenderam que a liquidação do nosso Partido é medida previa sem a qual poderão ser derrotados e desmascarados (A Classe Operária, 22 de Fevereiro de 1947).

O PCB se proclamava defensor da paz e da democracia, políticas que entravam em consonância com as diretrizes soviéticas. Nesse sentido, esse “ódio” do imperialismo, principalmente dos EUA, tornou-se inevitável.

Para defender os paradigmas comunistas, as críticas contra os EUA e os países imperialistas se endureciam. Para o PCB, esses países eram provocadores, tinham como meta prejudicar o processo de pacificação do globo. Os países imperialistas se tornavam vilões de guerra, pois rejeitavam as medidas pacíficas apresentadas pela URSS. O principal inimigo imperialista do PCB foram os EUA.

Não obstante, em relação aos EUA, é interessante observar que o PCB fazia uma diferenciação entre o governo do Presidente Roosevelt e o do Presidente Truman. O PCB via no presidente Roosevelt um homem que se empenhou para estabelecer e manter a paz entre as

grandes potências. Roosevelt não teria explorado as diferenças entre os países, buscou estabelecer um denominador comum para alcançar a paz. O Partido, inclusive, sustentava que a Grande Aliança havia sido benéfica não só para a derrota do nazismo, mas também para pacificar o mundo do pós-guerra.

Segundo o Partido, as nações estabeleceriam um pacto permanente:

Foi a obra gigantesca dos três maiores estadistas de nossa época – o Presidente Roosevelt, o primeiro-ministro Churchill e o *Marechal* Stálin. Graças a eles e à consciência esclarecida de seus povos não tiveram resultado durante a guerra as manobras e tentativas divisionistas dos hitleristas e de todos os seus agentes espalhados pelo mundo [...] É que a aliança das três grandes nações se baseava, não em motivos acidentais ou temporários, mas em interesses vitais e permanentes [...] que asseguram, agora, mais do que antes, a possibilidade de que elas continuem juntas para a paz, para o período histórico que se inicia no desenvolvimento pacífico para os povos do mundo inteiro (PRESTES, Luís Carlos. União Nacional para a democracia e o progresso 23.05.1945).

Truman, ao contrário, é visto como um presidente que desenvolvia uma política antiunitária e era um verdadeiro defensor do militarismo.

Os motivos dessa substancial diferença são apontados pelo PCB:

Roosevelt era um representante da burguesia progressista norte-americana e Truman se transformou num porta-voz dos monopólios da Wall Street (A Classe Operária, 12 de abril de 1947).

Outras demarcações entre as diferenças dos presidentes aparecem – por exemplo, a relação dos presidentes com o “fascismo”. Para o PCB, Roosevelt

[...] se bateu pela fórmula de “rendição incondicional” dos Estados exístas e declarou que “não poderá haver paz, enquanto sobreviver um vestígio de fascismo no mundo” (A Classe Operária, 12 de abril de 1947).

Já sobre a política de Truman, afirmou o PCB que

[...] se orienta em sentido contrário, no sentido de proteger e alimentar os vestígios de fascismo, a fim de utilizá-los como focos de provocações guerreiras (A Classe Operária, 12 de abril de 1947).

Sobre as políticas internas dos EUA, Roosevelt era visto como um político progressista:

Não desconheceu os problemas do proletariado e procurou aplicar a ação do Estado no sentido de aliviar a situação de insegurança e miséria das massas trabalhadoras.

Era um dos seus objetivos promover uma política de bem estar social no pós-guerra, colocando os preços ao nível do poder aquisitivo do povo. Por isso, Roosevelt contou sempre com a hostilidade do capital financeiro mais reacionário (A Classe Operária, 12 de Abril de 1947).

Truman é o oposto:

[...] está fazendo claramente a política do capital financeiro mais reacionário, permitindo a elevação dos preços, sufocando as greves, defendendo leis de cerceamento das liberdades sindicais, desencadeando, em aliança com fascistas notórios, uma campanha anticomunista (A Classe Operária, 12 de abril de 1947).

Por fim, o PCB demarca as diferenças no campo da política externa.

Para os comunistas, Roosevelt

[...] lutou para tirar da política da “boa vizinhança” o caráter imperialista que a caracterizou desde o início. Roosevelt substituiu a diplomacia do dólar pelo entendimento amistoso com as nações latino-americanas e é inegável que, graças em parte a sua orientação, a colaboração com os Estados Unidos para vencer a guerra se transformou numa exigência das próprias massas das nações latino-americanas (A Classe Operária, 12 de abril de 1947).

Truman, além de renegar a política de “boa vizinhança” de Roosevelt,

[...] se empenha abertamente na colonização dos países do continente americano advogando um plano de pretensa “defesa do hemisfério”, que, na verdade objetiva submeter as forças armadas latino-americanas ao Estado Maior de Washington, o qual, então, seria Senhor absoluto de qualquer decisão. A política de Truman tem um caráter imperialista não só na América Latina, como em todos os continentes [...] (A Classe Operária, 12 de abril de 1947).

Destarte, a política externa dos EUA recebeu uma diferenciação por parte do PCB, afinal, o Partido estabeleceu caracterizações distintas a respeito de Roosevelt e de Truman. Por isso é possível sustentar que os duros embates do PCB contra os EUA, no alvorecer da Guerra Fria, se deram durante o governo de Truman.

Quanto à política externa dos EUA em relação ao Brasil durante o governo Truman, o PCB entendia que os EUA interviam diretamente nos negócios internos brasileiros:

A intervenção norte-americana vem sendo habilmente disfarçada com a mais intensa atividade dos agentes do imperialismo que mobilizam sua poderosa máquina de propaganda, criam e difundem as mais despidoradas teorias destinadas a anestesiar a sensibilidade patriótica da nação, a preparar um clima de aceitação para os repetidos atentados à nossa soberania (Revista Problemas, agosto/setembro 1948).

Contrários a esse governo, os comunistas alardeavam o risco de uma nova guerra preparada pelos EUA, a Terceira Guerra Mundial. Para impedir um novo conflito, tornava-se necessário derrotar a ótica do ódio e da rapina, características típicas do imperialismo. Apenas assim o mundo se entregaria aos deslumbramentos da paz e do conforto.

O medo de uma nova guerra mundial foi levantado inicialmente pelos soviéticos, mas os comunistas de todo o mundo difundiram esse risco. Em um artigo do PCB, logo após o fim da II Guerra, o Partido afirma que a imprensa estadunidense e seus satélites preparavam a opinião pública para uma nova guerra.

Os comunistas acusavam a grande imprensa de, usando diversos meios de comunicação (jornais, rádio, cinema, revistas), promover uma campanha psicológica. Essa campanha justificaria a corrida armamentista e as ações expansionistas do imperialismo. O intuito almejava ainda insuflar a ideia de um possível ataque soviético contra os EUA.

A fúria dos EUA em promover uma guerra rápida e eficiente contra essa suposta ameaça dos soviéticos gerava o risco de uma nova ameaça, uma nova guerra. Tratados como provocadores, imperialistas, chantagistas e violadores, os EUA se tornavam o principal alvo externo do PCB, que chegava a comparar Truman a Hitler.

Na charge seguinte (figura 9) estão algumas das acusações do Partido contra Truman e os EUA:



Figura 9 – As semelhanças de Hitler e Truman

Fonte: Voz Operária - AMORJ

Contrapondo-se ao belicismo dos EUA, a URSS arriscava seus esforços na luta pela

consolidação da paz mundial, considerada a política externa oficial e obrigatória dos soviéticos. Em um artigo, Luiz Carlos Prestes desenvolve esse raciocínio:

Desde as suas origens, sempre lutou [a URSS] incessantemente e vigorosamente pela paz, não somente para si, mas para todas as nações. É através da construção do socialismo na grande União Soviética que mais eficientemente ajudam os seus povos ao proletariado do mundo inteiro e a todos os povos oprimidos a se libertarem do jugo capitalista, E, como é claro, a construção do socialismo exige uma paz firme e duradoura.

A luta enérgica em favor da paz constitui por isso a base da política exterior soviética (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Em outro artigo, os comunistas noticiam as diversas tentativas de Stálin em promover um acordo de paz com Truman, porém todas as suas propostas eram rejeitadas:

Nada menos de 3 propostas de conversações de paz foram feitas nos últimos dois anos pelo generalíssimo Stálin. Sobre as duas primeiras, os governantes americanos e ingleses silenciaram. Em relação à última proposta de Stálin, que data de 30 de janeiro, Truman e seu secretário de Estado, Acheson, responderam negativamente, recusando qualquer pacto de paz. A psicose bélica deve ser mantida, para que os imperialistas norte-americanos possam prosseguir em sua política de agressão, de dominação econômica e imposição de governo, de construção de bases militares, criando condições para a deflagração de uma nova guerra que lhes daria o império sobre todos os povos. A Classe Operária, 26 de Novembro de 1949.

Consequentemente, quem resguardava a vocação de promover a paz eram os soviéticos; os estadunidenses, ao contrário, promoviam e desejavam a guerra.

As participações da URSS nas assembleias gerais da ONU, depois do fim da II Guerra, sempre recebiam apreciações pelos comunistas. O PCB repetia o empenho da URSS em sugerir encaminhamentos pacíficos para os dramas da humanidade. A URSS se apresentava como uma Nação que brindava o mundo com brilhantes intervenções humanistas na ONU. O povo brasileiro recebia a convocação dos comunistas para empunhar as mesmas bandeiras apresentada pelos soviéticos.

O trecho a seguir evidencia esse ponto de vista:

A luta, liderada pela URSS, que se trava em defesa da paz na Assembleia Geral da ONU, é também uma luta do povo brasileiro. Precisamos, por isso, nos empenhar ativamente no combate à guerra, a fim de impedir que o nosso povo sirva de carne de canhão em benefício dos trustes e monopólios de Wall Street e da City. A atitude da URSS na ONU em defesa da paz é um exemplo para todos e a redução de um terço, durante um ano, de todas atuais forças terrestres navais e aéreas dos EE.UU., Grã-Bretanha, União Soviética, França, e China e a proibição das armas atômicas, constitui sem dúvida um grande objetivo para a consolidação da paz para todos os povos (A Classe Operária, 2 de Outubro de 1948).

O PCB ainda acusava os EUA e os países capitalistas de investirem somas altíssimas nos gastos militares, mas investirem pouco em programas sociais. Nos países comunistas, a lógica era o contrário, pois as despesas sociais é que eram mais elevadas.

Na tabela (tabela 1) a seguir, podemos ver essa comparação.

Tabela 1 – Índice comparativo das despesas militares e sociais dos países capitalistas e socialistas:

Capitalistas	Despesas Militares	Despesas Sociais	Socialistas	Despesas Militares	Despesas Sociais
Estados Unidos	38%	5%	União Soviética	19%	37%
Inglaterra	27%	4,8%	Tchecoslováquia	9%	29%
França	35%	8%	Polônia	17%	27%
Espanha	62%	1,4%	Bulgária	10%	27%
Brasil	42%	9%	Hungria	12%	35,5%

Fonte: Voz Operária, 1949.

No entanto, cabe ressaltar que a URSS também investia de forma pesada em gastos militares. Outra questão relevante é o fato do país também ter o domínio da bomba atômica (Revista Problemas, Outubro de 1951).

Com um imaginário pacifista, a URSS não representava obstáculos à paz mundial, a verdadeira trava estava nas barreiras impostas pelos EUA. Dessa forma, a URSS era vista como uma Nação amante da paz, construtora de uma nova ordem social e econômica que privilegiava o trabalho em contraposição ao capital.

3.4. Dois Campos, dois mundos

O PCB reconheceu a existência de um confronto direto entre os EUA e a URSS, como também adquiriu noção da importância de se posicionar publicamente a favor dos soviéticos. Essa conclusão ocorreu antes do alvorecer da Guerra Fria, pois a existência de um Estado socialista, antítese de um Estado capitalista, ajudava a inspirar esse arremate. Na Guerra Fria, o embate apenas ganharia novas feições, pois antes da Guerra Fria o PCB já denunciava a

política imperialista dos EUA. Com a manutenção do reconhecimento de uma larga diferença de projeto entre a URSS e os EUA, o PCB passou a anunciar essas contradições.

Não obstante, o que se constata é que, nesse contexto bipolar, o PCB não se utilizou efetivamente do termo “Guerra Fria” para denominar as diferenças entre os EUA e a URSS. Uma atenta leitura dos dois periódicos estudados, do período de 1946 a 1953, mostra que o Partido não se preocupou em usar o termo.

Nota-se maior recorrência do uso de artigos como “Dois Mundos”, demarcando as diferenças entre os EUA e a URSS, “Estilo de vida norte-americano”, denunciando as limitações da vida no centro do capitalismo. Podem ser encontradas, ainda, notas específicas que fazem referência aos acontecimentos e decisões dos EUA. As notas sempre criticam e recriminam o que o país propunha e pensava do mundo. Abaixo, aparece o raro caso em que o PCB utiliza o termo Guerra Fria:

Os imperialistas norte-americanos e seus sócios forjam pactos militares, oficializam a “guerra fria” contra a U.R.S.S. e as Democracias Populares, impedem a redução dos armamentos e forças armadas proposta pela União Soviética na O.N.U., rejeitam a ilegalização da bomba atômica, arma de agressão, tratam enfim de criar um clima propício à expansão mundial do imperialismo ianque (A Classe Operária, 26 de novembro de 1949).

É muito mais recorrente a noção de existência de dois campos opostos: de um lado, a Pátria do socialismo, do outro, o país do capitalismo:

Os dois campos em que hoje se divide o mundo assumem assim contornos cada dia mais nítidos – de um lado os que lutam pela paz, o progresso e a democracia, de outro, as forças da reação e do imperialismo, que querem a guerra, que precisam da guerra, que se sentindo já condenadas pela história, desesperam diante do espectro de um fim inevitável (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Talvez os comunistas não utilizassem o termo Guerra Fria por acreditarem que a bipolaridade nascia como um processo decorrente do surgimento do Estado soviético. O que talvez realmente interessasse para o PCB era o conteúdo, no caso, os antagonismos inevitáveis entre os dois países.

O PCB seguiu a noção desenvolvida por Jdanov, de dois campos divididos no pós-guerra: um imperialista/antidemocrático e um anti-imperialista/democrático.

No documento intitulado “Pela Paz, a Democracia e a Independência dos Povos”, Jdanov definiu o campo imperialista assim:

Os Estados Unidos são a principal força dirigente do campo imperialista. A

Inglaterra e a França atuam junto aos Estados Unidos, e a existência de um governo trabalhista Atlee/Bevin na Inglaterra e de um governo socialista: Ramadier na França, não impedem à Inglaterra e à França de seguirem em todas as questões principais os rastros da política imperialista dos Estados Unidos, na qualidade de seus satélites. O campo imperialista é sustentado também pelos Estados coloniais, como a Bélgica e a Holanda, pelos países de regime reacionário e antidemocrático como a Turquia e a Grécia, e também pelos países dependentes, política e economicamente dos Estados Unidos, como o Oriente Próximo, a América do Sul, a China (Revista Problemas, Outubro de 1948).

O campo anti-imperialista é definido da seguinte maneira:

As forças antiimperialistas e antifascistas formam o outro campo. A URSS e os países da nova democracia são as suas pilastras. Fazem parte deste campo também os países que romperam com o imperialismo e que se puseram resolutamente sobre a estrada do desenvolvimento democrático, como a Romênia, a Hungria, a Finlândia. Ao campo antiimperialista aderem a Indonésia, o Vietnã, e com eles simpatizam a Índia, o Egito e a Síria. O campo antiimperialista apóia-se no movimento operário democrático, nos Partidos Comunistas irmãos em todos os países, nos combatentes do movimento de libertação nacional nas colônias e nos países dependentes, sobre todas as forças progressistas democráticas que existem em cada país (Revista Problemas, Outubro de 1948).

Em relação à impossibilidade da URSS de conviver com o capitalismo, Jdanov tranquiliza dizendo que:

A política exterior soviética tem como pressuposto a coexistência, por um longo período, de dois sistemas: o capitalismo e o socialismo. Daí deriva a possibilidade de cooperação entre a URSS e os países que têm um outro sistema, sob a condição de que seja respeitado o princípio de reciprocidade e que sejam obedecidos os compromissos tomados. É sabido que a URSS sempre foi e continua fiel aos compromissos assumidos. A União Soviética demonstrou a sua vontade e o seu desejo de cooperação (Revista Problemas, outubro de 1948).

O oposto ocorria com os EUA:

A Inglaterra e a América conduzem, na Organização das Nações Unidas, uma política completamente oposta. Elas fazem tudo para se subtrair aos compromissos assumidos anteriormente, afim de ter as mãos livres para conduzir uma nova política fundada, não sobre a colaboração entre os povos, mas tendente a colocar uns contra os outros, a violar os direitos e os interesses dos povos democráticos e a isolar a URSS (Revista Problemas, Outubro de 1948).

Estabelecendo a superioridade da URSS, tanto em projeto quanto em importância, o PCB avaliava que a derrota do capitalismo e dos EUA seria uma questão de tempo. A história teria aberto seus braços afetuosos aos soviéticos, fechando-se para os estadunidenses.

O PCB reproduzia artigos de dirigentes e intelectuais da URSS, outras vezes

readequava-os nas páginas dos jornais, no intuito de atestar a superioridade soviética. Nesse marco, o pós-guerra na URSS desconhecia o desemprego, a fome, as crises econômicas, o fechamento de empresas, a quebra de agricultores, temores e inseguranças, apresentados como característicos de uma Nação capitalista. As crises apareciam como tormentos cíclicos que aconteciam inevitavelmente nos EUA. Na URSS, diferentemente desse alarme, reinava a segurança e a prosperidade:

Nos países capitalistas, a transição da guerra para a paz, vem invariavelmente, acompanhado de uma brusca redução do mercado, de uma diminuição do nível de produção, do fechamento de empresas e do aumento do desemprego. Somente os povos soviéticos desconhecem semelhante fenômeno. Na URSS não existe anarquia de produção inerente ao capitalismo, causa da sucessão de períodos de “apogeu” e crises que abalam até os alicerces de todo o sistema de economia e suscitam entre os trabalhadores uma permanente insegurança em face do dia de amanhã (A Classe Operária, 29 de março de 1947).

Codificando a visão soviética a respeito das diferenças entre os EUA e a URSS, o PCB condenou os EUA e reverenciou a URSS. A visão soviética buscava demonstrar um mundo melhor na URSS do que nos EUA, e o PCB se apropriou desse imaginário.

Um pôster soviético (figura 10) ajuda a elucidar essa visão. Na imagem, os EUA aparecem como uma Nação cinzenta; no plano de fundo está a figura da Estátua da Liberdade, que, contraditoriamente, não garante isso ao povo. Já na imagem da URSS, as pessoas aparecem sorrindo, felizes e unidas:



Figura 10 – Sob o capitalismo, Sob o socialismo!

Fonte: www.communisme-bolchevisme.net

Os comunistas ainda elaboravam analogias sobre o conflito dos dois países.

Por exemplo, em diversos casos aparece uma comparação do conflito com uma corrida de automóveis. Nessa corrida, a URSS sempre surge andando pra frente, de forma veloz e confiante, já os EUA, sempre dando marcha à ré, na busca de recuperar a sua posição.

Penetrando nas comparações entre os EUA e a URSS, existe uma intensa campanha pró-soviética desenvolvida pelo PCB. Os artigos são incisivos na disputa da consciência de seus leitores.

Ininterruptamente, dados e diferenças colossais são apresentados. A URSS aparece como uma potência que não para de crescer e se desenvolver, numa espécie de evolução ininterrupta. Em contraposição, os EUA são mostrados como uma Nação exaurida, deficiente, preconceituosa, egoísta, individualista e impetuosa.

Nessa disputa, consagrava-se o velho paradigma do bem contra o mal. Se a URSS queria o bem, os EUA evocavam o mal. Quando se configurava um conflito de interesses, o PCB, nesse jogo, posicionava-se claramente ao lado da “fortaleza soviética”.

Para ilustrar essa rivalidade estampada nas páginas dos periódicos do PCB, existem trechos dos temas e comparações trabalhados nos artigos. A intenção textual visa colocar a visão da URSS e, logo depois, a dos EUA.

No tocante a desemprego, no imaginário dos comunistas, esse fato não existia na URSS, foi uma criação do universo capitalista, um flagelo típico de uma sociedade que privilegiava a competição cruel.

Na República dos Sovietes, o mundo do trabalho aparecia assim:

Em dezembro de 1948, os países membros da O.N.U. fizeram uma comunicação a essa organização sobre a utilização da mão de obra em seus respectivos territórios. A U.R.S.S. anunciou a inexistência de desemprego entre os povos soviéticos e sua estabilidade econômica (A Classe Operária, 12 de Março de 1949).

Nos EUA, o mundo era o do desemprego:

O governo dos Estados Unidos anunciou à O.N.U. a existência de 2 milhões de desempregados. Em Janeiro e fevereiro essa cifra subiu para 3.250.000. Existem também mais de 8 milhões de trabalhadores que só conseguem trabalhar durante 2 ou 3 dias por semana (A Classe Operária, 12 de Março de 1949).

Em outros trechos relativos ao desemprego, o PCB se apoia nos êxitos dos planos Quinquenais de Stálin. No intuito de justificar a ausência de desemprego, o trabalho se tornava sagrado:

Na URSS não existe o desemprego. A produção socialista exige sempre mais Mao de obra do que o já existente. Desde o primeiro plano Quinquenal a economia soviética eliminou totalmente o desemprego (Voz Operária, 10 de Setembro de 1949).

Quem supusesse que a II Guerra Mundial teria prejudicado o emprego na URSS, estaria enganado. Todos os ex-soldados haviam se reabilitado imediatamente em trabalhos pacíficos, portanto, ninguém estava desempregado.

Essas são as descrições confiantes dos comunistas diante das realizações de três planos Quinquenais. Em contraposição ao que ocorria na URSS, o PCB apresenta alguns dados a respeito do emprego nos EUA. A nota se apoia em informações do jornal *Wall Street Journal*:

Nos Estados Unidos existem atualmente mais de 15 milhões de sem trabalho totais e parciais. A crise econômica em marcha aumentara ainda mais o número de desempregados forçados (Voz Operária, 10 de Setembro de 1949).

O Partido argumenta que o capitalismo apresenta contradições inquebráveis, pois é o caráter social da produção e da apropriação da riqueza que estaria errado. No capitalismo, o princípio da sociedade paira sobre o individual, o desemprego massivo só vem a se atenuar nas guerras, pois o ritmo da produção é acelerado e ampliado. Desse modo, os países capitalistas aplicaram um modelo perverso: criaram exércitos de reserva, empregaram crianças, mulheres e negros com salários inferiores, demitiram trabalhadores. Essas medidas drásticas eram aplicadas para garantir mais lucro à burguesia.

O emprego pleno, para o PCB, havia se tornado uma lei na URSS, porque a economia socialista não conhecia crises. Sem privilegiar a propriedade privada, a URSS não sofria de desemprego, já que a mão-de-obra sempre era necessária e valorizada. O ritmo desenfreado do país ajudava a manter os trabalhadores empregados, pois novas oficinas e fábricas, minas de carvão e poços de petróleo eram abertos, gerando trabalho para quem precisava.

Na mesma lógica de superioridade, o PCB noticiou com felicidade que o poder de compra de um cidadão soviético era infinitamente superior ao de um estadunidense. O Partido sugere uma preocupação resoluta do Estado soviético com a vida da população:

As baixas de preços determinadas pelo governo da URSS, depois da guerra, determinaram uma economia de 157 bilhões de rublos (785 bilhões de cruzeiros) para os consumidores soviéticos, o que significou maior poder de compra do rublo (Voz Operária, 10 de setembro de 1949).

Situação diferente se vivia nos EUA:

Nos EE.UU. o custo de vida sobe constantemente. Entre 1945 e 1948 enquanto os preços subiram 37,5%, os salários aumentaram apenas 13,4%. Quer dizer, os salários dos trabalhadores caíram 24% (Voz Operária, 10 de setembro de 1949).

Na URSS, o que é ruim diminuiu, o que é sadio aumentou, eis o que havia acontecido com a renda nacional do país. A renda nacional da URSS não cessava de crescer. Para o PCB, “entre 1928 e 1940, a renda nacional da União Soviética aumentou mais de 5 vezes” (Voz Operária, 18 de março de 1950).

Nos EUA, o contrário se tornava verdadeiro, segundo o PCB. O que era negativo aumentava o que era positivo diminuía: “Entre 1930 e 1938, a renda nacional dos Estados Unidos caiu em cerca de 133 bilhões de dólares em relação ao ano de 1929” (Voz Operária, 18 de março de 1950).

Um país que não desampara a população, do mesmo modo não a discrimina, é o que os comunistas apresentavam em relação às diferenças nacionais e raciais. Na URSS, existia respeito à diversidade étnica e racial, segundo a visão dos comunistas.

Esse levantamento pretendia fazer uma crítica direta aos EUA, em virtude do seu forte preconceito, segregação racial e assassinatos de negros. O racismo nos EUA era um fato que prejudicava a imagem do país, já que os estadunidenses pregavam a liberdade, a igualdade e a democracia, mas na prática, conviviam com a mácula do racismo.

O PCB se aproveitava disso para acusar os EUA de promoção do racismo: “no exército os negros são divididos em regimentos de negros e de brancos, os cientistas, artistas e intelectuais negros são perseguidos” (A Classe Operária, 12 de março de 1949).

Para ilustrar esse drama, o Partido citou o caso do cantor negro Paul Robeson, que enviou seu filho para ser educado na União Soviética, pois fora vítima de racismo. Distante dos EUA, seu filho seria respeitado e valorizado, pois nos EUA - afirmava o Partido - “os negros são perseguidos e vivem isolados como cães leprosos” (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Outro trecho ajudava a descrever essa realidade:

O Bureau Censitário do governo norte-americano acaba de revelar que os salários médios das famílias “de cor” estão 50 por cento abaixo dos salários das famílias brancas. O jornalista John Guother informa que num ghetto negro de Chicago há um aparelho sanitário para 30 famílias (A Classe Operária, 12 de Março de 1949).

O contraponto a essa realidade acontecia na URSS:

Na U.R.S.S., todos os cidadãos, qualquer que seja sua origem nacional ou racial, têm os mesmos direitos nos domínios da vida econômica, social, cultural, política e administrativa. A lei pune com crime a discriminação direta ou indireta os cidadãos (A Classe Operária, 12 de março de 1949).

Ademais, o preconceito não se dirigia apenas a negros. Os judeus também eram vitimados. Os comunistas chegam a comparar o racismo existente nos EUA com o praticado na Alemanha nazista. Inclusive outras nacionalidades, como os próprios brasileiros, também sofriam esse drama, pois eram tratados como pessoas de raça inferior.

O Partido ainda alude aos casos das restrições que os EUA realizaram. dois exemplos significativos apresentados foram a proibição da entrada no país do arquiteto Oscar Niemeyer e a prisão da cientista francesa Irene Joliot Curie.

Até o movimento estudantil foi alvo de repressão no país. Numa nota, os comunistas alegam que os estudantes “são impedidos por lei de reclamar qualquer coisa. Para poderem viver têm que lavar pratos em restaurantes e hotéis” (Voz Operária, 13 de Maio de 1950).

As mulheres, igualmente eram vitimadas pela discriminação nos EUA, o machismo imperava e se usava das diferenças de gênero para operar a opressão. A mulher se restringia a seu lar e aos afazeres domésticos, como também recebia menores salários:

Em 39 dos 48 Estados dos Estados Unidos não há qualquer lei prevendo a igualdade de salários entre o homem e a mulher para um mesmo serviço (Voz Operária 22 de abril de 1950).

Da mesma forma, a participação feminina na política era diferente da do homem e acontecia com maior inferioridade para os comunistas:

[...] Num total de 531 membros do Congresso, existem somente 9 mulheres, nenhuma de cor embora haja nos Estados Unidos 15.000 milhões de negros (Voz Operária 22 de abril de 1950).

Na URSS, a realidade se contrastava com a dos EUA. Os salários pagos às mulheres eram iguais aos dos homens. As mulheres tinham garantido pela constituição soviética esse direito. Já na política, as mulheres marcavam presença mais significativa do que nos EUA:

entre 1.339 deputados ao Soviet Supremo (1946) contavam-se 277 mulheres, 116 no Soviet da União e 161 no Soviet das Nacionalidades (Voz Operária, 24 de abril de 1950.)

O preconceito existente nos EUA ganhava desdobramento nos direitos democráticos da população. O país dos soviéticos, forma de regime tida como democrática, era postulado

como um governo que garantia de fato a participação popular.

Os comunistas se vangloriavam dizendo que a URSS era “a maior democracia do mundo”. Lá as pessoas tinham garantidas as liberdades de palavra, de imprensa, de reunião, de realizar comícios, desfiles e manifestações de rua. Para extravasar as suas opiniões, a população ainda dispunha de imprensa, papel e edifícios públicos, dispostos para garantir o exercício desses direitos.

Diferentemente disso, nos EUA a democracia se escondia: “está baseada na propriedade da terra, das fábricas e usinas e demais meios de produção”; era uma democracia que permitia a reação imperialista, promovia a guerra e a rapina.

Referindo-se à liberdade de imprensa, os comunistas afirmam que nos EUA esse direito era vetado, pois a “Associação Nacional de Indústria e outros grupos influentes controlam 80% da Radia-difusão e 85% da imprensa no país” (Voz Operária, 24 de abril de 1950).

Para Orlando Figes, um historiador contemporâneo, a URSS não permitia que os cidadãos pudessem usufruir da democracia e da liberdade de expressão. Na URSS, segundo Figes, as pessoas

Aprendiam a levar vidas duplas, ocultando dos olhos e ouvidos de vizinhos perigosos, e às vezes até mesmo dos próprios filhos, informações e opiniões, crenças religiosas, valores e tradições familiares e modos de existência privada que iam contra as normas públicas soviéticas. Elas aprenderam a sussurrar (FIGES, 2010, p. 26).

Um dos meios de a população expressar as suas opiniões foram os diários. Para Figes, “manter um diário era uma maneira de esculpir um mundo privado isento da hipocrisia, de manifestar as próprias dúvidas e temores em um período no qual era perigoso falar” (FIGES, 2010, p. 307).

Quando se refere ao direito de votar, os comunistas são incisivos: na “democracia do dólar”, não existe sufrágio universal:

Menos de um terço da população norte-americana vota. Três quartas partes da população negra, que totaliza 15 milhões não tem direito a voto. No ano passado, Robert Mallard, negro da Georgia, foi linchado depois de ter votado (A Classe Operária, 12 de março de 1949).

Na URSS, o direito ao voto aparecia como um princípio:

Os povos conquistaram o direito de voto para todos os cidadãos, homens e

mulheres, maiores de 18 anos (A Classe Operária, 12 de março de 1949).

No contexto da Guerra Fria, o *Estilo de Vida Americano* foi alvo de chacota, ironia e crítica dos comunistas. As passagens sempre visavam debochar e demonstrar uma vida decadente das pessoas que viviam o *American Way of Life*.

Numa curiosa descrição, sobre a filha do presidente Truman, sente-se o clima dessas críticas: “Margaret, uma das piores cantoras do mundo, segundo os críticos americanos só consegue cantar porque seu pai é presidente dos Estados Unidos” (Voz Operária, 13 de Maio de 1950).

Para consolidar ainda mais um imaginário negativo dos EUA, os comunistas chegaram a descrever a viagem de um engenheiro soviético ao país. Depois do seu retorno, o PCB informou a descrição feita pelo engenheiro a respeito das condições de vida dos operários norte-americanos.

Segundo a nota, o engenheiro afirmou que nos EUA não existia proteção ao trabalhador, pois muitos acidentes de trabalho aconteciam. Além disso, os trabalhos degradantes desmotivavam os operários e não abriam nenhuma esperança de vida (Voz Operária, 13 de maio de 1950).

Outras críticas encontradas na visão do PCB se referem à prostituição e à homossexualidade. Como males, aparecem como duas feridas abertas dos EUA. Sobre a prostituição, o PCB denunciou que ela circulava até nos meios escolares:

Segundo o Dr. Bruce Robinson, psiquiatra da cidade de Newark, nos Estados Unidos, existem atualmente entre as quinze mil universitárias de Newark, 8,750 moças que já tiveram relações sexuais. Cento e cinquenta estão grávidas. Nessa, como nas demais universidades, reina a mais completa depravação (Voz Operária, 10 de Junho de 1950).

O PCB demonstrava uma visão contrária à liberdade sexual. Comparando liberdade sexual com prostituição, o Partido demonstra seu interesse em criticar o capitalismo dos EUA a qualquer preço.

Em relação à homossexualidade⁵², o Partido também condena esse tipo de orientação. Em outra nota sobre o *Estilo de Vida Americano*, o PCB se alarma a respeito da existência e do aumento de homossexuais no governo de Truman:

⁵² A homossexualidade e o aborto, após 1930, foram criminalizados pelo Estado Soviético. Houve um retorno à vida sexual convencional, puritana, valorizando-se a monogamia e a família (FIGES, 2010, p. 206).

A homossexualidade entre os funcionários do governo Truman está tomando o caráter de uma epidemia. Foi por isso que a Comissão de Verbas do Senado aprovou por unanimidade uma proposta para a realização de ‘completa investigação em torno da epidemia de homossexualidade entre funcionários federais’. Os funcionários americanos, por sua vez, alegam que a investigação deveria começar pelo próprio senado (Voz Operária, 10 de Junho de 1950).

O Partido buscava mesclar esses assuntos com a ideia de “anarquia” e “desequilíbrio” que vivia o centro do capitalismo. Todas as esferas da sociedade estadunidense estavam fracassadas: a família, o Estado, as relações humanas. Tudo para os comunistas nos EUA era desorganizado, transtornado e improvisado.

Do mesmo modo, a criminalidade foi outra marca insignificante na União Soviética. O Partido afirmava que seus índices eram inferiores às médias de quaisquer outros países.

Quando um cidadão soviético cometia algum crime, ele era encaminhado para um centro de reeducação e posteriormente se reintegrava à vida social. Nos EUA as cadeias eram criticadas pelo aumento de presos que superlotavam as prisões.

No campo econômico, a eficácia e o crescimento estavam presentes na “fortaleza soviética”: a agricultura sempre vivia momentos de fartura em suas colheitas, o comércio não desistia de florescer e a indústria não cessava seu patente desenvolvimento.

Afirma o PCB que o comércio nos Estados Unidos não parava de sofrer influxos, mesmo privilegiando a disputa. Para os soviéticos, os solavancos da economia capitalista refletiam a falta de planejamento desse tipo de sociedade.

Os comunistas informavam que a indústria dos Estados Unidos vivia constantes quedas e retrocessos:

entre outubro de 1948 e outubro de 1949, a produção industrial dos Estados Unidos caiu 22%”, já na pátria rival, “a produção industrial da União Soviética aumentou 20% em 1949 comparativamente a 1948 (Voz Operária, 4 de abril de 1950).

Na agricultura ocorria o mesmo: a disponibilidade da tecnologia, o uso adequado da terra, a habilidade e empenho dos soviéticos na produção de alimentos surgiam como marcas indeléveis da agricultura comunista. O Partido noticiava com orgulho:

o “aumento das colheitas este ano [1950] foi conseguido não somente por ter aumentado a superfície cultivada da terra em 6 milhões de hectares, como também pela mecanização cada vez maior da agricultura soviética, o que possibilita maior rendimento dos cultivos (Voz Operária, 11 de Novembro de 1950).

Nos Estados Unidos, os comunistas até reconheciam que as colheitas eram grandes, no

entanto, elas não beneficiavam os trabalhadores:

A fim de manter os preços elevados, os monopolistas destroem quantidades enormes de comestíveis, enquanto milhões de trabalhadores não podem matar a fome. É que nos países capitalistas os camponeses não trabalham na sua própria terra, mas em terras dos grandes fazendeiros (Voz Operária, 11 de Novembro de 1950).

Mesmo com muitas diferenças estatísticas e substanciais, o Partido insistia em afirmar que a contradição essencial não estava apenas nos números, mas no princípio de cada regime. A apresentação dessa diferença pode ser vista na seguinte sentença de um artigo do Partido. Na União Soviética,

os lucros das empresas – fábricas, fazendas coletivas, etc. – revertem em benefício dos trabalhadores e de todo o povo soviético. Convertem-se integralmente em novos e gigantescos empreendimentos para a edificação do Estado socialista e a passagem à sociedade comunista. Esses lucros significam mais escolas, hospitais, casas de descanso, colônias de férias, assistência médica de graça, ensino gratuito (Voz Operária, 10 de Junho de 1950).

A racionalização do regime explicava o suposto êxito do sistema soviético:

a planificação econômica – só possível nos países socialistas – assegura o desenvolvimento constante, a melhora da vida dos trabalhadores e do povo de ano para ano (Voz Operária, 10 de Junho de 1950).

O PCB persistia em reafirmar que o orçamento do Estado soviético destinava-se às obras sociais. Esse orçamento tinha como objetivo o aumento do bem-estar do povo e o fortalecimento econômico do Estado socialista.

A contraposição ao que acontecia nos EUA buscava ser pedagógica e convincente:

Nos países capitalistas, os lucros vão para a mão de uma minoria de exploradores e opressores da classe operária. Enquanto os salários dos trabalhadores caem de ano para ano, esses lucros aumentam. Nos Estados Unidos, no ano passado, os trustes obtiveram 7 por cento de lucros mais do que em 1948 de cerca de 50 por cento, como a General Motors (Voz Operária, 10 de junho de 1950).

Os EUA aparecem nos jornais do Partido como a sociedade do desperdício, da rapina, da controvérsia: “as crises econômicas – com seu cortejo de desemprego em massa, fome e miséria generalizadas – são inatas ao regime capitalista” (Voz Operária, 10 de junho de 1950).

Com a ambição de favorecer o lucro da burguesia, as ações imperialistas se desenvolviam nos EUA contra os outros países, acionadas para a obtenção de matérias-primas, finanças e riquezas. Do lado oposto, a URSS promovia a fraternidade e a paz entre as

nações, já os EUA, apenas o imperialismo e a guerra.

Em uma charge (figura 11) sobre os EUA, o governo Truman aparece entregando o mundo ao imperialismo:



Figura 11 – Truman oferece o mundo ao Imperialismo

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

O imperialismo está simbolizado na figura de um monstro insaciável, que tudo devora e consome. Figurando um garçom, Truman entrega o globo docilmente ao monstro imperialista.

No Jornal *A Classe Operária*, de 21 de junho de 1947, o Partido publicou outra charge (figura 12) caricaturesca dos EUA. Nela aparece o *Tio Sam*, representando os EUA, comandando as outras nações, manipulando-as para atuarem conjuntamente em defesa da sociedade capitalista, democrática e liberal. O governo de Dutra é incluído como um dos serviçais dos EUA:

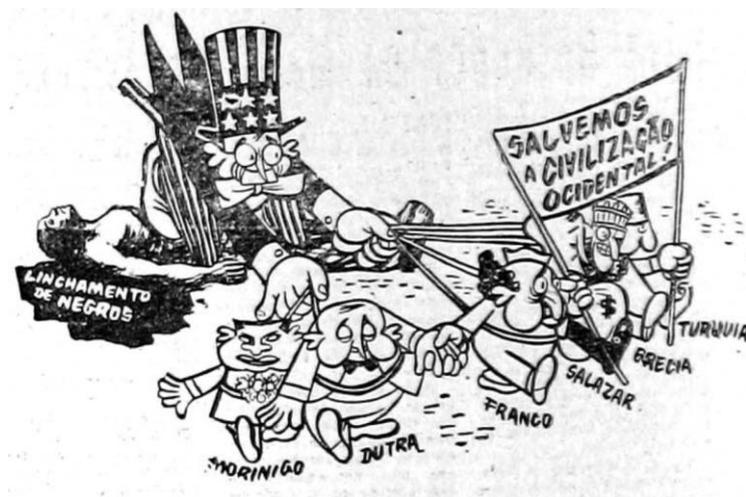


Figura 12 – Salvemos a Civilização Ocidental

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

O PCB disparava duras críticas aos EUA. Na opinião do Partido, além de imporem o capitalismo, os EUA rapinavam todas as riquezas dos países americanos. Em charge de 1947 (figura 13), a América do Sul é simbolizada por um presunto que é saboreado pelos EUA, também representados na figura do *Tio Sam*:



Figura 13 – Tio Sam saboreia a América do Sul em forma de presunto

Fonte: A Classe Operária – AMORJ

O PCB acreditava que o Imperialismo tinha em suas mãos os anticomunistas e a grande imprensa, por isso se tornava um grande inimigo econômico e político.

Em outra charge (figura 14) essa visão se torna clara:



Figura 14 – O imperialismo dá de comer ao anticomunismo e à Imprensa Sadia

FONTE: A Classe Operária - AMORJ

Para coroar a superioridade soviética e demonstrar a inferioridade estadunidense, os comunistas se apoiaram nos argumentos trazidos da URSS. Um meio para endossar esses argumentos esteve na utilização das avaliações da ONU sobre os países do mundo. Para o PCB, as estatísticas da ONU mostravam uma superioridade da URSS em diversos aspectos. Em 1949, o Partido se vangloriou evidenciando “maior progresso na URSS e Democracia Populares do que nos países do Plano Marshall”. Esse informe tratava de desmentir a propaganda dos Estados Unidos. A justificativa do suposto fracasso do Plano Marshall se baseava na tese de que o volume de mercadorias importado dos Estados Unidos impedia a absorção de produtos que a própria Europa tinha pra vender.

Para os comunistas, com base nos dados da ONU, não existia motivo para não acreditar na URSS:

Como se vê, os países capitalistas tendem sempre a andar para trás. Mas como o mundo socialista marcha aceleradamente para a frente, os bandos imperialistas tentam recuperar sua diferença com os preparativos de guerra e com a própria guerra (Voz Operária, 29 de outubro de 1949).

Reconhecendo a existência de um confronto de posições entre os EUA e a URSS, aceitando a missão de divulgar a superioridade soviética, atribuindo pouca importância ao conceito de Guerra Fria, o PCB elegeu e declarou seu imaginário acerca da União Soviética. Chegar à *Pátria do Socialismo*, para a grande massa dos militantes, era uma viagem impossível. A falta de finanças e a prioridade de enviar os dirigentes mais provados impossibilitavam o envio de todos os comunistas brasileiros. O que restava aos que no Brasil ficavam passava pela complacência e admiração. Sintonizados entre si pela crença na

“fortaleza soviética”, a maioria dos comunistas precisava entender que o privilégio de pisar nas terras da URSS era reservado a poucos.

A convicção quanto ao projeto e o encantamento com o desenrolar do regime eram cativados e passados de dirigente para quadro, de quadro para militante, de militante para simpatizante. O desejo era que essas opiniões chegassem à população.

A crença foi tão forte e segura, que Jorge Ferreira (2002) nos diz que “aos olhos dos militantes tudo era passível de explicações convincentes e coerentes”. A apropriação do imaginário, mesmo com desinformação ou possíveis desconfianças, tornava-se irremediável.

Recorrendo ao velho paradigma do bem contra o mal, de forma devota e consequente, o Partido escreveu, falou, panfletou, agitou e divulgou sua versão da Nação ideal. O PCB, obsessivamente, defendia a primeira Pátria do socialismo. Donos de um verdadeiro trabalho sem fim, os comunistas criaram e cultivaram um imaginário de devoção e crença em torno da URSS, demonstrando que a utopia era realizável.

3.5. Quando ouvi falar de Stálin pela primeira vez, pensei que fosse um conto de fadas

As doutrinas e as ideias do PCB, explícitas em seus canais de diálogo, contribuem para comprovar o seu nível de encantamento e de veneração em torno da sociedade soviética. Num primeiro plano, os símbolos, as instituições, os líderes, as estatísticas, as vitórias, a superioridade, tudo era catalogado nos paradigmas do Partido. Os dirigentes cumpriam um rol decisivo nessa absorção.

Posteriormente, aquilo que havia sido nutrido pela direção se codificava nas crenças e paixões dos militantes. Por fim, o objetivo final dos comunistas era se aproximar da população para angariar adeptos e simpatizantes.

Essa catalisação não foi autônoma, ela sofreu os impulsos e os efeitos da empolgante propaganda feita pelos corpos conectados ao mundo soviético. Adaptada aos comunistas no Brasil, essa absorção ganhava uma arrancada com contornos nacionais. Na direção do conjunto desses organismos soviéticos, vitais para o imaginário do PCB, estava Josef Stálin.

Stálin exerceu uma liderança decisiva, ajudando no embasamento e na consolidação dos códigos, condutas e paradigmas do comunismo. A teoria da *construção do socialismo num único país* sobressaía e se consagrava como o escudo do Estado soviético, motivando a

adesão e o fascínio em torno da URSS.

Como o centro mundial comunista, a URSS sempre estava acima de todas as outras nações, inclusive das comunistas. Seus métodos de consagrar as suas posições foram baseados no terror, na perseguição e no expurgo. De forma autoritária e truculenta, o líder tinha a garantia plena de efetivar o seu projeto para o Estado soviético. O poder de Stálin se consagrou por meio de processos, calúnias, exílios, prisões e assassinatos dos inimigos. Já no fim de 1938, os principais personagens que colocavam em risco esse poder não representavam mais nenhum risco: a oposição estava derrotada.

Os opositoristas sofriam a acusação de heresia contra o Estado soviético. Por serem da oposição, recebiam as denominações de “inimigos do povo”, “traidores” e “contrarrevolucionários”, logo, precisavam ser banidos.

Após a eleição dos perigosos inimigos, o banco dos réus e a navalha stalinista davam os golpes derradeiros. Os dados em torno do *Grande Terror* cunhado pelo stalinismo são impactantes e os “inimigos do povo” não foram poucos. O historiador Orlando Figes elencou as estatísticas do Terror, sem levar em conta as mortes vitimadas pela guerra e pela fome:

Estimativas conservadoras mostram que cerca de 25 milhões de pessoas foram reprimidas pelo regime soviético entre 1928, quando Stálin assumiu o controle da liderança do partido, e 1953, quando o ditador morreu e seu reino de horror, se não o sistema que desenvolvera em um quarto de século, chegou ao fim. Esses 25 milhões – pessoas mortas por esquadrões de execuções, prisioneiros do Gulag, *kulaks* enviados para ‘assentamentos especiais’, trabalhadores escravos de vários tipos e membros de nacionalidades deportadas – representam cerca de um oitavo da população soviética, que em 1941 era de aproximadamente 200 milhões, ou, em média, uma pessoa para cada 1,5 mil família na União Soviética (FIGES, 2010, p. 25).

Os dados mostram a fúria e implacabilidade do regime soviético, gerando uma “população silenciosa e conformista” (FIGES, 2010, p. 25). No cerco da onda de terror, uma posição de autoridade na URSS poderia gerar a suspeita de ser um “inimigo do povo”. Ser dirigente comunista, compor o Exército Vermelho, ter vínculos com a Igreja, ser diplomata ou comissário do povo poderiam dar indícios de suspeita; mas as pessoas comuns, do mesmo modo, poderiam significar perigo para o regime.

Em relação ao poderio de Stálin, esse mérito não foi individual: o ditador contou com base social e suporte intelectual para estruturar o que se chama de stalinismo. Agregando apoio, seja por medo seja por convicção, Stálin conseguiu dar textura a um imaginário que blindou seu governo e seu regime. Por meio do terror, do clima conspirativo e da forte

propaganda, ele construiu uma atmosfera de culto à sua personalidade. Talvez o risco das prisões, dos expurgos e dos assassinatos ajudasse no recrutamento de pessoas favoráveis ao líder.

Para fortalecer ainda mais o “culto à personalidade” de Stálin, após a morte de Lênin a figura do velho bolchevique passou a ser evocada e associada aos êxitos da Revolução desempenhada pelo seu sucessor “natural”. Associar Stálin a Lênin foi uma forma segura de sufocar as desconfianças em torno das políticas e teorias preconizadas pelo stalinismo. Foi um jeito de manter entrelaçada a história da Revolução Russa, uma espécie de subterfúgio e porto seguro do *Marechal*, que via garantida a aplicação e a justificação de seu projeto.

O PCB demarcou esse “parentesco” revolucionário entre os dois bolcheviques, e dessa forma ajudava a evitar possíveis crises dos militantes desconfiados dos ditames de Stálin.

Para o Partido e para os comunistas em geral, Stálin era apresentado como o discípulo mais fiel de Lênin. O próprio Stálin reconhecia essa ligação, como ainda reconhecia a sua missão inalienável após a morte de Lênin. Sob juramento, Stálin ratificou esse compromisso:

ao deixar-nos, o camarada Lênin nos legou o dever de reforçar e estender a União das Repúblicas Soviéticas. Nós te juramos, camarada Lênin, que executaremos com honra também este mandato” (A Classe Operária, 6 de Novembro de 1948).

Em um artigo intitulado “O Lênin de nossos dias”, o PCB reconstrói a história da relação entre os dois dirigentes. A argumentação do artigo tem como objetivo demonstrar uma profícua e intensa amizade entre Lênin e Stálin. O artigo informa que a afeição entre os líderes vinha de longe, antes mesmo da Revolução:

Iria conhecê-lo pessoalmente dois anos mais tarde [1905], na conferencia de Tammerfors, na Finlândia. Daí principiou uma amizade que se tornaria cada vez mais sólida, á medida que se comprovava a identidade dos dois homens na sua dedicação ao Partido, á causa da revolução proletária. Foi o exemplo de Lênin, acima de tudo, que inspirou a formação revolucionária de Stálin (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Lênin e Stálin apareciam no mesmo patamar, o Partido dizia que eram extremamente parecidos, tanto no campo profissional quanto no pessoal. Os dois dirigentes não diferiam em praticamente nada:

Possuíam em comum não poucas qualidades. O mesmo senso instantâneo da ligação entre a teoria e a pratica, a mesma firmeza, a mesma confiança inflexível na classe operária que foi, neste século, a características dos bolcheviques russos. E também outras qualidades mais singelamente humanas. Eram ambos criaturas que

sabiam rir (A Classe Operária, 6 de Novembro de 1948).

A herança das características leninistas se tornou outra marca de Stálin:

A mesma maneira de falar, martelando as palavras, sem nenhum arroubo de oratória fácil. E aquelas qualidades Lêninistas que tanto impressionaram Stálin no primeiro encontro, ele iria também incorporá-las a sua personalidade: modéstia e simplicidade, extraordinária força de convicção, desprezo pelos charlatães, pelos choramingas, pelos semeadores de pânico (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Lênin e Stálin, na visão do Partido, não criaram a história, mas trataram de racionalizá-la, de aproximar as pessoas do futuro; foram verdadeiros homens criadores.

Plekhanov, decano do marxismo russo, foi quem escreveu sobre o papel do indivíduo na história:

O grande homem é grande não porque suas particularidades individuais imprimem uma fisionomia individual aos grandes acontecimentos históricos, mas porque é dotado de particularidades que o tornam o indivíduo mais capaz de servir às grandes necessidades sociais de sua época, surgidas sob a influência de causas gerais e particulares [...] É um herói. Não no sentido de que possa se deter ou modificar o curso natural das coisas, mas no de que sua atividade constitui uma expressão consciente e livre deste curso necessário e inconsciente (PLEKHANOV, 2000, p. 157-158).

O líder máximo era um produto da própria sociedade soviética.

O raciocínio dos comunistas se tornava evidente: Stálin e o stalinismo são os verdadeiros continuadores da Revolução Russa, do bolchevismo e do leninismo. Para o PCB, Trotsky, um dos principais inimigos de Stálin, reunia em suas ações e ideias o estigma de ser a mais completa e perfeita antítese de Lênin:

Enquanto Trotsky, carcomido pelo germe da traição [...] Stálin participa desde o início ao lado do mestre na luta contra o menchevismo (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Todas as outras variantes do marxismo eram perniciosas e poderiam pôr em risco a integridade do marxismo.

As manifestações de louvor e reconhecimento a Stálin são extensas e explícitas, o PCB não escondia as suas verdadeiras opiniões a respeito do líder bolchevique. É muito interessante notar que as notas que fazem referência a Stálin foram mais numerosas que as produzidas sobre a URSS. Os artigos, notícias, entrevistas e comemorações em torno de sua figura eram dos mais numerosos na imprensa partidária. Para dar maior estrutura à figura do

líder, ele sempre era associado ao Estado. Não que ele fosse mais importante que a URSS, na verdade ele aparecia como o símbolo, a personalização do Estado. Nas páginas se desdobra um forte reconhecimento de seu papel: o líder tinha prestígio, carinho, valor, indicando que sem ele a URSS perderia muito.

No marco dessa veneração, esta pesquisa selecionou algumas dessas situações de louvor e devoção às qualidades do líder soviético. Esses casos estão ramificados em diversas esferas que buscam valorizar os méritos e virtudes do *Marechal*.

Em uma viagem à URSS, no ano de 1929, Astrojildo Pereira relatou a sua experiência de ter visto Stálin pela primeira vez em sua vida. O dirigente brasileiro tinha viajado para participar de uma reunião da Internacional Comunista. Na sala da reunião do *Presidium* da IC, Astrojildo descreveu como foi ver Stálin pela primeira vez:

Vestia-se com a sua túnica habitual e calçava botas de couro altas até o joelho [...] Sentado a um canto, fumando placidamente o seu cachimbo, conversava com aqueles que estavam mais próximos ou que se aproximavam, sem a menor sombra de afetação, perfeitamente igual a todas as outras pessoas que ali se reuniam. Nada de extraordinário, nem de sensacional; pelo contrário, tudo muito simples e muito normal [...] (A Classe Operária, 25 de Dezembro de 1948).

Do mesmo modo que venerava e elevava Stálin ao mais alto pilar da hierarquia comunista, o PCB buscava dar ao dirigente soviético um tom de simplicidade, de humildade. Essa preocupação está presente nesse trecho, como em vários outros. O PCB tentava passar a imagem de um homem comum, simples, que, apesar de seu poder e de sua ilustre posição, sempre manteve suas tradições, sua tranquilidade. Características distintas se encontravam nos líderes burgueses, sempre esnobes e soberbos, segundo o PCB.

A narrativa de Astrojildo continua, mostrando como o líder aplicava sua brilhante oratória:

Com a voz velada, gestos muito sóbrios, sem alardes oratórios, antes num tom demonstrativo e convincente, a que não faltavam certos toques de acerada ironia, a impressão imediata que o orados nos comunicava era a de um professor que se exprimia com extrema clareza sobre um assunto que conhecia profundamente (A Classe Operária, 25 de Dezembro de 1948).

Naquele relato de Astrojildo, Stálin conseguia mesclar modéstia e radicalismo, capacidade única de um gênio. O líder tinha harmonia, não cometia exageros nem histerias, não vacilava, mantinha a firmeza e a sobriedade, um verdadeiro marxista e chefe de Estado. O *guia* dos povos não fazia rodeios, possuía convicção em tudo o que pensava e fazia. Como

retorno, exigia o mesmo das outras pessoas. Não permitia falsidade, pedantismo, arrogância, qualidades burguesas e nada revolucionárias.

Stálin foi visto como um verdadeiro guerreiro, um homem que travou e venceu inúmeras batalhas. Orgulhoso, o PCB enumerava essas conquistas: a tomada do poder na Rússia; a fundação do Estado Socialista; a luta contra os oportunistas; a batalha contra os inimigos internos e externos; as ações contra o atraso econômico e cultural da Rússia; a guerra contra o nazismo e o fascismo; a elevação da indústria e da agricultura soviética.

Segundo o PCB, para ganhar essas árduas e longas batalhas Stálin elaborou e praticou inúmeras atividades: fundou jornais legais e ilegais; foi preso; dirigiu greves e manifestações; preparou ações de guerra; resolveu problemas de Estado e do Partido.

Como prêmio e coroação de sua existência, Stálin havia construído e efetivado o socialismo na URSS. Uma das concretas garantias dessa realização, para o PCB, estava na promulgação da Constituição de 1936, carta que teria consolidado o socialismo no país e havia dado garantias para a transição ao comunismo, a última etapa da humanidade (A Classe Operária, 25 de dezembro de 1948).

O mais interessante, é que esses acontecimentos estão associados unicamente à figura de Stálin. O Partido argumenta que esses processos só foram vitoriosos porque tiveram Stálin na direção, e só num segundo plano entraria o PCUS.

Para o PCB, um homem dessa magnitude só surgiu e viveu por ter sido o produto mais genuíno que a Revolução fabricou. Nesse período Stálin havia se tornado o principal indivíduo da história comunista, segundo os stalinistas. Por outro lado, como era um gênio, foi odiado pela minoria, mas amado pela maioria.

Quando o PCB completou 30 anos de existência, mais uma vez aproveitou para declarar sua gratidão a Stálin, com uma reverência descomedida e ilimitada:

No 30º aniversário do nosso Partido, reafirmamos nosso amor, nossa gratidão, nossa dedicação e fidelidade ilimitados ao camarada Stálin, ao glorioso Partido Bolchevique e à doutrina do Marxismo-Lêninismo-Stálinismo. Estudemos Stálin, aprendamos com Stálin, imitemos Stálin, agradeçamos a Stálin o que ele tem feito pelo nosso povo, e assim estaremos glorificando os 30 anos de lutas do nosso querido e amado Partido Comunista do Brasil (A Classe Operária, 5 de Abril de 1952).

Aos feitos e às batalhas vencidas, à humildade e à simplicidade, Stálin ainda agregava as mais diversas qualidades revolucionárias. Para os comunistas, ele era um excelente general, disciplinado militante, excepcional orador, brilhante escritor; evocava as qualidades de um

marxista de corpo e alma, na teoria e na prática. Como congregava as máximas qualidades de um revolucionário, o PCB via nele, a “expressão mais perfeita, nos nossos dias, do chefe, do teórico e do militante comunista” (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Sobre a militância do líder soviético, a nota de Armênio Guedes afirmava que “em Stálin, o chefe e o teórico têm o caráter de militância, de uma militância que se poderia chamar de tipo superior” (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Stálin se tornava o exemplo de militante, o modelo, o padrão a ser seguido por aqueles que desejassem mergulhar efetivamente na luta comunista. Suas virtudes ganhavam contornos inatos, existentes desde os seus primeiros passos na militância política.

Para se tornar um líder bolchevique, um grande dirigente comunista internacional, Stálin havia exercitado as mais diversas modalidades da prática revolucionária. Sua grandeza provinha de sua experiência e de seu contato com o povo, como apontava o PCB. Na mesma lógica, essa experiência política e esse estreito contato com o povo lhe davam destreza para elaborar e escrever os encaminhamentos do movimento comunista. Isso mesmo, Stálin ainda tinha habilidade única para escrever, era um verdadeiro *guia*.

Carlos Marighella, em um artigo sobre os 10 anos de aniversário do livro “A História do PC da URSS”, reconhece que a obra de Stálin havia alcançado a consagração. Sustentava que o livro havia sido publicado em quase uma centena de idiomas e tinha chegado ao número de 35 milhões de exemplares.

No Brasil, Marighella informou que o livro foi bem trabalhado nos círculos comunistas, chegando a mais de 10 mil exemplares publicados.

Junto com a comemoração vinha a advertência: os militantes ainda estavam subestimando a genialidade e a obra-prima de Stálin. O número de publicações estava muito insignificante, em se tratando de uma obra de tamanha estatura.

Jacob Gorender, em outro artigo, ainda afirma que o livro havia se tornado

a obra mais divulgada e lida da literatura marxista”, [que nenhum] “outro livro, no mundo inteiro, incluindo a literatura de ficção, conheceu, neste último decênio tão extraordinário volume de edições (Voz Operária, 17 de Dezembro de 1949).

O reconhecimento do PCB em relação às “obras” de Stálin gerou a aprovação de uma resolução no Comitê Nacional do Partido. A resolução reconhecia que seus textos se tornavam vitais para a elevação do nível ideológico e político do conjunto dos militantes do Partido. O documento dava o seguinte encaminhamento:

O Comitê Nacional, ao considerar a importância da educação teórica dos quadros nos princípios do marxismo-Lêninismo, como centro e essência da luta pela construção do Partido, decide tomar a seu cargo a publicação das obras completas de J. Stálin (A Classe Operária, 10 de abril de 1951).

A justificativa que o PCB apresentava se embasava no reconhecimento de que Stálin reunia qualidades de mestre, sua consciência irradiava marxismo:

O chefe das forças democráticas de todo o mundo, o grande Stálin, educador dos comunistas de todos os países, genial construtor do socialismo e realizador do comunismo, é o nosso mestre e *guia*. O sábio camarada Stálin, dominando a ciência do marxismo-Lêninismo e enriquecendo-a constantemente, é o artífice das grandes vitórias da humanidade progressistas pela paz, pela democracia e o socialismo (A Classe Operária, 10 de abril de 1949).

Lênin, Marx e Engels recebiam atenção no receituário do PCB. No entanto, os textos de Stálin sempre precisavam ocupar a cabeceira de um verdadeiro marxista. Nas “obras” de Stálin, o conhecimento marxista já estava compilado, sintetizado. O grande *mestre* e *guia* já havia facilitado o tortuoso caminho de desvendar e assimilar o marxismo.

Os militantes precisavam de concentração e empenho no estudo das “obras” de Stálin, deviam seguir seu exemplo, um verdadeiro obcecado por leitura. Com a dedicação pontual e profunda a seus estudos, a genialidade de Stálin chegava à sua síntese. Além de ser um provado e dedicado militante, agitador e propagandista, chefe de Estado e dirigente comunista, Stálin perdia horas e horas com um livro em suas mãos.

Em uma nota, o PCB afirmava que “desde muito jovem [Stálin] era sempre visto com um livro na mão, não o deixando sequer às refeições, no seminário em que estudou sofreu inúmeras punições, sendo afinal expulso porque estudava ‘livros proibidos’[...]” (A Classe Operária, 1 de janeiro de 1952).

O Partido, vangloriado, contava um fato que enaltecia ainda mais o esforço individual de Stálin em estudar:

Savchenko, um oficial soviético, conta-nos que ao manifestar espanto diante da enorme quantidade de livros existentes no gabinete de Stálin recebeu deste como resposta que diariamente repassava 500 páginas; esta era sua “ração” diária (A Classe Operária, 1 de janeiro de 1952).

Os encaminhamentos do PCB a respeito do trabalho com os livros de Stálin passavam por duas tarefas: 1) todo militante devia ler e estudar essas obras; 2) depois do cumprimento dessa primeira tarefa, o militante deveria levar aos trabalhadores essas leituras.

Para o cumprimento dessa tarefa, em um suplemento de orientação para o trabalho de agitação e propaganda, o Partido indicava alguns caminhos:

Podem ser lidos trechos das “Obras” nas células do Partido e entre grupos de operários. Em seguida à leitura, é interessante abrir uma discussão sobre o assunto. As “Obras” devem ser anunciadas em toda parte, dentro das fábricas, nos jornais da empresa, etc., destacando-se sempre sua importância para a classe operária. A venda das “Obras” deve ser organizada pelas células nas empresas, nos bairros e nas cidades. Ampla propaganda do livro precisa ser feita por todos os meios (AGIT-PROP, Suplemento do Jornal A Classe Operária, 5 de agosto de 1952).

A divulgação dos trabalhos de Stálin foi considerada uma tarefa fácil para o Partido, pois sua linguagem tinha clareza e objetividade, não era preciso ser intelectual ou pessoa letrada para compreender seus ensinamentos.

O povo soviético - afirma um artigo de Floriano Gonçalves - antes dos êxitos de Stálin, vivia na mais

sombria, pesada e milenar ignorância [após a Revolução promovida por Stálin] passaram a ler, estudar, interessar-se pelas coisas do conhecimento humano, pela arte, pela ciência, pela técnica (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

No Brasil, o mesmo deveria ser feito: retirar o povo da ignorância, afastá-lo da escuridão e aproximá-lo da luz, do conhecimento. O feixe de luz para clarear essa escuridão estava no marxismo stalinista, único meio de acabar com a ignorância.

A qualidade das “Obras” de Stálin permitia aproximar o povo e a classe trabalhadora do conhecimento humano e da ciência; mais: elas não promoviam apenas isso, também ajudavam a libertar os intelectuais e dar um novo sentido ao seu trabalho, para o PCB.

Na consciência dos comunistas, os intelectuais, antes de Stálin, estavam espremidos, isolados, praticando um academicismo individualista, inútil e distante da realidade do povo; depois, esse panorama se transformou magicamente. No mesmo artigo, Floriano esclarece essas transformações:

A obra de Stálin representa para o intelectual, a possibilidade de libertar-se da condição de mirrado indivíduo, dependente materialmente das minorias dominantes e transigindo com os mesquinhos interesses dominantes. A obra de Stálin desenrola à sua frente o imenso oceano de homens, trabalhadores, camponeses que lêem, estudam, admiram a obra de arte, criticam-na, oferecem-lhe a própria tradição popular para enriquecê-la. A obra de Stálin proporciona este oceano de almas ao artista e ao intelectual, dá-lhes forças para virarem as costas aos mesquinhos interesses dos donos da vida e mergulhar amplamente, profundamente no seio do povo (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Por esses motivos, os comunistas, do Brasil e do mundo, reconheciam que as “Obras” de Stálin haviam alcançado o rol dos grandes clássicos do marxismo.

No marco dessas qualidades do dirigente soviético, o PCB ainda congregava mais dois importantes atributos: Stálin havia se tornado um exímio chefe militar. Como tal, ainda alcançava o posto de porta-bandeira da paz: fazia a guerra para alcançar a paz, propagava a paz para evitar a guerra.

No campo militar, o *generalíssimo* havia vivido três períodos vitais na história militar da Revolução: “o insurrecional, o da guerra civil e o da grande guerra patriótica da União Soviética”⁵³ (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Nos três acontecimentos militares, Stálin teria demonstrado clareza, destreza e habilidade em solucionar impasses de tamanha magnitude.

Altivos, os comunistas proclamavam que as virtudes de Stálin no terreno armado haviam sido feitas sem nunca o *generalíssimo* ter cursado uma academia militar. Quem apresentou a explicação da façanha foi Agildo Barata:

Porque ninguém como o camarada Stálin dominou, assimilou e fundiu numa só pessoa a sabedoria política, a cultura filosófica, com o domínio da arte militar, culminando-a com o método materialista dialético (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

O mesmo acontecia no tocante às ações no campo da luta pela paz mundial.

Stálin era chamado nos meios comunistas de *Campeão e Porta-Bandeira* da Paz. O PCB afirma que Stálin foi o único chefe de Estado que proclamou e solicitou concretamente a paz entre as nações.

Os motivos que erigiam Stálin ao título de campeão da paz seriam elencados pelo PCB:

Isto se dá porque a política Stálinista é fundamentalmente uma política de paz, de luta incessante pelo entendimento entre os povos, pelo desarmamento progressivo e pela abolição total e imediata das armas atômicas, como armas de terror e de assassinio em massa (A Classe Operária, 1 de janeiro de 1952).

Como um verdadeiro embaixador e proclamador da Paz entre os povos, Stálin era visto como o *guia* mundial do proletariado, o homem que reivindicava a libertação e a igualdade entre os povos. Não importava etnia, nacionalidade e gênero, Stálin congregava o

⁵³ O PCB e os comunistas denominavam que a Segunda Guerra Mundial havia sido uma Guerra Patriótica para a União Soviética, pois a existência da Pátria Socialista estava em jogo.

papel de representar os camponeses e os operários mundialmente. Ele promovia o socialismo e a paz mundial, tendo como ponto de partida a União Soviética.

Numa charge (figura 15) feita pelo PCB, podemos ver Stálin à frente de várias nacionalidades e etnias:



Figura 15 – Stálin Guia do Proletariado Mundial

Fonte : A Classe Operária – AMORJ

Stálin estava na frente desses homens e mulheres não por acaso: ele os representava incondicionalmente. Provavelmente, os comunistas demonstravam que o reconheciam como o dirigente natural dos povos do mundo.

Dono de qualidades imensuráveis, o grande líder recebia monumentos, presentes, mensagens, poesias, cantos e pinturas em sua homenagem. O pagamento mínimo deveria passar pela recordação, pelo culto incessante ao dirigente.

Para se ter noção da devoção, o PCB noticia algumas passagens que demonstram as provas de devoção e idolatria ao comunista. Um exemplo esteve na inauguração de um monumento ao grande chefe na Ucrânia: “os trabalhadores da Ucrânia assistiram a 7 de novembro à inauguração de um monumento ao inspirador e organizador das grandes vitórias socialistas, o Camarada Stálin” (Voz Operária, 18 de novembro de 1950).

Notícias como essa eram recorrentes, o PCB divulgava esses nobres acontecimentos em diversos países da Europa e do mundo. Na URSS, inclusive, transbordavam estátuas e símbolos em alusão à figura de Stálin e seus méritos, garantia o PCB.

Em uma espécie de relação entre astro e fã, Stálin foi elevado ao posto de ídolo. Os

indícios são as eufóricas ações dos comunistas de todo o mundo enviando presentes e lembranças ao *mestre*. Em uma breve nota, euforicamente o Partido informava a gratidão dos povos do mundo à Stálin:

Foram recolhidos só no Museu da Revolução, em Moscou, os milhões de presentes enviados de todas as partes do mundo ao grande Stálin, pelo transcurso do seu 70º aniversário. Esses presentes foram feitos por crianças, trabalhadores das fazendas coletivas, operários, fundidores, engenheiros e homens de ciência, caçadores, astrônomos e fundidores de aço, colhedores de algodão e operários de fábricas de vidro, famosos artistas e soldados do Exército Soviético.

Milhares e milhares de outros presentes chegaram de passes estrangeiros em testemunho da enorme estima e gratidão dos povos do mundo inteiro a Stálin, por seus grandiosos méritos perante a humanidade (Voz Operária, 21 de Janeiro de 1950).

Os brasileiros não ficavam fora da peregrinação simbólica levantada para Stálin: enviavam igualmente presentes e lembranças que refletiam a devoção e o carinho dos brasileiros pelo *marechal*. Entusiasmado, Pedro Motta Lima descreveu os “mimos” que ele mesmo chegou a levar à URSS para serem entregues ao brilhante chefe do Estado soviético:

Levava comigo apenas uma parte das três remessas de mimos ofertados por mãos brasileiras ao construtor do mundo novo. Era uma grande bagagem. Peças várias saídas de Volta Redonda e outras fundições, miniaturas de truques fabricados nas oficinas de nossas grandes estradas de ferro, bolsas de casco de tatu, a nota típica do sertão nordestino ou das coxilhas do sal em trabalhos de couro, cortes de preciosas fazendas, tecidos com desvelado amor pela grande família dos têxteis cariocas, paulistas e mineiros, lembranças dos portuários e marítimos, livros e poemas, quadros a óleo, músicas de compositores populares, prendas de labor doméstico, bordados, representando centenas de dias de tarefa de moças do interior, debruçadas ao tear com o pensamento mais carinhoso posto naquele a quem dedicavam a maravilha de sua habilidade e paciência, como a um noivo distante (Voz Operária, 21 de Dezembro de 1950).

Nas aduanas, Pedro Motta Lima ficava maravilhado com o susto, mas, ao mesmo tempo, também com a simpatia que irradiavam os semblantes dos funcionários. Era uma mistura de surpresa e encanto em torno de tamanha devoção dos brasileiros para com o dirigente. Ele afirma que os funcionários deixavam livre a passagem dos presentes, até mesmo nos países capitalistas.

Em pleno período da Guerra Fria, um contexto permeado pela tensão, algum tipo de constrangimento ou eventualidade no traslado desses presentes poderia acontecer, mas não acontecia. Lima elencou os motivos:

Essa solidariedade, essa identidade de sentimentos era o que podíamos ler no olhar

amigo e no sorriso de simpatia com que os funcionários das alfândegas de tantos países marshalizados fechavam a valive dos presentes a Stálin, pondo o sinal de giz ou o carimbo de livre trânsito (Voz Operária, 21 de dezembro de 1950).

Outros presentes também se encaminhavam à URSS. A direção do PCB, por exemplo, enviou um aparelho de café com xícaras de madeiras de lei e colheres de prata. Velhos militantes do movimento operário enviaram uma pasta de couro de jacaré.

Foram ainda ofertados presentes regionais: cuia de chimarrão, caixa de jacarandá para fumo, jangada em miniatura, arreios, saco de café, flechas e adornos indígenas, coleção de discos de música popular brasileira, figuras de cerâmicas, rede de fibras de palmeira buriti, estatueta de bronze (Voz Operária, 21 de dezembro de 1950)

O PCB argumentava que homenagear Stálin havia se tornado uma obrigação militante, uma tarefa a ser cumprida por todo verdadeiro comunista. Homenageando o construtor do socialismo, o Partido contribuía para valorizar ainda mais a URSS no seio do povo brasileiro.

O Partido sempre indicava os encaminhamentos que os comunistas deveriam tomar para homenagear Stálin. Seja nas ruas, seja no local de trabalho, seja nas páginas dos jornais comunistas, as ações deveriam acontecer. Comemorar o aniversário de Stálin, assim como referendá-lo, significava tonificar as ações titânicas e heroicas do dirigente. Reconhecendo-se o líder, festejava-se a própria Revolução.

Stálin subia ao patamar de construtor e edificador do socialismo. Em um artigo de Mauricio Grabois, esse comunista elenca algumas atividades práticas que precisavam ser tomadas para valorizá-lo:

O proletariado em suas fábricas há de paralisar o serviço por um dia, uma hora ou um minuto, conforme as condições do momento, em homenagem ao seu dirigente máximo. E assim farão também os camponeses em seus sítios, os intelectuais progressistas, através das mais variadas manifestações artísticas, os funcionários, em seus escritórios, as mães no recesso de seus lares, e as massas em geral, na praça pública ou em recintos fechados, em qualquer parte hão de festejar o aniversário de Stálin, o campeão da paz (Voz Operária, 12 de Novembro de 1949).

O PCB não tinha dúvida de que Stálin representava os trabalhadores. Na condição de dirigidos, não lhes restava alternativa: cabia-lhes homenagear e felicitá-lo.

Grabois continua, agora elencando as ações que deveriam ser desempenhadas por intelectuais, cronistas e poetas:

Essa data é tema não somente para folhetos e volantes que poderão ser distribuídos narrando as lutas de Stálin, o que ele significa para todos os povos oprimidos como o nosso povo, mas também para os cronistas e os poetas que poderão exaltar e

cantar a figura do revolucionário, do estadista, do sábio, da figura humanista do maior inimigo vivo de todos os exploradores e opressores. Enviando-lhes cartas e telegramas, cujas cópias devem ser remetidas à imprensa democrática, o povo terá assim um outro meio de manifestar sua simpatia e seu aplauso pela firme política de paz que ele conduz (Voz Operária, 12 de novembro de 1949).

Para as massas, Grabois divide algumas atividades práticas, como por exemplo, as pichações:

Já as massas vêm gravando nos muros das principais cidades brasileiras suas felicitações a Stálin, dando “Viva Stálin” e “Viva a Paz” ao mesmo tempo, porque todos compreendem e sentem em primeiro lugar que o nome Stálin e a palavra paz andam sempre juntos nos lábios das mães e das jovens que não desejam ver seus filhos e noivos transformados em carne de canhão [...] (Voz Operária, 12 de novembro de 1949).

Uma situação interessante e curiosa no marco dessas ações foi o chamado caso “Morro Stálin”, narrado por Mauricio Vinhas de Queiroz.

No Pico dos Dois Irmãos, centenas de metros acima do nível do mar, localizado no Rio de Janeiro, encontrava-se uma grande pedra. Na pedra, “anônimos” alpinistas, narra Maurício Vinhaz, fizeram uma enorme inscrição com a palavra Stálin. Impressionados e atônitos - continua - os operários das favelas do Pinto e do Cantagalo, do Parque Proletário da Gávea, ao acordarem para o trabalho, deram-se conta daquela imensa e mágica palavra.

O mesmo teria acontecido nas elegantes e formosas ruas de Ipanema e Leblon: grupos de pessoas se formavam e olhavam atentas para cima, em seguida comentavam o fato. Alguns se irritavam, outros se assustavam, mas não negavam a admiração.

A nota continua, mostrando o esforço das autoridades para apagar a inscrição magnífica e mobilizadora das atenções cariocas:

Durante uma semana a polícia, os Bombeiros, a Prefeitura e até o Exército se mobilizaram para apagar a inscrição. Esta tinha uns quarenta metros de um extremo ao outro; cada letra, dez metros de altura. Imaginai agora o esforço dos que no escuro de noite galgaram a montanha e, seguros nas anfratuosidades da rocha, dependurados em longas cordas, realizaram a proeza (Voz Operária, 21 de Dezembro de 1950).

As tentativas das autoridades para destruir a inscrição foram inúteis. Nem a chuva, nem os ventos, nem as forças conservadoras conseguiram apagar o nome de Stálin - afirmava o PCB. Chamado de Pico dos Dois Irmãos, após a ação direta desses abnegados passou a se chamar “Morro Stálin”.

A proeza foi tão gigantesca que até a “Gazeta Literária” de Moscou publicou em sua primeira página uma nota ilustrada sobre o acontecido.

No intuito de incitar ainda mais a realização de iniciativas e atividades de festejo em torno da figura de Stálin, Diógenes Arruda exemplificou atitudes de algumas personalidades para com Stálin:

Você sabe que Portinari, Graciano e Scliar estão pintando quadros para enviar a Stálin no dia 21? Que Aidano do Couto Ferraz, Oswaldino Marques, Carrera Guerra, Aluisio Medeiros e Ary de Andrade já compuseram poemas glorificando Stálin? Que Dalcídio Jurandir, um dos nossos melhores romancistas, fez um folheto em linguagem simples para explicar a vida de Stálin aos camponeses brasileiros? (Voz Operária, 10 de dezembro de 1949).

Iniciativas como essas eram tarefas de honra de todo militante, e seria inaceitável violar esse dever, seja por preguiça, seja por falta de ânimo ou descrença. Os presentes não precisavam ser caros, já que a classe trabalhadora amargava a realidade de minguados salários, Horácio de Oliveira ressalta isso:

Será que vamos nos envergonhar por não lhe podermos mandar um presente caro? Não camaradas, lhes daremos as coisas mais simples deste mundo, mas capazes de expressar o nosso carinho pelo mestre e amado *guia* (Voz Operária, 7 de Janeiro de 1950).

As festas de comemoração do aniversário de Stálin faziam parte do itinerário comunista e se tornaram uma obrigação sagrada e inviolável, uma verdadeira festa. Osvaldo Peralva assim descreveu o caráter dessas comemorações:

Será uma festa democrática de todos os povos, a consagração popular e universal do herói e do sábio, do revolucionário e do ideólogo do marxismo, do estadista e do dirigente político, do libertador de povos, do construtor do primeiro Estado Socialista, da primeira sociedade sem classes antagônicas, do homem que descortinou aos nossos olhos o luminoso mundo comunista, do grande chefe de todo o campo democrático, do campeão mundial da luta pela paz (Voz Operária, 19 de Novembro de 1949).

Nas celebrações do 71º Aniversário de Stálin, o PCB agregava elogios, afirmando que o líder havia tido “a mais bela vida de nosso tempo”. Além de suas proezas, por meio de suas palavras o dirigente compusera “capítulos da Bíblia da nova humanidade” (Voz Operária, 16 de dezembro de 1950).

O PCB acaba ritualizando a política comunista, mesclando conteúdos e categorias religiosas para exaltar a URSS e Stálin. Empolgado em descrevê-lo, sua devoção beirava o

fanatismo.

Essa mitificação e esse encantamento em torno do líder desaguavam em uma extensa quantidade de adjetivos enaltecendo, fortes e profundos. Eis alguns deles: Mestre, Chefe, Guia, Camarada, Pai, Querido, Amigo, Líder, Amante da Paz, Amigo das Crianças.

Esses adjetivos constituíam um imaginário paternalista, cego e incondicional na consciência dos que acreditavam na odisseia stalinista. Com um dirigente dessa estatura - acreditavam os comunistas - o risco de desorientação estava descartado.

Divergindo dessa imagem positiva de Stálin, alguns historiadores do *Tempo Presente*, tanto do campo da esquerda quanto do campo da direita, explicitaram as suas opiniões.

Para Hobsbawm (2002, p. 371), “Stálin, que presidiu a resultante era de ferro da URSS, era um autocrata de ferocidade, crueldade e falta de escrúpulos excepcionais, alguns poderiam dizer únicas”.

Na perspectiva de Gaddis, Stálin:

era na verdade um velho solitário, desiludido e amedrontado, viciado em ares de infalibilidade mal informada sobre genética, economia, filosofia e linguística, em longos jantares com bebedeira ao lado de auxiliares atemorizados e, estranhamente, em filmes americanos (GADDIS, 2006, p. 100).

Para os comunistas stalinistas, obviamente essa imagem negativa não veio à tona. Stálin, incansavelmente, trabalhava e estudava. O líder se preocupava com o povo soviético e os trabalhadores do mundo.

Essa visão, de um homem que não se cansava, que se movia pelo coletivo, havia sido trazida da URSS. Em um cartaz soviético (figura 16) esse imaginário se torna claro. Solitário, Stálin aparece estudando mesmo durante a noite, provavelmente planejando os rumos da URSS:

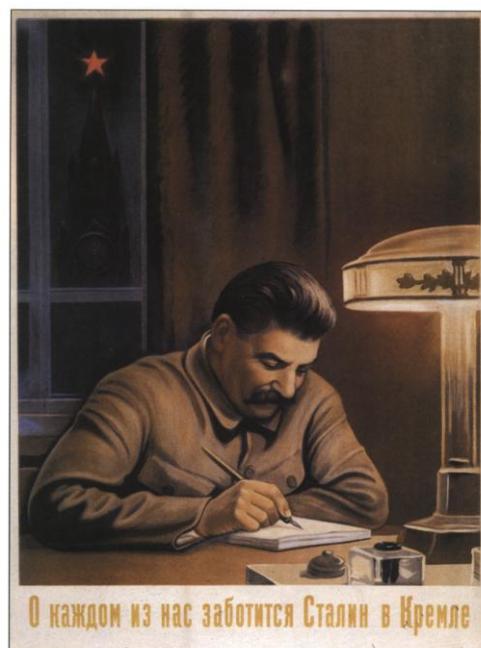


Figura 16 – Stálin em seu gabinete se preocupa com cada um de nós

Fonte: www.sovietposters.com

A relação entre os comunistas e Stálin tinha o caráter de um pacto sagrado. Mais do que a semelhança de posicionamentos e ideias, a relação era uma união que precisava ser cumprida e respeitada, por isso os comunistas juravam devoção ao líder.

Nos jornais, as homenagens apareciam sob a forma de textos e poesias, feitos cuidadosamente pelos próprios leitores e militantes do Partido. As poesias geralmente faziam parte de concursos, já os textos eram cartas dos leitores.

Além das poesias e concursos, os tópicos se dividiam na chamada “Stálin Visto Pelo Povo”, espaço dirigido ao leitor comunista que se interessava em expor as suas opiniões e visões a respeito do líder.

O PCB atentava para esse tópico com o intuito de dar mais autoridade e segurança ao seu imaginário em torno do mundo soviético. Talvez demonstrar que pessoas comuns reconheciam o seu valor fortalecesse essa ambição partidária.

Em 19 de novembro de 1949 o Jornal *Voz Operária* lançou um concurso popular sobre Stálin, com o objetivo de premiar os melhores trabalhos sobre ele enviados pelos leitores (*Voz Operária*, 19 de novembro de 1949). Esse concurso fazia parte das comemorações do seu aniversário. Os premiados receberiam livros sobre a vida do líder, além de desenhos e fotografias.

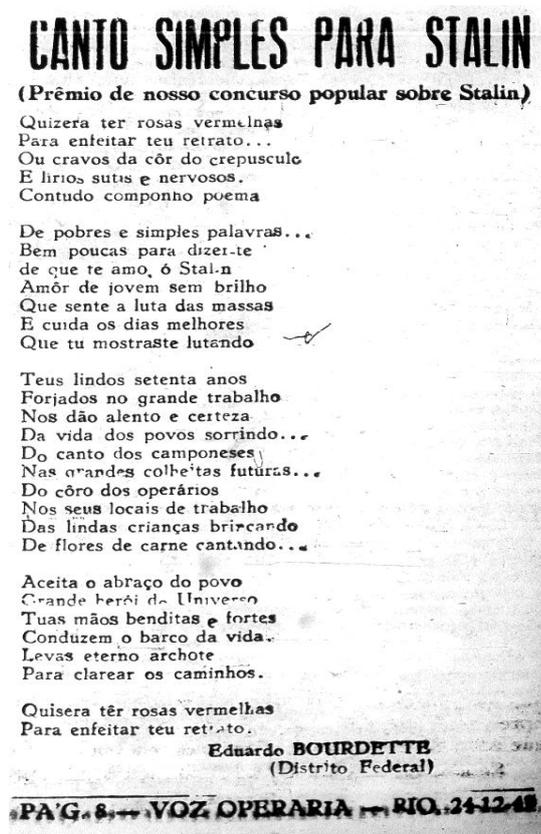
Um dos primeiros trabalhos premiados foi o texto do camponês Sebastião Dinart dos

Santos, da cidade de Tanabi, São Paulo. O PCB justificava que a vitória aconteceu, pois o camponês soube expressar sua “fé inquebrantável” na luta pelo socialismo, pela libertação nacional e pela paz (Voz Operária, 10 de dezembro de 1949). O artigo premiado levava o seguinte título: “Sua Vida Será Eterna Porque Faz parte da Classe Operária”.

O texto do camponês venerava Stálin:

Ó batalhador incansável, vida do progresso, da justiça, do mundo novo e de meus filhos, eu te percebo em toda parte, no crescer de uma planta, no progresso da medicina, na ciência, no roncar dos tratores amanhando a terra para dar vida a tantas vidas; Eu te vejo aqui, ali, em toda parte, até no meu casebre, guardado numa trincheira intransponível, aberta nos corações dos camponeses, dos operários, dos jornalistas, dos escritores, das viúvas, dos mutilados de guerra e de todos os comunistas (Voz Operária, 10 de dezembro de 1949).

Outra contribuição que saiu vitoriosa do Concurso Popular Stálin foi um canto de Eduardo Bourdette:



Voz Operária, 24 de Dezembro de 1949.

No balanço de encerramento dessa iniciativa, o PCB reconheceu que a atividade tinha obtido um saldo positivo. O concurso teria ajudado na educação de seus militantes, que se

esforçaram por pesquisar mais sobre a vida e os aportes do dirigente:

Numa comovente demonstração do carinho dos trabalhadores e dos povos brasileiros pelo incomparável dirigente do campo da Paz e do Socialismo, nossos leitores e amigos atenderam com excepcional entusiasmo ao concurso (*Voz Operária*, 24 de dezembro de 1949).

Ainda em 1949, o PCB lançou outro concurso, dessa vez com perguntas que deveriam ser respondidas pelos leitores. As cinco perguntas respondidas corretamente seriam premiadas com edições de “Questões do Leninismo” e “O marxismo e o problema nacional e colonial”, livros escritos por Stálin (*Voz Operária*, 10 de dezembro de 1949).

Outra grande atividade, no marco desses concursos, foi o prêmio Internacional de Paz Stálin, organizado pelo *Presidium* do soviete da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O concurso fazia parte das homenagens do 70º Aniversário de Stálin.

Como incentivo aos povos do mundo, a URSS daria em dinheiro o valor de cem mil rublos (50 mil cruzeiros na época). A quantia seria distribuída aos cidadãos eleitos pelo *Presidium*. Esse apoio financeiro serviria como um incentivo à criação artística, literária, científica e ao mesmo tempo uma contribuição para a paz entre os povos (*Voz Operária*, 24 de dezembro de 1949.)

Nos espaços destinados aos leitores, que tinham a permissão de discorrer sobre o líder, várias notas enaltecendo Stálin seriam publicadas, algumas das quais serão apresentadas a seguir. Quando não ocorriam demonstrações expressas em palavras escritas, elas ocorriam de boca em boca, por exemplo:

saúda Stálin em nosso nome, diz-lhe do nosso amor com as mais belas palavras, conta-lhe que aqui também lutamos pela paz”, dizia um artigo de saudação do Brasil a Stálin (*Voz Operária*, 17 de dezembro de 1949).

Manifestações de apoio a Stálin enviadas aos jornais do PCB provinham de trabalhadores de várias cidades brasileiras. Em 17 de dezembro de 1949 o Partido publicou uma suposta carta de trabalhadores de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano:

Companheiro Stálin: ao completares 70 anos de idade, nós, operários de Santo André, São Bernardo e São Caetano, Estado de São Paulo, Brasil, te saudamos, saudando em ti os trabalhadores da invencível União Soviética [...] Stálin, nosso mestre, nosso guia e nosso companheiro! Te saudamos com profunda gratidão e entusiasmo pela ajuda política que já deste a centenas de milhões de homens, mulheres e crianças, para serem vitoriosos na luta contra a opressão e a exploração (*Voz Operária*, 17 de Dezembro de 1949).

De Londrina, o PCB noticiou saudações dos paranaenses a Stálin:

Nós, abaixo-assinados, democratas de Londrina, Estado do Paraná, congratulam-se com esse glorioso jornal do povo e com todos os brasileiros amantes da Paz e da Democracia, pela passagem do 70º aniversário do generalíssimo Stálin, o grande líder dos povos livres.

(aa) Manoel Jacinto Correia, Helena F. Pereira, Milriades Pereira da Silva, Ernesto G. Mendes, Sebastião Albes, Ana Correia, José Gomes de Almeida, Luciano de Almeida, João Dias Moreira, Newton Camara (Voz Operária, 31 de dezembro de 1949).

Em “Stálin, querido dos Humildes”, Antonio de Souza Lima, da cidade de Barretos, São Paulo, deixou explícita sua opinião sobre o *marechal*:

Eles [os capitalistas] odeiam Stálin, porque inegavelmente, ele é o líder dos povos, é a grande bandeira de lutas pela Paz e o querido dos humildes (Voz Operária, 31 de dezembro de 1949).

As crianças, vistas como as donas da mais pura sinceridade, honestidade e bondade, demonstravam de forma sublime um puro carinho pelo dirigente soviético. Esse suposto carinho está disponível na transcrição da cartinha enviada por Rolando Arual de Freitas, de 10 anos de idade, de São Paulo:

Stálin:

Nunca te vi. Só te conheço pelos retratos dos jornais. Quando olho para você é o meu avô, que você é o vovô de todas as crianças do mundo.

Gosto de você Stálin, porque você é um grande capitão que não quer que as crianças do mundo morram numa guerra.

Parabéns, Stálin, pelo seu aniversário. Recebe um beijo do Rolando (Voz Operária, 31 de Dezembro, de 1949).

Além de Avô, Stálin ganhava outros adjetivos familiares. Na carta de Saturnino Campos, é possível verificar essa tentativa de deixar transparecer uma imagem acolhedora, bondosa, íntima e familiar do dirigente:

Quem conhece a vida e as obras de Stálin, sente que esse grande homem está perto de nós, apesar dos oceanos que nos separam. Sente-se que estamos diante de um amigo, de um camarada, de um irmão e pai. Só aqueles que estão cegos pelo ódio, não podem ver a grandiosidade da obra realizada por Stálin (Voz Operária, 3 de Junho de 1949).

Em outro poema, de autoria de José Godoy Garcia, o sentimento de adoração se evidenciava:

Stalin, Mestre e Amigo

Poema de José GODOY GARCIA

<p>Enquanto não secarem Os olhos da Mãe brasileira Minha paleta será Com sua força de ódio É nosso povo com sua boa Alma enquanto amordaçado Estiver, com força de ódio Será minha poesia Mas sempre e sempre amarei O camarada Stalin.</p> <p>Repetirei, para que os verdugos E assassinos de nosso povo, [salvem.</p> <p>Repetirei, de vagar, Limpo de tudo, Com a palavra de Prestes Fresca, dura, Honrada e poderosa Aqui no meu coração, Aqui em minhas mãos.</p>	<p>Repetirei: Enquanto não secarem Os olhos da mãe e os filhos Enquanto humilhados E os camponeses Com seus corpos fatigados E suas mulheres Com suas chagas, E enquanto nossa Pátria Amordaçada, vendida, Pobre e humilhada, Com força de ódio Será minha poesia. Com as águas de revolta E a estrela de esperança, Será minha poesia. Mas sempre, sempre amarei O camarada Stalin, Grande e amado chefe, Mestre e amigo!</p>
--	---

Voz Operária, 11 de fevereiro de 1950.

Sob o caráter de fé, manifestações tomavam esse contorno. José Marçal de Oliveira, do Mato Grosso, um pobre camponês, lamentou sua vida dura, mas esperançosa:

Sou alfaiate de profissão, mas presentemente me acho no sertão brasileiro, rigorosamente trabalhando de baixo de sol e chuva, produzindo mais para os latifundiários do que para o sustento dos meus cinco filhos menores, que ainda não pude enviar, um sequer à escola.
Mas não perca a fé. Sei que um dia virá em que as ideias do generalíssimo Stálin penetrarão em nosso solo, e os oprimidos se libertarão (Voz Operária, 21 de Janeiro de 1959).

Outra manifestação que dialoga com contornos religiosos é a declaração de Benedito Hermínio Camargo, de Rio Claro, São Paulo, que muito se assemelha com uma oração:

BENDITO SEJA Joseph Stálin. Benditos Sejam todos os seus discípulos. Benditos sejam todos os comunistas que dão uma expressão nova as palavras: ‘Amái-vos uns aos outros, porque a árvore que não der bons frutos será ceifada e deitada no fogo’ (Voz Operária, 27 de maio de 1949).

Assim como a fé e a benção, juramentos aparecem como formas de devoção. Como exemplo, aparece a declaração de Francisca, que escreveu em “Salve Stálin” os seus sacrifícios em nome do chefe do Kremlin. Não se pode afirmar se a leitora apenas simpatizava ou militava organicamente, mas chega a pôr em sacrifício a sua vida para honrar o nome de Stálin:

Como brasileira que preza sua pátria e quer o bem de toda a humanidade, eu jurei fazer também alguma coisa boa, como contribuição á tua grandiosa obra. Jurei lutar com todas as minhas forças, para que no mundo reine a Paz!
Se para tato for preciso o sacrifício da minha vida, disponha dela, é sua, outros já a

deram também (Voz Operária, 28 de Janeiro de 1950).

Essa gratidão às lideranças comunistas não se restringia a Stálin. A personalidade de Luiz Carlos Prestes, importante dirigente do PCB, também foi cultuada pelos comunistas brasileiros. A fórmula desenvolvida para o líder brasileiro e o líder soviético se desenhava assim: Prestes no Partido, Stálin no Poder.

O “Cavaleiro da Esperança”, como era chamado, sempre tinha a garantia de ter seu nome nas páginas dos jornais do PCB. Prestes gozava de prestígio e respeito nos meios comunistas. Infelizmente o trabalho não permite aprofundar esse debate, porém transcreveremos uma carta de um casal de leitores que demonstra a afetividade dos militantes para com a figura de Prestes.

O casal, devoto incondicional de Prestes, homenageou o dirigente comunista brasileiro colocando seu nome no filho que tivera:

Sr. Redator:

Levo ao seu conhecimento que em homenagem ao mais querido líder das Américas – o nosso camarada Luiz Carlos Prestes – o maior e mais conseqüente lutador antifascista brasileiro, demos ao nosso filho nascido em Valença, Estado da Bahia, no dia 21 de maio de 1949, o nome de Luiz Carlos. Eu e minha esposa estamos certos que o nosso filho pertencerá a esta nova juventude que desponta em um novo mundo de prosperidade e felicidade para todos os povos.

As. – Valter Caldas e Maria de Lourdes A. Caldas (Voz Operária, 24 de Dezembro de 1949).

Os comunistas buscavam, assim, aplicar o modelo de “culto à personalidade” dedicado a Stálin, só que agregando a figura de Prestes, numa verdadeira adequação de um modelo político criado pelo stalinismo.

Não obstante, mesmo com toda a magnífica importância de Prestes na vida do PCB, Stálin mantinha o posto de “mestre dos mestres”, o verdadeiro *guia* do proletariado mundial. Prestes ocupava o posto de condutor dos propósitos de Stálin.

Dessa forma, Stálin alçou a posição de gênio, capaz de prever o futuro da humanidade, o alvorecer do socialismo e a destruição do capitalismo. Somente ele seria capaz de impulsionar a humanidade para o seu mais sadio e verdadeiro triunfo. O líder conquistou a posição de construtor e impulsionador do socialismo.

Em algumas vezes, os periódicos do PCB publicaram artigos justificando que o Partido assumia a bandeira do stalinismo e que não tinha vergonha disso, mas orgulho. Segundo uma nota de Diógenes Arruda, o debate foi um contraponto à campanha da reação,

da polícia, dos trotskistas e demais renegados que construíam uma imagem perversa e monstruosa daqueles que assumiam o stalinismo como projeto.

Diógenes Arruda invertia o debate. Em vez de ser uma horrorosa acusação e uma ofensa, Arruda afirmou que essa crítica deveria ser motivo de honra para os militantes, quadros e dirigentes do PCB. Afirmava que ser stalinista não era para qualquer um, pois era uma tarefa árdua.

Os stalinistas eram mais astutos, inteligentes, abnegados, convencidos, dedicados; guardavam uma têmpera especial, capaz de dar a energia necessária para a transformação do mundo, garantia Arruda.

No entanto, no dia 5 de março de 1953 o mundo caiu para os comunistas: Stálin, aos 74 anos de idade, havia morrido.

Com a morte de Stálin, o desespero, a dor e o sofrimento ganharam corpo na vida dos comunistas de todo o mundo. No Brasil, não foi diferente: os comunistas se abalaram, sentiram uma profunda perda, um sentimento de dor e ausência que se assemelhava à morte de um ente querido, de um familiar, de um grande amigo. O brilho, o fulgor, o grande símbolo da União Soviética se apagava.

Não obstante, mesmo desolados e tristes, os comunistas criariam um imaginário de perda, mas ao mesmo tempo de recompensa, pois Stálin teria deixado um legado que garantiria a invencibilidade dos comunistas. Lamentando profundamente a morte de Stálin, o PCB publicou uma carta sobre o seu falecimento, na qual são explicitados os elogios e as demonstrações de amor, carinho e afeto:

Perdemos nosso pai querido, nosso mestre amado, o maior amigo de nosso povo, o venerado camarada Stálin.

O coração generoso que sempre pulou pelos trabalhadores e pelos povos oprimidos deixou de bater para sempre. O cérebro genial que durante mais de três décadas iluminou o caminho da libertação dos povos deixou de trabalhar.

Perdemos o grande comandante, o sábio e provado mestre na arte de dirigir e conquistar vitórias para o povo. Perdemos o porta-estandarte da paz. Perdemos o guia e chefe da luta pela liberdade e independência dos povos oprimidos.

Perdemos o maior gênio que a humanidade produziu (A Classe Operária, 15 de março de 1953).

Nada foi capaz de envergar a grandeza do “maior gênio que a humanidade produziu”. Nem as prisões, nem as torturas, nem a clandestinidade, nem o terror do czarismo e da burguesia, nada distorceu os princípios do *mestre*.

Mesmo na dor e no sofrimento, o PCB determinou vários encaminhamentos para os

militantes comunistas. Para o Partido, Stálin havia se tornado imortal, por isso se tornava preciso honrar o nome do imortal dirigente.

Jacob Gorender afirmava a opinião dos comunistas a respeito dos impactos da morte de Stálin. Em sua opinião, Stálin jamais seria esquecido: “o teu nome brilhará como radioso diariamente enquanto memória tiver a espécie humana” (A Classe Operária, 15 de março de 1953).

O intuito dos encaminhamentos visava recrutar novos membros para o PCB; as pessoas precisavam conhecer Stálin:

Por meio de palestras, conferências, comícios, atos públicos de toda espécie, etc. fazer com que as massas compreendam a grandeza de Stálin convidando-as simultaneamente para que venham engrossar as fileiras do nosso Partido. Com esse objetivo, deve o Partido iniciar uma campanha nacional para obtenção de centenas de milhares de assinaturas em homenagem a memória de Stálin. Reunidos em livro – Homenagem do Povo Brasileiro ao Grande Stálin – [...] (A Classe Operária, 15 de março de 1953).

O Partido ainda baixava uma resolução obrigatória: uma pesquisa da biografia de Stálin, a leitura do livro “História do Partido Bolchevique” e o estudo das obras completas de Stálin. Essas tarefas deveriam ser cumpridas pelos militantes. O PCB, sem medir, avaliar ou refletir, elevou Stálin ao mais alto degrau da hierarquia comunista.

As credenciais dos comunistas, no início da Guerra Fria, foram claramente stalinistas. De início, a sua morte não levantou nenhuma ressalva a respeito de sua liderança.

A missão de todo comunista, ao visualizar a figura de Stálin, passava por escutar seus conselhos, estudar as suas lições e praticar seu exemplo. Assim se desenhava o roteiro de um verdadeiro comunista na época de Stálin.

Somente em 1956, no XX Congresso do PCUS, é que as cortinas do stalinismo foram erguidas. Foi o momento em que o então líder de Estado, Nikita Krushev, que dirigiu a Nação de 1953 a 1964, apresentou algumas denúncias sobre os crimes de Stálin. No final do Congresso, Krushev iniciou a leitura do chamado “Relatório Secreto”, que denunciava os crimes e as violações cometidas por Stálin.

Ângelo Segriillo (SEGRILLO, 2006, p. 53.) afirma que o debate sobre o “Relatório” provocou divisão e dissensões nos PCs de todo o mundo. Sintomas de desespero, preocupação e desconfiança começaram a ganhar força nos meios comunistas.

No relatório, Krushev “afirmou com todas as letras que ele [Stálin] extrapolou suas funções de maneira ilegal, promovendo expurgos e execuções em massa, criando um culto à

personalidade, ordenando a tortura de adversários e culpando inocentes de serem ‘inimigos do povo’ (SEGRILLO, 2006).

O choque provocado pelo “Relatório Secreto” de Krushev foi impactante nos comunistas brasileiros, porém o debate interno foi suprimido por um longo período.

Inicialmente, os comunistas brasileiros alegavam que as notícias sobre o Relatório não passavam de provocações imperialistas; mas quando se confirmou a existência do documento, o imaginário comunista a respeito de Stálin se abalou.

Os debates internos provocaram um doloroso processo de amargura, perplexidade e constrangimento. Os comunistas não podiam acreditar que o maior gênio da humanidade poderia ter cometido tamanhas atrocidades.

Confirmada a veracidade do documento de Krushev, a direção do PCB decidiu iniciar o temido debate. Maria Benedita da Cruz, vencedora do Concurso sobre Stálin, não tinha conhecimento das atrocidades e do extremo autoritarismo do seu líder. Em 1949, convencida e feliz, ela enviara seu artigo à redação do Jornal Voz Operária, relatando como foi ter visto Stálin pela primeira vez. Ao vivo? Não, através de um relato de seu pai:

Lembro-me de que, uma tarde, chegando meu pai de volta do trabalho com um exemplar do ‘Estado de São Paulo’, vinha tão contente como se tivesse tirado a sorte grande na loteria. [...]

– Hoje sim, dizia ele. Estou contente. E sabem por que esta minha alegria? É porque na Rússia os operários derrubaram o governo e o entregaram ao filho de um sapateiro. Agora sim, esses ricos vão ver o quanto vale o braço de um trabalhador. O homem que dirige uma casa também pode dirigir uma nação (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Maria Benedita afirmava que depois de ter visto Stálin pela primeira vez “como se fosse um conto de fadas”, ela reconhecia:

ele é um fato, existe, e é o grande amigo dos povos oprimidos e de todos antifascistas e democratas e o maior inimigo dos fabricantes de bombas atômicas e dos instigadores de guerra (Voz Operária, 17 de dezembro de 1949).

Assim, o suposto “herói” de Maria Benedita não era um conto de fadas, ele realmente existia!

Com a morte de Stálin, sucedida pouco após as denúncias de Krushev, a União Soviética perderia um pouco do brilho, do encanto, da magia que se irradiava aos comunistas do Brasil e do mundo.

3.6. A democracia da URSS

A propaganda da existência de uma democracia plena, real e participativa foi uma das maneiras que o PCB encontrou para valorizar o Estado soviético. A democracia da URSS servia de contraponto à democracia dos EUA e do Brasil.

Os comunistas alegavam que as democracias dos países capitalistas privilegiavam apenas as decisões dos ricos, da burguesia; já nas democracias populares e socialistas os trabalhadores tinham voz e poder de decisão, apareciam como os donos dos seus destinos.

O PCB afirmava que a democracia na URSS se sustentava “na propriedade socialista sobre os instrumentos e meios de produção”. Assim, o Partido não hesitava em afirmar que a URSS abrigava “a maior democracia do mundo” (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Um artigo do Partido publicado em 1946 comentava que reconhecimento da força dessa democracia se dava nas urnas, apontando um índice de 96% de participação do eleitorado soviético nas eleições do país.

Outro artigo acrescenta que a grande participação se dava por motivos óbvios: as massas demonstravam “o grau de consciência política [...] o seu profundo e apaixonado interesse pela prática do socialismo, sua confiança no governo soviético, em Stálin, o grande comandante do Partido Bolchevista” (A Classe Operária, 15 de fevereiro de 1947).

Em um artigo do professor A. Denisov, o PCB busca demonstrar que na URSS o sufrágio universal havia se tornado um direito pleno:

O sufrágio universal significa que todos os cidadãos, a partir dos 18 anos, podem participar das eleições, independentemente de sua raça, nacionalidade, sexo, religião, residência, origem social, grau de instrução, situação econômica ou de suas atividades passadas, com exceção dos alienados ou as pessoas condenadas pelos tribunais a uma pena que implique na privação dos direitos eleitorais (A Classe Operária, 23 de março de 1946).

O PCB reconhecia que a consagração do Partido Bolchevique em todas as eleições da URSS refletia o reconhecimento dos povos soviéticos diante do artífice do socialismo e de sua fiel democracia. Argumentando sobre o papel do Partido Bolchevique, o PCB ratifica que sem ele não haveria a União Soviética. O Partido Comunista da União Soviética era considerado o motor da vida política, cultural e econômica do povo soviético.

Tendo Stálin e o Partido juntos, a URSS alcançava o posto de Nação poderosa,

sintetizando a receita comunista para o êxito de uma revolução (Voz Operária, 18 de novembro de 1950).

Os partidos comunistas, de tão democráticos que eram, nem presidentes tinham, eis a crença comunista. Ao responder à pergunta de um leitor que indagava sobre o porquê da inexistência de presidentes nos partidos comunistas, Prestes argumentou que esse formato refletia a inexistência de privilégios nas mãos de uma única pessoa:

2º - Em qualquer sociedade onde há presidente, este é colocado acima dos demais diretores que lhes prestam obediência. Por isso não há presidente na maioria dos Partidos comunistas (A Classe Operária, 1 de março de 1947).

Prestes continua, contra-argumentando a suposta “calúnia” que sofriam os comunistas quando eram acusados de terem Stálin como presidente e chefe de todos os partidos comunistas do mundo:

Quanto á opinião, de ser Stálin o presidente dos Partidos comunistas, é uma calúnia como a do “ouro de Moscou”, “imperialismo russo”, e outras que tais. Acresce ainda o fato de que o próprio Partido Comunista da URSS não tem presidente (A Classe Operária, 1 de março de 1947).

A ideia de partido único também recebia uma justificativa. A suposta inexistência de classes sociais antagônicas justificava a existência de apenas um único partido, o comunista.

Um artigo do comunista francês Fernand Grener se apoia na argumentação de Stálin sobre a dominação do PCUS no cenário político soviético. Stálin teria afirmado:

Em nosso país não temos partidos que se combatam entre si, porque não temos classes que lutam entre si: capitalistas e trabalhadoras. [...] Nossa sociedade é composta somente de trabalhadores livres da cidade e do campo, de operários, de camponeses, de intelectuais. Cada um destes setores da população tem interesses peculiares e manifestam esses interesses através das numerosas organizações sociais existentes.

Assim, as distâncias políticas entre os grupos diminuam:

Mas, em vista de não existirem classes como tal, a distancia entre estes grupos sociais está diminuindo continuamente e não há terreno propício ao desenvolvimento de partidos que se guerreiam entre si. Onde não existem varias classes não podem existir vários partidos, um partido sendo parte de uma classe (A Classe Operária, 13 de julho de 1946).

Assim, o Partido Comunista e os espaços de representação do povo soviético davam conta das necessidades organizativas da população, de modo que outros partidos serviriam

apenas de adereços.

Juntamente com o partido e as entidades organizativas, outros símbolos, como a bandeira vermelha, os hinos, a foice e o martelo, serviam de arsenais para a construção do imaginário sobre a União Soviética. A “fortaleza soviética” se apresentava como uma sociedade divergente do universo estadunidense, desde o modelo de Partido, a concepção de Estado, a forma do regime, as práticas do governo, o modo de vida, os símbolos, etc.

Uma situação interessante se refere à explicação do Partido sobre o significado dos símbolos do comunismo: a foice e o martelo. A uma carta enviada pelo senhor Antônio Bento, o Partido tratou de responder o sentido desses dois símbolos máximos do comunismo:

O símbolo [...] nasceu na Revolução Bolchevista em 17, quando os Sovietes marchavam para o poder. Significa a aliança dos trabalhadores das cidades com os camponeses [...]

Ao martelo dos operários aliou-se a foice dos camponeses e o símbolo daí em diante adquiriu significação universal como o símbolo de todos os explorados e oprimidos do mundo inteiro, o símbolo da vanguarda dirigente da classe operária e dos camponeses, os Partidos Comunistas (A Classe Operária, 8 de fevereiro de 1947).

O Partido Comunista é apresentado como a encarnação dos interesses da classe trabalhadora, a alavanca capaz de mover o mundo. Desse modo, seus símbolos assumem importância e representatividade, pois eles se remetem à classe operária e camponesa.

A resposta do PCB segue, alegando que os símbolos fizeram parte do progresso da humanidade. Da mesma forma que os cristãos adotaram a cruz, os liberais adotaram o facho, os comunistas adotaram a foice e o martelo.

Segundo a resposta, “os símbolos nascem e se tornam universais quando interpretam ideais e sentimentos comuns a todos os povos, a toda a humanidade” (A Classe Operária, 1 de março de 1947); ou seja, o comunismo havia se tornado um movimento internacional.

Segundo afirmava o PCB em 1947, esse internacionalismo se tornava visível no crescimento do número de militantes e parlamentares das organizações comunistas de todo o planeta. Para o PCB, o fortalecimento da democracia de qualquer país estava diretamente ligado ao crescimento da influência dos comunistas na consciência das massas. Com o avanço do comunismo avançava a democracia e a liberdade.

No intuito de realçar que esse avanço foi autêntico e expressivo, o PCB publicou um gráfico que apontava o crescimento dos comunistas no mundo. Esse gráfico aponta um total de mais de 18 milhões e 500 mil comunistas espalhados pelo globo.

Reproduzimos aqui (tabela 2) os índices estimativos referentes ao tamanho dos partidos comunistas em alguns países do mundo em meados de 1947. A tabela está dividida em número de membros e de parlamentares:

Tabela 2 – Índice estimativo do número de comunistas no mundo:

Países	Membros	Parlamentares
Brasil	180.000	17
Argentina	30.000	-
Chile	50.000	20
Estados Unidos	74.000	-
Peru	35.000	5
Uruguai	15.000	5
China	2.000.000	-
Japão	5.000	5
Líbano	15.000	-
Austrália	25.000	1
Eritreia	200	-
URSS	6.000.000	-
França	1.300.000	169
Grécia	400.000	-
Itália	2.300.000	105
Noruega	33.000	11
Rumania	500.000	58

Fonte – A Classe Operária, 1947.

Os dados são estimativas feitas pelos próprios comunistas, mas sugerem certa veracidade, pois alguns números coincidem com levantamentos feitos por pesquisadores. Um exemplo claro é o do Brasil.

Os comunistas se colocavam como os verdadeiros intérpretes e herdeiros das aspirações populares, tendo na URSS o centro da democracia. Os comunistas brasileiros se sentiam amparados e sustentados para qualquer batalha contra as “ditaduras”, seja de Vargas, seja de Dutra. O ponto de apoio soviético servia de auxílio para esses embates.

Conscientemente ou não, esse contraponto às democracias capitalistas contribuiu para

acobertar os crimes do stalinismo, pois o PCB não fez nenhuma reflexão sobre o autoritarismo existente na URSS. É o que se pôde observar no período inicial da Guerra Fria até a morte de Stálin.

3.7. Abundância e bem-estar na Pátria dos Planos Quinquenais

O imaginário do PCB sobre a realidade econômica da URSS indica uma realidade de bem-estar, abundância e conforto vivida pelos cidadãos soviéticos. Estes são apresentados como cidadãos que gozam do direito da propriedade pessoal, adquiridores de bens de consumo, dotados de emprego pleno e de vida digna. Não lhes faltavam casa, emprego, saúde, renda, lazer, alimentação e vestuário. Reinava a harmonia, a paz e o equilíbrio - isso é o que se transborda do imaginário dos comunistas brasileiros a respeito da União Soviética.

Para Orlando Figes (2010, p. 217), a realidade divergia desse universo de igualdade e equilíbrio. Em uma definição ácida, o autor afirmou que a URSS era uma sociedade “altamente estratificada” e mantenedora de uma “hierarquia rígida de pobreza”.

O PCB procurou divulgar que o fulgor e o dinamismo característicos da URSS se potencializavam com a realização dos Planos Quinquenais. Esse projeto audacioso e progressivo se aplicava no Estado soviético do *Marechal* Stálin.

Desde o Primeiro Plano Quinquenal, a promessa estava na construção de uma sociedade industrial moderna. Para Orlando Figes, os Planos ajudavam a fomentar a crença “no progresso socialista”, na aproximação da utopia soviética, portanto, os sacrifícios recebiam uma justificativa ideológica (FIGES, 2010, p. 153).

A lógica de resultados rápidos, em tempos menores, tinha surgido na própria URSS. Em um pôster (figura 17) da década de 1930, referente aos planos Quinquenais, vislumbra-se essa intenção do Estado soviético:



Figura 17 – $2 + 2 = 5$. A aritmética de um plano industrial/financeiro somado ao entusiasmo dos trabalhadores.

Fonte: www.communisme-bolchevisme.net/images_urss_soviet_posters.htm

Para Eric Hobsbawm (2002, p. 372), de fato, o Plano Quinquenal de 1930, mesmo com os desperdícios e ineficiências, transformou um país atrasado e isolado em uma Nação industrializada; mas para Hobsbawm (2002, p. 375), o sistema soviético tinha como função garantir industrialização, dando ao povo algo acima da subsistência.

Sobre os êxitos do Planos, afirmava uma matéria especial do PCB que os planos Quinquenais tinham resultados tão arrojados, que superavam os seus próprios limites. No campo industrial, os setores petrolíferos, siderúrgicos, mecânicos e metalúrgicos, a produção de eletricidade, a extração de minérios, a construção de ferrovias, além de muitas vezes serem restaurados, ainda aumentavam a sua capacidade de produção (A Classe Operária, 1 de junho de 1951).

Um artigo do *Voz Operária* informava que a força da indústria soviética rendera ao país a primeira posição na Europa durante a década de 1940:

AGORA, A UNIAO SOVIÉTICA OCUPA O PRIMEIRO LUGAR NA EUROPA EM TODOS OS RAMOS DA PRODUÇÃO DA INDÚSTRIA PESADA, COMBUSTÍVEL, METAL, CONSTRUÇÃO DE MÁQUINAS, PRODUTOS QUÍMICOS, ETC. (*Voz Operária* 27 de agosto de 1949).

Afirmava a nota que indústria não só vivia momentos de crescimento, mas também

dispunha de novos produtos e materiais desenvolvidos pela ciência soviética. A descoberta de um novo piso para ser usado nas construções fortalecia essa visão. O produto custava mais barato, era mais leve e mais seguro (Voz Operária, 8 de abril de 1950); ou seja, ao invés do desperdício e do superfaturamento, típicos de uma economia capitalista, restava à URSS a precaução e o planejamento.

A agricultura, da mesma forma, demonstrava seus avanços, apresentando expansão, ampliação de sua base material/técnica e aumento de sua produção.

No setor de transportes, havia crescido o tráfego marítimo, rodoviário e ferroviário. Nas comunicações, houvera um significativo crescimento das redes de rádio, das linhas postais aéreas e de telefonia.

Na agricultura, num artigo do economista soviético Partigul, os camponeses aparecem como desfrutadores da mesma abundância dos operários:

Maior colheita, maior reprodução do gado, maiores são também os ingressos dos trabalhadores das fazendas coletivas. A agricultura socialista está dotada de uma técnica de vanguarda e se baseia na ciência agrônômica mais avançada, o que garante o crescimento ininterrupto da produtividade e, por conseguinte, o aumento ininterrupto do orçamento dos kolkosianos ((Voz Operária, 8 de abril de 1950).

O PCB, sem titubear, garantia que o PCUS teria erradicado os problemas relacionados à falta de terra e à pobreza dos camponeses. Além disso – continuava o artigo de Rodionov - o campo soviético chegou ao posto de mais adiantado e progressista do mundo. Os campos haviam conquistado luz elétrica. Satisfeito, o Partido trazia a notícia da URSS de que estava “sendo concluída a eletrificação total das aldeias das regiões de Moscou, Riasán, Cheliabinsk e outros” (Voz Operária, 14 de janeiro de 1950).

Noticiava o PCB que a mecanização agrícola, apenas em 1949, teria conquistado 150 mil tratores, 29 mil máquinas de ceifar e colher, mais de 1.600.000 máquinas diversas (Voz Operária, 10 de dezembro de 1949).

Por meio das grandes fazendas coletivas, os agricultores contavam com a garantia perpétua de terem a posse sobre a terra. O fantasma da pobreza e da falta de terra nunca mais teria assombrado os ex-pobres camponeses (Voz Operária, 14 de janeiro de 1950).

À vitalidade dos Planos Quinquenais se somava o aumento da renda nacional, que se ampliava sensivelmente, dando condições efetivas para o Estado investir na sociedade soviética. Convicto, acreditava o Partido que aumentava sem cessar o nível de vida material e cultural dos soviéticos.

Esses se tornavam os benefícios e virtudes da sociedade soviética: uma sociedade planejada, que pensava minuciosamente cada medida a ser adotada. Situação distinta ocorria na “anarquia” das sociedades capitalistas, na opinião do PCB.

Garantia o Partido que, na URSS, mesmo assegurado o direito individual de propriedade, as fábricas, as terras, a saúde, a educação, a cultura, a arte, tudo estava nas mãos do Estado. A única limitação se referia à especulação dos bens individuais. Especular, sublocar, obter renda e lucro sobre os bens individuais foi expressamente proibido na sociedade soviética, segundo o informe do PCB. Os cidadãos podiam vender, transferir, herdar, trocar, porém se utilizar de subterfúgios do capitalismo, como a especulação e a usura, isso estava proibido por lei.

Defendendo-se das críticas que sofriam sobre a inexistência de propriedade individual na URSS, o PCB afirmava que isso não passava de uma calúnia. O PCB garantia que inclusive “o roubo, a pilhagem, a propriedade ilegal e o dano intencional à propriedade são castigados com severas penas de prisão” (A Classe Operária, 2 de outubro de 1948).

Ao demonstrar a existência de uma lei que punia o roubo da propriedade individual, o PCB dava sua comprovação da existência de propriedade particular em um país comunista.

O PCB fazia questão de denominar a propriedade privada na URSS como propriedade individual, diferenciando-se do conceito de privado, utilizado nas sociedades capitalistas. O Partido fortalecia esse argumento demonstrando que o direito à casa não havia sido destruído; ter casa não só era permitido, mas tinha a garantia por lei do próprio Estado.

Num primeiro momento da Revolução, as grandes e médias casas da cidade teriam sido expropriadas pelo Estado, que tinha como pressuposto pôr fim à especulação imobiliária. Apenas as casas dos camponeses pobres se mantiveram (as herdadas ou construídas por eles próprios), por isso o déficit urbano de moradias precisou ser suprido pela realização dos Planos Quinquenais.

Como, com a II Segunda Guerra Mundial, muitas moradias foram arrasadas e o plano de moradias do Estado não conseguia suprir totalmente a demanda, nesse sentido, incentivou a construção de casas pelos próprios cidadãos (Voz Operária, 25 de novembro de 1950). Desde que essas casas não interferissem no plano urbano das cidades, a partir do segundo semestre de 1948 elas estavam autorizadas.

Enganavam-se do mesmo modo, aqueles que, caluniosamente, afirmavam que na URSS os salários de profissionais liberais se igualavam aos salários de operários e

camponeses. Um artigo tratou de desfazer essa confusão:

A União Soviética não é este país que pintam por aí, onde o “boy” de laboratório tem o mesmo salário do homem de ciência e o operário qualificado, o mesmo salário que o trabalhador braçal. O cidadão soviético acha perfeitamente normal e justo que o sábio seja melhor remunerado que o “boy” de laboratório e que, na fábrica um ajustador seja melhor remunerado que um aprendiz (Voz Operária, 26 de novembro de 1949).

Não obstante, Orlando Figes (2010, p. 220-226) sustenta que a moradia mais comum na URSS eram os apartamentos comunais (*kommunalkas*). Compreendiam um único apartamento que reunia muitas famílias, que compartilhavam tudo: uma cozinha, um lavabo e um banheiro. Em condições duras, conflitos aconteciam por causa da falta de espaço, do sumiço de alimentos, dos roubos nos quartos e do barulho.

Sobre a distribuição de salários, o PCB mostrou a existência de um salário mínimo, que correspondia aos gastos com habitação, alimentação e vestimenta. A instrução e a assistência médica não eram incluídas nesse orçamento previsto pelo salário mínimo, pois recebiam cobertura quase integral do Estado (Voz Operária, 26 de novembro de 1949).

No marco das ajudas do Estado, o PCB informou que bilhões se destinavam ao aumento do conforto da população. Como exemplo, cita a aprovação, em 1949, de 17 bilhões e 491 milhões de rublos para a melhoria da vida dos trabalhadores soviéticos. Essa soma se destinava aos pensionistas, aos sanatórios e balneários e às estações de férias (Voz Operária, 3 de dezembro de 1949).

Outra suposta falácia, desmentida pelo PCB, esteve relacionada ao mercado negro. Para o Partido, ele não existiu, e falar sobre sua existência significaria que a população soviética sofria duramente da falta de algum bem de consumo. O que acontecia - esclarece o Partido - era o chamado setor livre, ramo no qual as pessoas procuravam os produtos de luxo e complementares (Voz Operária, 3 de dezembro de 1949).

Ademais, essa procura acontecia raramente, visto que as necessidades e prazeres dos povos que viviam nas repúblicas soviéticas eram praticamente todos atendidos - ratificava o Partido.

O PCB difundia a ideia de conforto e bem-estar na sociedade soviética, demonstrando os benefícios oferecidos pela Pátria do comunismo. Um aspecto muito propagandeado foi o orçamento dos trabalhadores soviéticos. Para demonstrar a vitalidade do poder aquisitivo dos trabalhadores, o artigo de Partigul afirmava que o orçamento dos operários da URSS não se

limitava ao salário em dinheiro:

A este se devem acrescentar, pelo menos, as ajudas durante as doenças e outras, a título de seguro social do Estado, o pagamento de férias anuais, a instrução gratuita nas escolas e as fardas dos estudantes, a assistência médica, os gastos do Estado para a elevação da qualificação dos operários e para a manutenção das instituições infantis, os subsídios às mães de famílias numerosas, etc. Tudo isto aumenta de forma complementar o salário médio do operário e do empregado em 38 por cento (A Classe Operária, 25 de dezembro de 1948).

Outro aspecto que indicava justiça na URSS consistia nas jornadas de trabalho, sempre regradas e justas, impedindo qualquer tipo de maltrato e onerosidade. O PCB afirma que a jornada média na URSS estava em torno de oito horas, mas sofria variações de acordo com a qualificação e a dificuldade do trabalho.

Para os médicos, professores, pesquisadores científicos e intelectuais, a jornada teria duração média de 3 a 5 horas. Para os trabalhos pesados se destinava uma jornada de quatro horas, sendo que, para cerca de 200 profissões, a jornada estaria na média de seis horas (Voz Operária, 28 de outubro de 1950).

Segundo o PCB, essas jornadas dos trabalhadores, na maioria dos casos, desenvolviam-se nas mãos de homens e mulheres qualificados, pois o apoio do Estado na elevação dos conhecimentos e técnicas foi incisivo.

Afirma ainda o PCB que, ao lado de jornadas saudáveis e justas, os trabalhadores recebiam férias que lhes permitiam descansar com tranquilidade. Como exemplo, noticia que 10.000 operários da cidade de Kárkov, na Ucrânia, teriam partido de férias para as praias e as montanhas. Todo esse privilégio teria sido custeado pelo Estado (Voz Operária, 10 de junho de 1950).

Os filhos dos operários, do mesmo jeito, recebiam benefícios. Nos campos de veraneio de Moscou, teriam ido descansar 37.000 crianças em 1950, e o sindicato que cuidava dessas crianças dispunha de 17 milhões de rublos para custear as despesas.

A qualidade de vida dos trabalhadores da União Soviética se tornava insuperável e era invejada pelos trabalhadores dos países capitalistas, em que patrões algozes e sanguinários nada ofereciam aos trabalhadores.

Na ânsia dessa qualificação da vida dos trabalhadores, o PCB indicou que, apenas no segundo trimestre de 1950, haviam sido formados 500 mil jovens nos mais diversos cursos de ensino superior, técnico e médio (Voz Operária, 2 de setembro de 1950).

Um dos destinos dessa expansão da qualificação profissional foi a saúde, haja vista a

ampliação do número de médicos e profissionais da saúde. Nesse setor, o PCB informa que só no primeiro trimestre de 1949, o número de profissionais havia saltado para 950 mil pessoas (Voz Operária, 10 de setembro de 1949).

Dessa forma, a população soviética estava sempre disposta, saudável e entusiasmada para a vida e para o trabalho. Conforme sustentava o PCB, os cidadãos soviéticos recebiam um acompanhamento da saúde de alto padrão, com profissionais qualificados, custeados pelo próprio Estado. No marco dessas benesses, seguros sociais também eram estabelecidos para darem o máximo de segurança e estabilidade aos trabalhadores na URSS. O Partido chegou a calcular que, de 1937 a 1949, esse orçamento chegou a crescer 307% na URSS. Apenas em 1949, teriam sido destinados 87 bilhões e 500 milhões de cruzeiros, ou seja, mais do que a renda total do Brasil durante 4 anos e meio⁵⁴ (Voz Operária, 15 de outubro de 1949).

Numa economia extremamente planejada e coletiva, o acesso aos artigos de consumo crescia ininterruptamente. O economista soviético Partigul tentou demonstrar o aumento do consumo de roupas, calçados, pão, açúcar, carne, etc.

Além do acesso facilitado aos bens de consumo, os preços sofriam reduções pelas mãos afetuosas do Estado de Stálin - garantia um artigo do PCB sobre a queda nos preços na URSS. O artigo aponta uma redução entre 10% e 30% do preço de gêneros alimentícios, restaurantes e hotéis, diferentemente do Brasil, que teve um aumento de mais de 600% do custo de vida, desde 1939 (A Classe Operária, 5 de abril de 1952).

Orlando Figes (2010, p. 217), com um olhar mais distante da visão do PCB, escreveu que na URSS existia privação de bens de consumo. Para amenizar essas carências, a população recorria a alternativas como o “mercado negro” e a “troca de favores”.

Segundo a visão comunista, além de todos os benefícios recebidos, a população ainda gozava de um aconchegante lar para descansar e desfrutar da vida.

Segundo o PCB, com muitas moradias arruinadas depois da invasão dos nazistas, as mãos de Stálin rapidamente corrigiram esse horror, garantindo o direito à habitação.

Contabilizando 25 milhões de pessoas sem lar após a II Guerra Mundial, o Plano Quinquenal do pós-guerra tratou de construir cinco milhões de metros quadrados, totalizando dois milhões de casas para morar (Voz Operária, 10 de dezembro de 1949).

Com a equalização das leis de trabalho, alta aptidão técnica, distribuição de renda justa

⁵⁴ A intenção não é cotejar esses dados com outros, pois o que conta é que eles eram vistos como verdadeiros pelos comunistas e eram importantes na formação do imaginário de superioridade soviética.

e igualitária, o imaginário do PCB criava uma sociedade que através da agricultura, da pecuária e da indústria, voltava sua economia aos interesses populares. Todos os esforços do país referentes à pesquisa, à produção e à distribuição da riqueza tinham como foco o suprimento das necessidades dos soviéticos. Essa vida agradável e confortável aparecia como uma situação assegurada e evidente. Assim ganhava contornos a visão do PCB sobre a capacidade de fornecimento do Estado soviético.

O cidadão soviético, diferentemente do brasileiro e daqueles que viviam em países capitalistas, não precisava se pensar se teria comida em sua mesa, se faltaria emprego ou se lhe faltaria teto, pois de forma facilitada e eficaz, o Estado soviético lhe garantia isso.

Na URSS, as famílias recebiam proteção do Estado, não tinham nenhum risco de lhes faltarem emprego, moradia, energia, água, alimento, etc. Segundo o PCB, o sistema soviético havia criado

condições para o fortalecimento dos laços do lar e da família na URSS, eliminando as causas da miséria, do desemprego, da exploração capitalista, da insegurança e das tremendas dificuldades na manutenção da família e na realização do casamento que existem e se agravam nos países capitalistas (A Classe Operária, 30 de novembro de 1946).

Afortunados aqueles que experimentavam e gozavam do conforto e da alegria dos solos soviéticos - esse era o imaginário do PCB.

3.8. O florescer da cultura e da arte: a construção de uma nova civilização

Habilmente, o PCB tratou de incorporar no seu imaginário uma visão deslumbrante e encantada a respeito dos desdobramentos culturais, artísticos e educacionais da URSS.

Sob o poder dos bolcheviques, a instrução, o conhecimento e a criatividade teriam alcançado uma posição de requinte e perfeição, características dignas de uma civilização de excelência. Nesse imaginário esteve embutida a noção de florescimento das capacidades do homem, de todas as suas forças – materiais/espirituais/intelectuais/físicas – enaltecidas da personalidade humana.

Observando-se atentamente, torna-se certo o esforço do Partido para criar um ambiente de florescimento, renovação e criação de valores exclusivos do mundo comunista. Essas qualidades se tornavam intransponíveis e fundadoras de uma nova civilização. Em basicamente três grandes campos – educação, esporte e arte – o PCB condensou seu conceito

de florescimento das alavancas que gerariam a nova civilização.

Em seções sobre as notícias da URSS, na reprodução de artigos soviéticos, na produção de visões próprias da organização, o PCB buscou transcrever os “magníficos” avanços da civilização soviética.

Em uma consciente tentativa de comprovar esses progressos em números, o Partido reproduziu um artigo de um professor chamado Ególin. O texto de Ególin aponta dados sobre o número de alunos matriculados, a quantidade de bibliotecas, a tiragem da imprensa, o crescimento de intelectuais e a expansão das instituições de pesquisa e ensino.

Em relação à instrução geral da população, o artigo indica que, nas escolas primárias e secundárias, os números saltaram de 8.025.000 em 1914 para 34.800.000 em 1940.

Segundo o PCB, com boas refeições, excelente estrutura, professores capacitados, os filhos e as filhas da União Soviética recebiam educação em escolas de alto nível. Além de contarem com escolas excelentes, os estudantes podiam descansar em suas férias escolares nas casas de campo do país. Apenas em 1949, teriam sido destinados cerca de 1.162.000.000 de rublos para melhorar as estruturas dessas casas de campo.

Saltos semelhantes aconteciam na alfabetização. O PCB sustenta que na Rússia Czarista apenas 27% da população sabiam ler e escrever e que após a Revolução esse número teria saltado para 80% (A Classe Operária, 7 de novembro de 1946).

No ensino superior, os cálculos chegavam a um número de 550.000 alunos. Para os comunistas, essa cifra superava o número de universitários das grandes potências da Europa e do Japão reunidos. Não faltavam livros, nem bibliotecas para suprimir as leituras dos soviéticos. O PCB afirma que em 1914 a Rússia possuía 12.600 bibliotecas e que em 1939 esse número havia saltado para 77.600. A soma de livros chegava a 147.800.000 em 1939, sendo que em 1917 era de apenas 18.900.000 exemplares.

Os reflexos desses avanços teriam acontecido também no campo das publicações. O PCB informa que em 1940 teriam sido publicados 38.300.00 periódicos. Em 1937 foram publicados jornais em cerca de 70 idiomas, e livros, em 111.

Com bibliotecas recheadas de livros, os números apontados pelos comunistas a respeito da formação de intelectuais totalizavam 9.600.000 pensadores. Esses números também refletiam o esforço de expansão das ciências na URSS.

Segundo o Partido, os méritos na educação da URSS se expressavam em duas contundentes provas: o fato de a maior universidade do mundo estar na URSS e a extinção do

analfabetismo. A maior universidade do mundo estava localizada em Moscou, próxima do Kremlin. Situada na Rua Mokhovaia, a universidade contava com 11 faculdades, divididas em 10 edifícios, constituintes da “alma mater” soviética.

Parte dessa expansão soviética ainda teria como mérito a fundação de 53 institutos de investigação, 35 estações, 16 laboratórios e 31 comissões de ciência, todas ligadas à Academia de Ciências da URSS.

O aumento de cientistas se demonstrou significativo no país dos Sovietes - garantia o PCB. O contingente de cientistas teria alcançado a cifra de 40.000, em 1946 (A Classe Operária, 2 de novembro de 1946).

O artigo do professor Ególin concluiu que, para todo esse processo de desenvolvimento das ciências humanas e da educação na URSS, a compreensão e absorção das obras de Lênin e Stálin foram vitais. Sem essas obras constituintes do “Marxismo Clássico”, provavelmente as reservas intelectuais dos cientistas, pensadores e pesquisadores soviéticos seriam mais rasas.

Juntamente com as exaltações à educação na URSS, surgiam críticas à instrução nos EUA, que, segundo o PCB, preferiam fabricar um novo canhão a construir uma nova na escola.

Na URSS, a situação tergiversava completamente. A criação de novas escolas e de universidades não cessava, e na mesma intensidade, a ampliação e o aumento do número estudantes não se continham. Isso acontecia porque a ciência, a técnica e a educação estavam a favor do povo (A Classe Operária, 22 de maio de 1948).

Acrescenta o PCB que no interior das artes e da cultura o universo não diferia dos avanços e saltos ocorridos com a educação. Teatro, memória, cinema, dança (principalmente o balé), música, pintura, literatura, todas essas esferas viviam seus momentos de efervescência e apogeu durante o regime stalinista. É possível apresentar alguns rápidos casos dessa ebulição.

Sobre o cinema, meio considerado vital para a sustentação da Revolução, o PCB informou que as redes, os aparelhos de produção e os cinemas itinerantes não paravam de aumentar (Voz Operária, 29 de julho de 1950).

Outra medida de importância para a URSS foi a preservação da memória da Revolução. O Museu da Revolução, localizado em Moscou, foi um canal utilizado por Stálin para preservar a história da Revolução, vista sob a ótica do stalinismo. Nele estavam guardadas as primeiras edições clandestinas das obras de Lênin e Stálin, edições do periódico

bolchevique *Iskra*, livros editados em russo, mais de 400.000 objetos diferentes. O museu teria recebido, desde a sua fundação, mais de 13 milhões de pessoas (Voz Operária, 3 de dezembro de 1950).

Uma esfera da sociedade soviética que foi fortemente propagandeada, tendo recebido muitos investimentos, foi a do esporte. Os soviéticos tinham uma profunda paixão pelas práticas esportivas. O Estado soviético, atento a essas aspirações, tratou de se utilizar disso para fortalecer seu elo com o povo.

O PCB publicava várias notas, tiras e artigos sobre a força dos esportes na URSS. Talvez isso tenha acontecido, pois o PCB reconhecia que o povo brasileiro guardava um forte apego aos esportes, principalmente ao futebol.

Uma das vantagens reconhecidas pela URSS era a grande quantidade de recordes batidos pelos soviéticos; as superações chegavam ao cume da valorização.

Em uma nota, o PCB noticia que, após a Revolução, dos 295 recordes mundiais conquistados em atletismo, levantamento de pesos, patinação e tiro, 68 estavam nas mãos dos soviéticos.

Os soviéticos ainda haviam conquistado o Campeonato Mundial de Xadrez, pela habilidade do enxadrista Mikhail Botvinnik (A Classe Operária, 1 de setembro de 1951).

O PCB se vangloriava de que os esportes coletivos, considerados importantíssimos, por incentivarem a solidariedade, superavam em número de esportistas essas práticas em outros países do mundo. A estrutura disponibilizada para as práticas esportivas ultrapassava a cifra de 4.000 edifícios, tendo ainda 15 institutos de estudo, vários órgãos científicos de cultura física e centenas de escolas esportivas. As despesas do Estado com os esportes superavam os 30 milhões de rublos (Voz Operária, 8 de outubro de 1949).

Existia também uma editora do Estado dedicada exclusivamente à edição de assuntos esportivos, atingindo milhões de exemplares. O futebol, além do xadrez, também recebia valorização no país. Os dois principais times de futebol foram o Dynamo e o Torpedo.

O Dynamo estava entre os animadores do esporte soviético, e de tão importante, transformou-se em uma sociedade esportiva. O clube, fundado por Felix Dzerjinsk⁵⁵, iniciou com pouca estrutura, mas ao longo de 25 anos tornou-se uma organização que teria promovido a construção de 113 estádios de futebol, estações de esportes náuticos, piscinas,

⁵⁵ Foi um bolchevique de origem polonesa. Dzerjinsk foi um dos fundadores e dirigentes da Cheka, a Polícia Secreta Bolchevique, que no período stalinista se chamaria NKVD. A partir de 1954 passaria a se chamar KGB.

casas de cultura física, campos e salas (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Por meio dessas esferas, o PCB buscava criar um ambiente de equilíbrio, florescimento e fulgor da cultura, da arte e da educação na União Soviética. Esse imaginário resultou em uma frustração com a realidade brasileira, sempre criticada e atacada pelo Partido.

No Brasil, a educação não tinha qualidade, a memória construída pelos governos estava pautada em uma história da classe dominante e as artes tinham o acesso restrito aos mais ricos e abastados. O país vivia o atraso, o conservadorismo, a restrição, o sufocar, o retrógrado, o descaso e o conformismo.

A URSS pulsava diferente: vivia fervor, expansão, efervescer, por isso, representava uma nova civilização em construção.

Os comunistas brasileiros provavelmente lutavam e propagandeavam os feitos da URSS por almejam concretizar uma sociedade melhor no Brasil, talvez até semelhante à soviética. As ilusões continuaram projetadas para fora do país, sempre acenando a possibilidade de ela ser vivida no Brasil; no entanto, essa utopia não se concretizou no país.

3.9. A dívida dos brasileiros com a URSS

O imaginário do PCB sobre a situação dos brasileiros e do Brasil foi marcado por uma visão negativa, afinal, o “paraíso” estava do outro lado do oceano. A ansiosa busca por confirmar a primazia da URSS sobre o Brasil fazia parte de uma autoafirmação interna para ser refletida em uma contemplação externa.

A realidade do país, observada no início da Guerra Fria, vivia uma encruzilhada fatalista: “progredir ou perecer”, assim eram colocadas as vias para o desenvolvimento do Brasil.

Essa dualidade da consigna, dita por Euclides da Cunha 40 anos antes do início da Guerra Fria, tinha um caráter modernizador, de contraposição ao atraso. Com um povo “miserável e sofredor, cada dia mais explorado e oprimido e, hoje, mais do que nunca, ameaçado de dias cada vez mais negros, tristes e dolorosos”, (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948), o PCB criava um ambiente nebuloso para o país.

O Brasil, administrado de forma submissa e truculenta, beneficiava os interesses da burguesia e dos imperialistas. Segundo o PCB, os ricos levavam o povo à mais completa

humilhação, agonia e escravização. Uma imagem dessa visão pode ser vista na descrição do Partido sobre governantes e poderosos do Brasil:

(...) é esse governo Dutra de advogados da Light, de empregados da Standard Oil; são os Correia e Castro, os Daniel de Carvalho, os Bouças, os Carlos Barreto, os Pereira Lira; é a política externa dos Raul Fernandes e João Neves; são os jornalistas venais, os Chateaubriand, os Roberto Marinho, e tantos outros (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Para o Partido, esses homens não representavam os interesses populares:

(...) é enfim, toda uma corja de traidores que só pensa em defender interesses egoístas e privilégios mesquinhos e por isso se entrega e se oferece ao patrão estrangeiro, ao 'colosso' norte-americano, na esperança de que o dinheiro de Wall Street e as armas do governo de Washington ainda cheguem a tempo de sufocar a revolta do povo e de salvar essa ordem social semi-feudal e já quase colonial, em virtude da qual, por menos que ganham, sabem que ocupam uma posição privilegiada, de parasitas e exploradores (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948).

Para o PCB, as elites transformavam o país numa verdadeira bancarrota. O povo não tinha casa, transporte coletivo, saúde, educação, lazer; a população estava completamente pobre e miserável.

A miséria chegava a um nível tão deplorável, que a alimentação média do brasileiro fornecia apenas 1700 calorias diárias, nível considerado abaixo do necessário para uma vida física e mental saudável (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948), garantia o PCB.

Essa calamidade não atingia apenas os camponeses e operários, mas também os setores da classe média. Os intelectuais, os comerciantes, os artesãos, os funcionários, os pequenos produtores, todos sofriam com a voracidade das elites brasileiras.

Os estudantes, considerados os sujeitos do futuro, amargavam dietas extremamente deficientes, sem leite, manteiga, ovos, peixes e verduras (A Classe Operária, 6 de novembro de 1948). Despreparados, sem incentivo, enfrentavam um futuro incerto, permeado pelo desemprego e pela insegurança.

Na URSS o panorama era diferente. Os estudantes recebiam o apoio do Estado para estudar, não precisavam correr o risco de abandonar os estudos para trabalhar. No centro do comunismo, a juventude soviética seguia seu futuro sem a escuridão dos países capitalistas.

Ao PCB cabia a nobre tarefa de arrancar, esmagar, aniquilar essas raízes corrompidas da sociedade brasileira; mas na ótica do Partido, ele não estava só, a URSS estava fielmente ao seu lado, pronta para ajudar.

A missão do Partido estava na conquista de uma verdadeira República do Povo, voltada para o atendimento das necessidades e desejos do povo pobre, dos oprimidos e explorados (Voz Operária, 12 de novembro de 1949).

O PCB, no território nacional, posicionava-se a favor de um governo nacionalista, independente, popular e mantenedor de boas relações com os países comunistas. Neste sentido, a ruptura das relações diplomáticas com a URSS foi alvo de uma campanha que defendia a retomada das relações do Brasil com os soviéticos. Parecia inconcebível um país fraturar suas ligações com aquilo que havia de mais progressivo na humanidade.

Nas palavras de Victor Konder, a URSS significava para os “brasileiros, uma visão radiosa do que [poderia ser] o futuro [do Brasil], que [haveríamos] de conquistar com nossas próprias mãos” (Voz Operária, 26 de Novembro de 1949); ou seja, a URSS servia de exemplo, de motivação.

A ruptura significava uma provocação grosseira e estúpida, instigada pelos EUA, interessados na contaminação dessa posição por toda a América Latina (A Classe Operária, 18 de outubro de 1947).

Os soviéticos argumentavam que o Brasil já chegara a reconhecer o regime tirânico dos Czares, porém se recusava a reconhecer o governo progressista de Stálin (A Classe Operária, 1 de novembro de 1947).

A URSS, diferentemente da Rússia czarista, teria extinguido a fome, a pobreza a ignorância, o atraso, por isso precisava de reconhecimento dos brasileiros. Tornava-se contraditório, para o PCB, o Brasil ter reconhecido a Rússia czarista, que estava mergulhada na escuridão, e não reconhecer a URSS, mergulhada no fulgor do progresso.

O Brasil era visto pelo Partido como uma Nação amiga, sem ressentimentos internacionais, mantenedora de relações fraternais com todos os povos do mundo, por isso o não reconhecimento da URSS atormentava os comunistas.

Nesse sentido, um argumento que cobrava de forma incisiva o governo dizia respeito à dívida dos brasileiros para com a União Soviética. A URSS representava o avanço das lutas dos povos de todo o mundo. O país havia conseguido estruturar um Estado realmente popular, representante dos trabalhadores. Essas conquistas já davam créditos à URSS. Além disso, o fato de ter impedido que o mundo penetrasse no caos do nazismo e do fascismo deveria ampliar ainda mais a confiabilidade dos povos na URSS.

O PCB entendia que a *Pátria Socialista*, ao supostamente ter erradicado a exploração

do homem pelo homem, tornara-se uma Nação de todos os povos do mundo:

A União Soviética passou assim a ser a pátria não só de seus quase duzentos milhões de habitantes, mas de todos os explorados e oprimidos da terra - a pátria, a amiga, a aliada (Voz Operária, 12 de novembro de 1949).

O PCB se reconhecia como um fruto direto dessa Pátria: “O partido do proletariado brasileiro, o Partido Comunista do Brasil, foi forjado na época stalinista e à luz dos grandiosos ensinamentos de Stálin” (A Classe Operária 15 de março de 1953).

Os operários brasileiros, por sua vez, estavam ligados à URSS, em virtude do papel dos soviéticos na emancipação da luta da classe operária mundial:

Os operários brasileiros são um destacamento do grande exercito proletário internacional, unido indissolavelmente por interesses comuns. Como seus irmãos de todo o mundo aspiram a uma vida justa e humana, sem exploração nem opressão. Sempre acompanharam com a mais ardente esperança a construção do socialismo e o lançamento dos alicerces do comunismo na União Soviética (A Classe Operária 15 de março de 1953).

Para com Stálin, a noção de gratidão e dívida se estendia:

O povo brasileiro, como os povos de todo o mundo, deve profunda gratidão ao generalíssimo Stálin, o maior capitão da história, comandante invicto dos gloriosos exércitos soviéticos que destruíram o inimigo mortal da humanidade – o fascismo (A Classe Operária 15 de Março de 1953).

Suas ideias serviam de inspiração aos brasileiros:

(...) o camarada Stálin deu a todos os povos oprimidos as armas mais potentes para a sua libertação: as ideias que inspiram e levam à vitória os povos dos países coloniais e dependentes, a estratégia e a tática dos movimentos de libertação nacional contra o imperialismo (A Classe Operária 15 de Março de 1953).

A opinião de que o Brasil tinha uma dívida para com os soviéticos foi um dos meios que o PCB encontrou para pressionar o governo do Brasil e animar a população brasileira para se inclinar ao comunismo. Além disso, reatar relações com a URSS significaria um aumento da própria democracia no país, pois, para os comunistas, quando um país tinha boas relações com esse segmento político, as instituições respiravam maior democracia.

Assim, a fórmula do PCB se desenhava do seguinte modo: o Brasil e os brasileiros não podiam dar preferência aos EUA, verdadeiros destruidores da paz, interessados apenas no lucro e no uso e abuso das nações. Os verdadeiros aliados do povo brasileiro estavam na URSS, Nação interessada na paz duradoura e eficaz, na erradicação das desigualdades, das

dificuldades do Brasil.

Restavam ao Brasil duas opções: 1) continuar caminhando rumo ao martírio, ao lado dos EUA; 2) reconstruir seu itinerário em direção ao paraíso, junto com a URSS.

Até certo ponto, trilhar os mesmos caminhos que os russos trilharam entrava num plano secundário. O trajeto mais urgente estava na valorização e no reconhecimento da URSS, pois os brasileiros tinham uma “dívida” moral, política e intelectual para com o mundo soviético.

CONCLUSÃO

O processo de gestação da Guerra Fria influenciou diretamente a vida política e ideológica do PCB. Além de sua ligação prévia com o mundo soviético, a bipolaridade da Guerra Fria intensificou a propaganda de suas posições acerca da URSS. Resolutos, os comunistas se tornavam árdios defensores do Estado soviético.

Como extensão dessa ambição de propagar a URSS, muitos brasileiros e brasileiras ingressaram nas fileiras do Partido ao terem escutado o seu discurso. A vinculação do PCB com a URSS era aberta para quem se aproximava de sua legenda, e ao depositar confiança no PCB, seus adeptos ratificavam o paradigma soviético. As controvérsias resultavam em expulsões ou rupturas dos que tergiversavam com o projeto.

O desfecho da história do PCB, no pós-guerra, não permitiu ao Partido consolidar e expandir os significativos avanços. Aquilo que a organização conquistou e consolidou, durante um breve momento de legalidade, seria prejudicado pelas forças contrárias ao seu desenvolvimento. Os números, a influência, a participação, a imprensa, as sedes, o conjunto do aparato, sofreram danos irreparáveis.

No intuito de especificar a análise, a presente pesquisa permite apontar outras reflexões.

A investigação sobre o imaginário do PCB a respeito da URSS permitiu aferir que, mesmo sem um controle rígido e direto da URSS sobre o Partido, por meio do Kominform, o PCB não deixou de acenar seu imaginário positivo diante do mundo soviético. Essa adesão foi consciente e se baseou em uma relação de confiança e crença dos comunistas brasileiros nos soviéticos. Além disso, Stálin e o PCUS representavam a experiência real e exitosa dos comunistas, fato que tonificava essa certeza do PCB.

Não se pode negligenciar que existiam outras vertentes no próprio campo do marxismo que criticavam as diretrizes da URSS, mas mesmo assim o PCB ratificou sua fidelidade ao projeto stalinista.

Contemplando e oficializando o stalinismo, a organização transformou os ícones, símbolos e personagens do universo soviético em imagens invioláveis e puríssimas. Com essa imagem positiva, o PCB criou uma perspectiva utópica, mas inspiradora e condutora das aspirações e necessidades, agregando adeptos e propagadores.

Os ramos infraestruturais do país eram reconhecidos como os mais avançados e

racionalmente projetados. A educação e a cultura garantiam pleno e saudável desenvolvimento intelectual e moral para os cidadãos soviéticos. A sociedade soviética atendia integralmente às necessidades dos soviéticos, seja de moradia, seja de emprego ou lazer.

Para o PCB, a URSS inaugurava uma nova etapa na história da humanidade, a construção do socialismo estava caminhando rumo ao comunismo.

Os EUA, diferentemente dessa sociedade planificada racionalmente, representavam a anarquia, o desequilíbrio e o descaso com os interesses populares. Ao almejam uma nova guerra imperialista, colocavam em risco essa nova etapa que os comunistas ansiavam.

Para enfrentar o imaginário anticomunista, o PCB explicou a sua visão dos protagonistas da Guerra Fria, indicando que a URSS representava o “paraíso” e os EUA, o “martírio”.

No Brasil, os embates da Guerra Fria se tornaram importantes fatores que desestabilizaram a inserção e o fortalecimento do PCB no cenário brasileiro. Os setores conservadores do Brasil justificavam o anticomunismo apoiando-se na política externa dos EUA.

Além das dificuldades enfrentadas pelo PCB e independentemente da bipolaridade da Guerra Fria, o Partido demonstrou seu encantamento e devoção ao mundo soviético.

Ao investigar tal processo, tornou-se possível analisar, a partir de um recorte temporal específico, os artifícios da constituição do imaginário do PCB sobre a Nação que polarizou grande parte da história do século XX.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINO, Carlos Gilberto Werneck. Segunda Guerra Mundial. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX**: as grandes transformações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- ALMEIDA, Lúcio Flávio Rodrigues de. Insistente desencontro: o PCB e a revolução burguesa no período de 1945-64. In: MAZZEO, Antonio Carlos e LAGOVA, Maria Izabel (Orgs.). **Corações Vermelhos**: os comunistas brasileiros no século XX. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- AQUINO, Rubim Santos Leão de. Kulak. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX**: as grandes transformações do mundo contemporâneo. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina**: a construção da hegemonia. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- ARBEX JR, José. **Guerra Fria**: terror de Estado, política e cultura. São Paulo: Ed. Moderna, 1997.
- BACZKO, Bronislaw. **A imaginação social** In: LEACH, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985a.
- Disponível em <http://www.scribd.com/doc/12853058/Bronislaw-Baczko-Imaginacao-Social>
- BACZKO, Bronislaw. Utopia. In: **Enciclopédia Einaudi. Anthopos-Homem**. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da oeda, v. 5, 1985b.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O Ano Vermelho**: a revolução russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Ed. Expressão Popular, 2004.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **Conflito e integração na América Latina**: Brasil, Argentina e Estados Unidos. Rio de Janeiro: Revan, 2003.
- BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50)**: as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. Tese de Doutorado, Niterói, 2010.
- BETHELL, Leslie e Ian ROXBOROUGH (orgs.). **A América Latina entre a Segunda Guerra Mundial e a Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BRANDÃO, Gildo Marçal. **A esquerda positiva**: as duas almas do Partido Comunista – 1920/1964. São Paulo: Hucitec, 1997.

- BRASIL. **Mensagens Presidenciais, 1937 a 1954**. Disponível em: <<http://www.crl.edu/pt-br/brazil/presidential>>
- BRASIL. **Relatórios Ministeriais, 1937 a 1954**. Disponível em: <<http://www.crl.edu/brazil/ministerial>>
- BROUÉ, Pierre. **História da Internacional Comunista (1919-1943)**. São Paulo: Sundermann, 2007.
- CARONE, Edgar. **O PCB – 1943-1964. Vol. 2**. São Paulo: Difel, 1982b.
- CARONE, Edgar. **Movimento Operário no Brasil**. São Paulo: Difel, 1981.
- CLAUDÍN, Fernando. **A Crise do Movimento Comunista, Vol. 1 – a crise da internacional comunista**. São Paulo: Global, 1985.
- CLAUDÍN, Fernando. **A Crise do Movimento Comunista, Vol. 2 - o Apogeu do Stalinismo**. São Paulo: Global, 1985.
- CHOMSKY, Noam. **Novas ordens mundiais**. São Paulo: Ed. Scritta, 1996.
- CHILCOTE, Ronald H. **Partido Comunista Brasileiro: conflito e integração**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.
- DAVIS, Horace B. **Para uma teoria marxista do nacionalismo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- DEUTSCHER, Isaac. **Marxismo, guerras e revoluções**. São Paulo: Ed. Ática, 1981.
- DEUTSCHER, Isaac. **Stalin: a história de uma trama – Tomo 2**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1970.
- DIAS, Reginaldo B. **As esquerdas e as ortodoxias marxistas**. Maringá: EDUEM, 2010.
- Dicionário Histórico-Biográfico-Brasileiro**. Rio de Janeiro, Editora FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>
- DUVERGER, Maurice. **Os Partidos políticos**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar Editores, 1980.
- FIGES, Orlando. **Sussurros: a vida privada na Rússia de Stalin**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- FILHO, Daniel Aarão Reis. **URSS: o socialismo real (1921-1964)**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1983.
- FILHO, Daniel Aarão Reis. **Uma revolução perdida: a história do socialismo soviético**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997.
- FERREIRA, Jorge. **Prisioneiros do mito: cultura e imaginário político dos comunistas no Brasil (1930-1956)**. Rio de Janeiro, Ed. Eduff, 2002.
- GADDIS, John Lewis. **História da Guerra Fria**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

- GIANNOTTI, Vito. **História das lutas dos trabalhadores no Brasil**. Rio De Janeiro: Maud, 2007.
- HOBBSAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. São Paulo, Ed. Schwarcz, 2002.
- HOBBSAWM, Eric. **História do marxismo, Volume: VII**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1985.
- JÚNIOR, Roberto Baptista. **Anti-sovietismo: reflexos e práticas compartilhadas de repressão no sistema interamericano**. Tese de doutoramento. Campinas, 2005.
- KAREPOVS, Dainis. **Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938**. São Paulo: Hucitec-Unesp, 2003.
- LIMONCIC, Flávio. American Way of Life. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- LIMONCIC, Flávio. Grande Depressão. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- LIMONCIC, Flávio. New Deal. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- LOURENÇO, Marta Skinner de. Conferência de Bretton Woods. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. Carta ao Congresso. 1922. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/lenin/1923/01/04.htm>>
- LOWY, Michael (Org.). **O Marxismo na América Latina**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- MAGNOLI, Demétrio. **Da guerra fria à detente**. São Paulo: Ed. Papyrus, 1988.
- MÁREK, Franz. Sobre a estrutura mental de Stalin. In: Hobsbawm, Eric (org.). **História do Marxismo**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, v. 7, 1986.
- MORAES, Dênis de. **O imaginário vigiado: a imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1994.

- MORAES, Dênis de. **Imaginário Social e Hegemonia Cultural**. Minas Gerais: 2002.
Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=297>, acesso em: 23 fev>. 2010.
- MARIANI, Bethania. **O PCB e a Imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais 1922-1989**. Rio de Janeiro: Revan, 1998.
- MAZZEO, Antonio Carlos. **Sinfonia Inacabada: a política dos comunistas no Brasil**. São Paulo: Boi Tempo Editorial, 1999.
- MEDVEDEV, Roi A. O socialismo num só país. In HOBSBAWM, E. J. (org.) **História do Marxismo**. V. VII. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. **Em Guarda contra o perigo vermelho**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria: um debate interpretativo. In SILVA, Francisco C. Teixeira (org.). **O século sombrio: uma história geral do século XX**. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2004.
- MUNHOZ, Sidnei J. O Brasil entre os EUA e a União Soviética na gênese da Guerra Fria. In ZHEBIT, Alexander (org.) **Brasil-Rússia: história, política, cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Gramma, 2009.
- MUNHOZ, Sidnei J. Doutrina da Contenção. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- MUNHOZ, Sidnei J. Guerra Fria. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- MUNHOZ, Sidnei J. Plano Marshall. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- NETTO, José Paulo. **O que é Stalinismo**. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1981.
- NEVES, Lucilia de Almeida. **O Partido Comunista Brasileiro: trajetória e estratégias**. In. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo: vol.16, nº. 47, Oct. 2001.
- OHLVEILER, Otto Alcides. **Materialismo histórico e crise contemporânea**. Ed. Mercado aberto, Porto Alegre, 1985.

- PACHECO, Eliezer. **O Partido comunista brasileiro (1922-1964)**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1984.
- PANDOLFI, Dulce Chaves. **Camaradas e companheiros: história e memória do PCB**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- PECEQUILO, Cristina Soreanu. **A política externa dos Estados Unidos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- PEREIRA, Astrogildo. **Ensaio histórico e político**. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.
- PINSKY, Jayme, PINSKY, Carla Bassanesi (org.). **Faces do Fanatismo**, São Paulo, Contexto, 2004.
- PLEKHANOV, G. V. **O papel do indivíduo na história**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.
- PRESTES, Anita Leocádia, **O método comparativo no estudo da história do PCB**, Disponível em www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/comparativopcb_anitaleocadia.doc
- REIS, Daniel Aarão e FERREIRA, Jorge. **A formação das tradições – 1889/1945**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- REIS, Daniel Aarão e FERREIRA, Jorge. **Nacionalismo e reformismo radical – 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- RÉMOND, René (org.). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.
- REZENDE, Renato Arruda de. **1947, O ano em que o Brasil foi mais realista que o Rei: o fechamento do PCB e o rompimento das relações Brasil-União Soviética**. Dissertação de apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFGD. Dourados, 2006.
- RIBEIRO, Vanderlei Vaselesk. Komintern (Internacional Comunista ou Terceira Internacional, 1919-1943). In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- RIBEIRO, Vanderlei Vaselesk. Kominform (Bureau de Informação dos Partidos Comunistas, 1947-1956). In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- RIBEIRO, Jayme Fernandes. **Os “Combatentes da Paz”**: a participação dos comunistas brasileiros na Campanha Pela Proibição das Armas Atômicas (1950). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2003.
- RODEGHERO, Carla Simone. **Capítulos da Guerra Fria no Brasil: o anticomunismo**

brasileiro sob o olhar norte americano (1945-1964). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RODEGHERO, Carla Simone. **Religião e patriotismo: o anticomunismo católico nos Estados Unidos e no Brasil nos anos da Guerra Fria.** Revista Brasileira de História. Volume 22, número. 44. São Paulo, 2002.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200010>

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil.** In MORAES, João Quartim de (org.). **História do Marxismo no Brasil**, Vol. 3. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

SALVADORI, M. A crítica marxista ao stalinismo. In HOBBSAWM, E. J. (org.) **História do Marxismo**, Vol. VII. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

SANTANA, Marco Aurélio. **Homens Partidos: comunistas e sindicatos no Brasil.** Rio de Janeiro: Boitempo, 2001.

SEGATTO, J.A. **Breve história do PCB.** São Paulo: Ciências Humanas, 1981.

SEGRILLO, Ângelo, AQUINO, Maria Aparecida de; AUBERR, Pedro Gustavo; SZABO, Ladislao. **Hungria, 1956... o muro começa a cair.** São Paulo: Contexto, 2006.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

SODRÉ, Néelson Werneck. **Formação Histórica do Brasil.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

SOARES, Maria Celina D´Araújo. **O segundo governo Vargas: 1951-1954: democracia, Partidos e crise.** São Paulo: Ática, 1992

SODRÉ, Néelson Werneck. **Contribuição à história do PCB.** São Paulo: Global Editora, 1984.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil: de Getúlio a Castelo.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

TROTSKY, León. **A revolução permanente.** São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

VIANNA, Alexander Martins. Stalinismo. In SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (coord.). **Enciclopédia de guerras e revoluções do Século XX: as grandes transformações do mundo contemporâneo.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

VICENTINI, Paulo Fagundes. **A guerra fria: o desafio socialista à ordem americana.** Porto

Alegre, Ed. UFRGS, 2006.

FONTES

Arquivos

AMORJ - Arquivo de Memória Operária do Rio de Janeiro

BN – Biblioteca Nacional

CRL - Center for Research Libraries (<http://www.crl.edu/brazil>)

CDO – Central de Documentação da UEM

Documentos Oficiais

Mensagens Presidenciais

Relatos do Ministério das Relações Exteriores

Periódicos

A Classe Operária (PCB)

Voz Operária (PCB)

Revistas

Problemas

ANEXOS

OS SETENTA ANOS DE STALIN

I

QUISERA devolver-te em versos de ouro
o que tu me ensinaste há tantos anos.
Sei no entanto que não posso, ó Stalin,
criador do presente e da esperança.
Minha emoção é como um fio de água
e tu és a torrente de alva espuma. Longe estou.
Não te vejo mas te amo, como o filho ama o pai,
como a Lenin amei no Grande Outubro
como um oprimido ama a Revolução.

II

O dia de cinzas nuvens fará um azul mais doce
e nos mares sorrirão os alegres pescadores
e nas fábricas um hino será cantado ao trabalho.
Tu és o Libertador, queremos-te, velho Koba
no manso peito que a luta retemperou
para a tormenta, nessa longa travessia.
Com o teu nome nos lábios, nesse dia lutaremos.
Tua velhice não é outono, ainda é sonho e primavera
nos olhos, que vêem o futuro. E' sol, algodão nas ramas,
brisa dos trigais maduros que amanhecem na Ucrânia,
pelos ceus falcões de aço devassando o horizonte,
na terra usinas fecundas de que os donos são milhões.
Assim é que te compreendo, tão distante como estou.

III

Fiz este poema para o teu aniversário.
Simples versos. Acho que deve ser assim.
Mas se que levaria anos trabalhando
se tentasse alcançar a altura da tua obra,
teu coração humano e o peito de aço.
Tu me deste a chave do tesouro da vida.
Sei que é curto o tempo e o mar está revoltado,
nas praias de minha terra ontem pensei em ti.
Disse: daqui a um mês o Velho fará anos,
que tenho eu para lhe dar além de uns pobres versos?
Outros lhe darão um abraço, um aperto de mão,
uma palavra apenas pode ser mais calorosa.
Que lhe dirá Voroshilov? Que lhe dirá Mólotov?
A essa hora no Kremlin que estará ele fazendo?
Trabalhando em silêncio? Velará por nós?
Por que associa seu nome a tudo que há de belo?
Por que para ele guardo o mais puro pensamento,
a incontida emoção, a onda azul da praia,
o ar festivo e fino de um domingo no mar?

IV

E' que tu és, Stalin, o presente a esperança.
Modelado por ti, o que antes era informe,
hoje é fremente e vivo em seu eterno calor.
Vejo no seio da massa os rostos operários.
Lembro quando falaste nos dias da invasão.
Em torno era silêncio. E tuas palavras firmes.
Ouvia-se a gota de água cair no fundo do copo.
Hoje fazes setenta anos. Olhas dois mundos
como um jardineiro vê as flores que plantou.
Um mundo triste é menos triste em sua miséria,
no mundo novo a indestrutível flama percorre os corações.
Contemplo tua cabeça envejecida e em teus dias ainda antevejo
com inabaiável certeza stalinista nossos povos rompendo seus grilhões.

AYDANO DO COUTO FERRAZ

EM LOUVOR DE STALIN

«Ergue-te, Oh! luz! — estrela para o povo,
Para os tiranos — lugubre cometa!»

Castro Alves

Contemplo o teu retrato
— estrela nascida em G
na tenda de um sapateiro.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e sinto o meu fragil coração pensando
neste oceano de amargas perscrutações.
Contemplo o teu retrato
Stalin,
com a certeza de que vives
e que as tuas mãos, pacientes, trabalham
para fazer nascer deste pantano sangrento
um mundo alegre e simples como uma planta.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e meu espírito
atravessa noites, atravessa o
vence angústias, cordilheiras e desertos
para divisar a rubra estrela que cintila
— INVENCIVEL —
nas altas torres do Krem/
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e meu coração transpõe esta escura cortina de calúnias
para penetrar na clara fortaleza e de esperança
onde se forja a Nova vida.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e me sinto tranquilo e feliz
porque comandas o barco na Tormenta,
e trabalhas
para nos ajudar a romper estas duas algemas
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
com alegria porque realizas o sonho
de ser Um e Milhões ao mesmo tempo
com a tua inumerável presença em nossas vidas.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e vejo-te, implacável, diante de Wrangel e Denikín
nos dias de cruel combate,
sustentando com os teus ombros
as fronteiras imortais que passam em meu coração.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e vejo-te frente aos marechais de Hitler
para fazê-los retroceder
de golpe em golpe,
derrotados,
até as ruínas fumegantes da *Palazzo de Berlim*.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,

e vejo-te, — oh! pulso multiplicado!
oh! Gigante da Geórgia! —
lançando sobre os invasores
a furia fulminante dos teus relâmpagos mortais.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e vejo-te de pé sobre o feio mundo
proclamando a tua confiança na classe operária
— mar que corroi os alicerces
deste negro presidio de verdugos.
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
e te bendigo por saber que viver
— necessário e nobre
como o pão, a esperança e a água
tão confortador como a certeza
de que entre lágrimas e clamores — amanhece...
Contemplo o teu retrato,
Stalin,
E te bendigo
porque trabalhas — silencioso e obstinado
Como a Semente.

Escuta a minha voz
repleta de amargura
pelos mortos que ainda não pudemos sepultar.
Escuta a minha voz
através destas grades e misérias
que derrubaremos com esperanças e com lutas
para construir em seu lugar
um pouso de verde alegria!
Desperta em mim
uma indomável audácia
para dar as mãos, o cérebro, o coração e a vida
no caminho que ao teu exemplo me conduziu.
Escuta a minha voz
vai também no meu canto
a voz dos camaradas
que aqui tombaram na luta.

Na Grecia martirizada,
na indomada Indonésia,
na invencível Espanha,
na renascida China,
entre rosas de sangue e de esperança,
os guerrilheiros te saudam:
«Longa vida para Stalin!»
Longa vida te desejamos
para que reine a Paz no mundo.
Paz para que todos os povos se libertem,
paz para que as sementes perminem,
paz para que se multipliquem as espigas,
paz para que a juventude do mundo te agradeça
milhões de vidas poupadas!
Longa vida te desejamos, Stalin
— estrela nascida em Gori
— na tenda de um sapateiro.

Rossine Camargo Guarnieri

ODE AO 70º ANIVERSÁRIO DO GRANDE STALIN

«Quem quer que sejas, a melhor parte do vosso destino está nas mãos deste outro homem que vela também sobre todos, e que trabalha — o homem que tem a cabeça do sábio, rosto do operário, e o traje simples do soldado». — BARBUSSE.

NÃO desejo em metal imperecível
gravar as tuas horas imortais,
nem pintar com palavras o teu vulgo.

Não cantarei a rubra madrugada
que tuas mãos construíram de certeza
— desde Gori à manhã de Stalingrado.

Não contarei das dores que venceste
até te converteres nesse pincel
beijado das mais puras esperanças.

Não direi do diamante que riscou,
no inviolado cristal de mil caminhos,
num rufar de asas, nossa posição.

Nem o rumor dos passos redentores
no coração da selva mais profunda
do outrora que é agora o amanhã.

Rio de lutas, vulcão irrepresável,
setenta anos se espraiam pela História
sem medo, hesitação ou desespero.

Setenta anos se erguem do impossível,
em maduros trigais onde era noite,
em claro dia onde era indecisão.

Palmilharei montanhas que caminham
E, em rios que o curso mudam, vogarei
esse barco invencível que me dás.

Lavado olhar, que vejo no meu filho,
contempla no presente o amanhecer
que já traz o perfume do futuro.

A mão que escreve o poema, luminoso,
sente a brisa da aurora que conduzes
rocar de levê o sonho que sonhava:

— Oferece-te então estrelas, rosas,
rios de silêncio, lágrimas, amor
em cujos galhos gorgeliam,

Tudo isto te trago neste dia
— ó grande roble setuagenário —
a cuja sombra cantam os poetas,

em cujos galhos pesados gorgeliam,
enquanto nasce — virginal Poesia —
beijada de luar, em mãos de — AÇO.

ARY DE ANDRADE